

---

INSTITUTO SUPERIOR DO TRABALHO E DA EMPRESA

Departamento de Antropologia



***A apropriação do apelativo Caramelo na  
Construção Identitária do Pinhal Novo***



Teresa Sampaio

Tese submetida como requisito parcial para obtenção do grau de  
Mestre em Antropologia: Património e Identidades

Orientador:

Professor Doutor Joaquim Pais de Brito

Fevereiro/2009

---

***Dedico***

Ao Rafael e Rodrigo por existirem para além da memória;

Ao Pedro por estar sempre presente na memória de mim;

Ao João que ainda brinca;

Ao Luís por partilhar as suas memórias;

Ao Herculano, que recordo sempre. Com saudade.

### *Agradecimento*

A função de um orientador é absolutamente fundamental na escrita de uma dissertação. Verifiquei que não é essencial que esteja permanentemente presente, que transmita indicações claras ou defina linhas de trabalho precisas. Cabe-lhe a função de sujeitar o investigador ao seu próprio processo de aprendizagem, permitindo-lhe que construa, com base nos erros e descobertas, avanços e retrocessos, um caminho. E por ter desempenhado com exactidão esse papel agradeço, em primeiro lugar, a Joaquim Pais de Brito.

Para além de ser produto de todas as leituras, análise de texto e comparações empíricas, a reflexão surge espontaneamente a partir de momentos de partilha do quotidiano. Agradeço, assim, às pessoas que comigo partilham o esforço de estudar e agir em prol de um território. Pessoas extraordinariamente criativas, dinâmicas, sempre presentes. É com elas que aprendo e cresço profissionalmente, em cada novo projecto, tendo por base a insatisfação. Uma vontade comum de chegar mais longe.

Não poderia deixar de agradecer às pessoas que me deram a oportunidade de fazer uma viagem pelas suas memórias, boas e más. Memórias de si e do lugar de habitam: Benilde, Belmira, Joaquim, Gertrudes e Francisco, Emília, Maria Amélia, Rafael, Belmira, Fernando, Gabriel, Firmina, Ofélia, Idalécio, António, Estanislau, Porfírio, Sebastião, António e a todos os alunos do Ensino Recorrente. Obrigado.

Agradeço, finalmente, ao Lúcio e à Patrícia.



## ***Resumo***

Pinhal Novo é uma vila que, estando situada na margem sul da Área Metropolitana de Lisboa, aposta na implementação de estratégias sociais e económicas com o objectivo de ocupar um lugar de destaque face às restantes freguesias do concelho de Palmela e aos concelhos vizinhos. A evocação da história, tradições e memórias são as ferramentas simbólicas que o território utiliza para reivindicar uma posição e sublinhar o seu desenvolvimento enquanto centro urbano.

O apelativo caramelo, cuja origem se confunde com a própria origem do lugar, traduzia inicialmente os trabalhadores rurais da Beira Litoral que, em séculos anteriores, para ali vieram ganhar sustento. Na década de 80 do século passado, o termo sofreu um processo de transfiguração passando a justificar a existência de uma consciência colectiva do território, actuando e exibindo-se publicamente. O apelativo tem vindo a constituir-se como a zona imaginada da história do lugar e da identidade territorial, autenticado e postulado pela eficácia do aparato simbólico que o produz. E este campo simbólico é domínio de vários protagonistas que concorrem para a fabricação e revitalização cultural.

Esta tese pretende apresentar a forma como o território, a partir do apelativo caramelo, se posiciona como centro urbano, num processo de Construção e Representação de Si.

## **Palavras-Chave**

Território - Apelativo Caramelo - Identidade - Memória Colectiva - Construção e Resignificação Cultural - Património Cultural - Performances - Actores Sociais

## ***Abstract***

Situated in the south shore of Lisbon's Metropolitan Area (AML), the town of Pinhal Novo makes a clear bet in the development and implementation of social and economical strategies, with the purpose of occupying a leading place, face to the remaining clienteles of Palmela's municipality and, also, face to the neighbouring municipalities.

History, traditions and memories are the symbolic tools used by the territory to demand a position and to bring out its development as an urban centre.

The "*caramelo*" appeal, whose origins are deeply related with the origin of the town, was an expression initially used to describe the rural workers of the Beira Litoral region who, in previous centuries, had travelled there, searching for work and a way of living. In the 80's of the last century, the term suffered a transfiguration process, justifying the existence of a territorial collective conscience, with public activity and notoriety. This appeal has become the imaginary zone of the place's history and territorial identity... an identity authenticated by the effectiveness of the symbolic apparatus which produces it. And this symbolic field is the domain of characters concurring for the cultural creation and revitalization.

This thesis intends to present the way as the territory, from the "*caramelo*" appeal, positions itself as an urban centre, in a process of self Construction and Representation.

## **Keywords:**

Territory – "*Caramelo*" Appeal - Identity - Collective Memory - Building and Cultural Revitalization - Cultural Heritage - Performances - Social Actors



## ÍNDICE:

<b>AGRADECIMENTO</b> .....	II
<b>RESUMO</b> .....	IV
<b>ABSTRACT</b> .....	V
<b>ÍNDICE</b> .....	VII
<b>ÍNDICE DE FIGURAS</b> .....	VIII
<b>Introdução</b> .....	1
<b>I – Dimensões Espaço e Tempo na Composição do Apelativo Caramelo</b> .....	13
Dimensão do Tempo .....	14
O Espaço – Território de análise .....	17
O apelativo Caramelo no espaço e no tempo .....	24
Notas Finais .....	27
<b>II – Pinhal Novo. Construção e Reconstrução de um Espaço Social</b> .....	29
Contexto territorial e dados estatísticos .....	30
Breve resenha histórica da freguesia .....	32
A vila de Pinhal Novo na sua relação com o apelativo Caramelo .....	44
Notas Finais .....	54
<b>III – Narrativas, Performances, Materialidade e Imaterialidade do Lugar</b> .....	57
Poder Político .....	60
Movimento Associativo .....	64
Festas Populares .....	67
Ilustres locais .....	68
Património Cultural Local .....	72
Inquérito Prévio ao Museu Municipal de Pinhal Novo .....	75
Consumo Cultural .....	77
Blogue Caramelo .....	79
Notas Finais .....	85
<b>Reflexões Finais</b> .....	87
<b>Figuras</b> .....	91
<b>Bibliografia</b> .....	111

## ÍNDICE DE FIGURAS

<b>Figura 1</b> – Mapa do Distrito de Setúbal .....	92
<b>Figura 2</b> – Mapa do Concelho de Palmela .....	92
<b>Figura 3 / 4</b> – Famílias de trabalhadores rurais .....	93
<b>Figura 5 / 6</b> – O quotidiano da Herdade de Rio Frio .....	94
<b>Figura 7 / 8</b> – <i>Malta da Caldeira Aberta</i> .....	95
<b>Figura 9</b> – Descamisa do Vinho .....	96
<b>Figura 10</b> – Vindima .....	96
<b>Figura 11</b> – Apanha da Azeitona .....	97
<b>Figura 12</b> – Extracção de Cortiça .....	97
<b>Figura 13</b> - Registo de Propriedade <i>Colónia Agrícola ao Pinhal Novo</i> .....	98
<b>Figura 14</b> – Planta de uma casa de tipologia caramela .....	99
<b>Figura 15 à 17</b> – Aspectos de uma casa de tipologia Caramela .....	99
<b>Figura 18 à 20</b> – A Imprensa Local .....	100
<b>Figura 21 / 22</b> - O apelativo e a critica social .....	101
<b>Figura 23 / 24</b> - Exemplos de utilização do apelativo .....	101
<b>Figura 25 / 26</b> - Exposição “Memórias do Habitar – Cultura Caramela” .....	102
<b>Figura 27</b> - O Reencontro .....	103
<b>Figura 28 à 30</b> - Concurso do Traje Caramelo .....	104
<b>Figura 31 / 32</b> - Programa da Festa Populares de Pinhal Novo .....	105
<b>Figura 33 / 34</b> - Pavilhão Institucional da Câmara Municipal na Festa Popular .....	106
<b>Figura 35 à 38</b> - Espaço de gastronomia da Festa Popular de Pinhal Novo .....	107
<b>Figura 39 / 40</b> – Utilização do apelativo Caramelo na Festa .....	108
<b>Figura 41 à 44</b> - Ensino Recorrente. Recriação do quotidiano .....	109



## ***Introdução***

As identidades são ambíguas. Formalizar através de discursos, práticas, narrativas, patrimónios materiais e imateriais, um conjunto de significações colectivas, pressupõe uma rede de relações dinâmica, omnipresente, capaz de mobilizar e de articular vontades, interesses, necessidades. Tratando-se Pinhal Novo de um território nascido há pouco mais de um século, produto de uma intensa mobilidade demográfica, a exaltação de uma identidade colectiva adquire ainda maior complexidade. É no sentido de compreender as dinâmicas subjacentes à configuração identitária deste território que surge o presente trabalho.

O objectivo deste estudo foi apreender os processos de definição e reprodução de simbologias colectivas que têm por base a prevalência e exaltação de um apelativo. Apelativo de origem rural que, como teremos oportunidade de demonstrar, foi alvo de uma transmutação de sentido e de valores, numa emergência eficaz no contexto da urbanidade.

O apelativo Caramelo em articulação com o seu território de referência constitui o objecto de estudo desta dissertação. A problemática foi sendo definida no espaço de dois anos (2002 – 2004) através de pequenas incursões ao terreno no âmbito de uma actividade profissional. Primeiramente, de forma intensa e sistemática, que gradualmente se foi tornando em aproximações esporádicas, acabando por se fixar em pequenos exercícios reflexivos de memória sempre que surgiam oportunidades. Esta situação deve-se à dificuldade de centralizar esforços, com alguma continuidade, no sentido de aprofundar determinadas temáticas de análise, em detrimento de outras tantas que interpelam os municípios. Foi sob o chapéu da Cultura Caramela que foi realizada a primeira experiência de trabalho de campo na Divisão de Património Cultural do Município de Palmela. É convicção de que foi uma primeira experiência muito deficiente, repleta de dúvidas a cada passo dado. Hoje, embora seja possível conceber que essa experiência foi determinante para a actual reflexão, serenamente é também possível concluir que, num regresso atrás, algumas vezes teriam sido tomados outros caminhos, sobretudo no que se refere à relação com o objecto de estudo. E o presente trabalho surgiu efectivamente da necessidade sentida de reavaliar a investigação, retomando-a.

Dado este precedente da pesquisa, não foi fácil, ou claro, definir o presente projecto de estudo. É a teia intrincada do confronto entre a realidade e o pensamento que faz

corresponder o início da objectificação do estudo a um martírio permanente. Esta identidade que se desenha, se reconfigura, se procura, num campo instável de transformação e fracturas é, ela própria, campo de uma tensão dramática, exaltante ou angustiada de confronto com o outro. (Brito, 2006: 44)

Mas foi a partir do ponto de viragem alcançado pela clarificação dos objectivos que a pesquisa tomou forma através de um processo maioritariamente de exclusão. Caminhos que foram rejeitados, ramos desnecessários que se podaram fortificando o tronco central da descoberta. Num processo de simplificação.

As primeiras questões que surgiram foram: como abordar o objecto de investigação se as autarquias são forças politizadas, fortemente orientadas em função da ideologia que representam? Como resolver a ambivalência de funções e de interesses? Como, por um lado, dar resposta ao que é solicitado profissionalmente, por outro, apreender de forma isenta e distanciada as dinâmicas inerentes à fabricação de identidades colectivas, produto, em grande medida, das relações de poder?

A dada altura da investigação foi possível concluir que a posição de investigador profissional numa autarquia constituía em si uma mais-valia. O facto de estar na centralidade das dinâmicas que envolvem a formulação e formalização deste apelativo, sobretudo no que diz respeito ao acesso privilegiado aos actores sociais intervenientes no processo, permite dotar a pesquisa de instrumentos práticos e teóricos determinantes para a compreensão do fenómeno. É já certa, como se pretenderá demonstrar, a importante centralidade que este apelativo assume nos discursos políticos e associativos na freguesia de Pinhal Novo e no concelho de Palmela, do qual faz parte. E ao longo da actual pesquisa foi possível constatar que, estando no seio da estrutura institucional, o acesso a um conjunto de redes de negociações intrínsecas ao processo social, político e cultural foi facilitado. E foi desta forma que a investigação foi retomada, sob a clara perspectiva de que o investigador está dentro do próprio processo de construção do apelativo, e essa transparência permitiu delinear as escolhas metodológicas e analíticas. Ainda no âmbito da clarificação da relação entre o investigador e o objecto, é importante introduzir outro factor que parece ser determinante: o antropólogo nativo. Será o antropólogo nativo capaz de apreender a realidade na qual está inserido? Conseguirá o antropólogo nativo estabelecer um discurso coerente sobre o trabalho de campo? Ser-lhe-á permitido percorrer todos os caminhos, apresentar todas as conclusões? Que constrangimentos, locais, podem condicionar a investigação?

Mascarenhas-Keyes (1987) problematizou estas questões no âmbito do trabalho de campo que levou a cabo em Goa. Na sua opinião, o antropólogo nativo cria um conflito entre o nativo “*native Self*” e o “*professional Self*”, no sentido em que a recolha de informação num local onde o antropólogo é visto como pertença e não como alguém com o distanciamento necessário para lhe ser reconhecida competência. Presa numa *multiple-bind situation*, considerou que seria vantajoso adoptar uma estratégia *multiple-native*, agindo como se fosse uma espécie de camaleão cultural, onde em cada contexto cultural adoptava atitudes comportamentais/performativas completamente distintas na procura de credibilidade, aos olhos do outro.

O presente trabalho foi realizado sob uma diferente perspectiva. É de destacar que se parte do pressuposto de que o antropólogo, enquanto nativo, se assemelha a todos os outros nativos. Na maioria das vezes possui apenas um conhecimento supérfluo da realidade em que se move. Não a questiona e não a problematiza porque a pesquisa apenas é iniciada com o trabalho de investigação através das incursões ao terreno, definidas em função de objectivos específicos num cronograma de trabalho, assim como das leituras e opções que derivam da subjectividade do antropólogo. Esta sistematização é ainda aliada à experiência pessoal única que é causa e consequência do trabalho de campo, e a articulação entre estes factores coloca todos os exercícios etnográficos num mesmo patamar, e é nesse patamar que o antropólogo se posiciona, nativo ou não. Outro factor concorre para que se considere igualmente válido e metodologicamente equivalente o exercício etnográfico numa sociedade nativa. O antropólogo ao surgir como profissional na sua própria sociedade, reconfigura-se e torna-se um *outsider*. A forma como vai tentar absorver e compreender a informação, as questões que vai colocar, as performances que são outras, que não as suas enquanto indivíduo, vão suscitar performances também distintas nos locais, mesmo que ambos partilhem alguma intimidade.

Assim, é convicção neste trabalho que a proximidade vai dar lugar ao distanciamento que é considerado necessário no âmbito de um trabalho de investigação. E, finalmente, embora seja evidente que o antropólogo nativo se move numa esfera de relações de proximidade das quais não consegue nem se deve distanciar, esteve sempre presente a importância de uma metodológica devidamente fundamentada, e a consciência dos condicionalismos que envolvem o trabalho de campo.

Assim, no contexto dos resultados desta pesquisa assumo que coloquei a minha própria experiência de vida e coloquei-me a mim na investigação porque não me é possível

definir um caminho sem me levar como co-piloto. Não me é possível apreender, sem os sentidos que me definem e me absorvem. Porque uma pesquisa é sempre, e de alguma forma, um relato de longa viagem empreendido por um sujeito cujo olhar vasculha lugares já muitas vezes visitados. Nada de absolutamente original, portanto, mas um modo diferente de olhar e pensar determinada realidade a partir de uma experiência e de uma apropriação do conhecimento que são, aí sim, bastante pessoais. (Duarte: 2).

\*\*\*\*

Se isto se passa relativamente ao processo de investigação propriamente dito, no que diz respeito à definição do objecto de estudo as maiores dificuldades prendem-se com a não capacidade de determinar previamente, com a transparência e objectividade que se pede, o próprio objecto. E esta incapacidade do investigador surge em situações inversas: nas situações em que pouco conhece sobre o tema e, nesse caso, se deixa envolver por uma multiplicidade de estímulos exteriores que surgem como possibilidades inesgotáveis de caminhos de abordagem; e nas situações em que, tendo previamente construído o objecto, fica dificultada a necessária tarefa de delimitação que provoca, no decorrer da pesquisa, um sentimento de amputação. Bourdieu assinalou esta dificuldade ao afirmar que a objectivação da relação do sociólogo com o seu objecto é a condição de ruptura com a propensão para investir no próprio objecto, que está sem dúvida na origem do seu interesse pelo objecto (Bourdieu, 1989: 58). Mas, o que verdadeiramente impede a clarificação do objecto de estudo no campo da Antropologia, é o próprio objecto que está em permanente construção, que vive e respira no espaço e no tempo presentes. E esta dinâmica impossibilita que o universo de estudo possa ser, *a priori*, definido com rigor e em toda a sua amplitude.

No caso específico do apelativo caramelo, ele possui um referencial simbólico próprio utilizado pelo poder político e pela população em geral o que, aparentemente, lhe atribui alguma simplificação. Todavia, algures no processo de investigação, surgiu o alerta para o facto do discurso presente nesta dissertação se confundir com as narrativas identitárias da realidade que se pretende analisar. O discurso fornecia ao leitor não uma problematização, mas o espelho da visão que a comunidade transmite de si própria.

No sentido de engendrar um exercício de distanciamento absolutamente necessário é, portanto, essencial definir o conceito central da pesquisa, tal como deve ser lido no contexto deste trabalho. A clarificação do conceito orientará tanto o leitor como o próprio investigador no decorrer dos capítulos que se seguem. A ausência desta

clarificação produziria, certamente, um emaranhado tal que a voz desta pesquisa se confundiria com a voz da própria comunidade.

O que se entende, então, por apelativo caramelo nesta dissertação?

O apelativo caramelo é concebido como sendo o apelativo que expressa e congrega o conjunto de narrativas e práticas da comunidade de Pinhal Novo, sobre si própria e sobre a sua relação com os outros, na contemporaneidade. É o termo que designa o discurso de poder, estruturante e estruturado, que surgiu a partir de intenções claras de reivindicação identitária do lugar. Designa o processo simbólico de construção e reconstrução social, cultural e político, estrategicamente delineado, levado a cabo pelos actores sociais. É elemento unificador, factor de coesão de um grupo recentemente formado, dada a sua origem histórica recente e a multiplicidade de referências geográficas que o compõem. É uma construção que, através da apropriação e (re)significação de memórias individuais - e da selecção dessas memórias num processo que é, simultaneamente, de esquecimento - tem como finalidade a exaltação da urbanidade, contribuindo para a sua concretização.

Tendo como referência antigos modos e hábitos de vida rural, num complexo processo de inversão de significados, que expressa um nostálgico sentimento de continuidade histórica com as gerações passadas (Raposo, 2002: 24), o apelativo caramelo redimensiona-se como factor de modernidade, personificada na figura máxima do Caramelo - todo e qualquer habitante de Pinhal Novo. É, finalmente, uma fabricação estrategicamente delineada através de processos de intensa visibilidade, que mobiliza sentimentos de pertença e publicita uma identidade pública (Raposo, 2002: 24).

São evidentes os paralelismos que podem ser feitos entre as narrativas sobre os Caramelos e os Saloios. Embora o estudo sobre os Saloios tenha vindo a ser mais exaustivo, com um grande número de publicações editadas, e o estudo sobre os caramelos, embora igualmente alvo de interesses académicos e autárquicos, denote ainda insuficiências e pouca diversidade de abordagens, existem semelhanças óbvias. Ambos são conceitos que têm como objectivo traduzir a identidade de uma determinada região; ambos surgiram como termos pejorativos que designavam os habitantes do campo por oposição aos da cidade<sup>1</sup>; ambos se referiram ao habitante da periferia; em

---

<sup>1</sup> Falamos de Lisboa e de Pinhal Novo. E se bem que Pinhal Novo não seja cidade, é certo que, desde a sua origem, esteve sempre associada a factores de desenvolvimento. No início do século passado, em concomitância com a sua própria origem, tornou-se no principal centro ferroviário ao sul do país. Hoje, assume-se como a freguesia mais urbana do concelho de Palmela, com fortes reivindicações para ascender a cidade.

abordagens sobre uns e outros encontramos o mesmo nível de descrição e de generalizações:

O **saloinho** é immundo como o que há de mais immundo, e o seu elemento principal é a immundicie. (Câmara Municipal de Loures, 1999, 53)<sup>2</sup>

As mulheres [**caramelas**] são anafadas, de rostos corados, pele tisonada pelos sóis de toa a estação, suor sempre lépido a saltar dos poros. Quando vão à cidade, trajam blusa e saia de cores berrantes, amarelo ruivo, vermelho, azul eléctrico, verde de prado, com muitas rendinhas e entremeios, lenços garridos, sapatos atamancados. (Fortuna, 1997: 47)

São [os **caramelos**], portanto, extremamente rudes, não por cálculo, mas por educação natural, diremos tradicional. Não há grande afectividade dentro das famílias e o que mais admira, dada a usa procedência de populações devotas, é a perda completo do seu espírito religiosos. Não rezam, não vão à missa, não baptizam os filhos nem casam na igreja. Perderam-no por assimilação aos naturais, que o não tinham. (*idem*: 48)

Ambos sofreram, a dado momento, um processo de inversão tornando-se conceitos positivamente discriminadores, elemento de exaltação da diferença; em ambos os casos encontramos a procura pelo significado associado à origem do termo<sup>3</sup>; ambos são compostos por um campo simbólico próprio que pretende atribuir-lhes sustentabilidade e legitimidade (momentos cíclicos de celebração, linguagem, traje, gastronomia, promoção de produtos locais, entre outros).

Podemos ir ainda mais longe. Encontramos nos dois casos a procura da definição de uma habitação típica<sup>4</sup>. A casa saloia e a casa caramela são pormenorizadamente descritas como elemento legitimador, no presente, de um passado de referência. Ambos os apelativos são facilmente associados a manifestações de carácter religioso – os círios<sup>5</sup>

---

<sup>2</sup> Citad. da publicação *Physiologia do Saloio*. Lisboa: Livraria Central, 1855. Embora a publicação seja anónima, atribui-se a sua autoria a A. da Cunha Sotto Mayor.

<sup>3</sup> Se a origem árabe do termo saloio parece ser consensual, o mesmo não se passa com a designação Caramelo.

<sup>4</sup> São sobejamente conhecidas as publicações sobre os Saloios, não se mostrando necessário adiantar aqui bibliografia de referência. Quanto aos caramelos fazemos referência a Fortuna (1997); Sampaio (2005) e Farinha (2004).

<sup>5</sup> Dias distingue os círios dos caramelos, dos restantes que participam na Festa em honra da N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Atalaia, no Montijo. Segundo o autor, os círios da Carregueira, Olhos d'Água, e o Círio Novo são precisamente os círios descendentes dos caramelos. O autor afirma ainda que “em matéria de religião, os

- que se traduzem por ciclos, num calendário rural, de exaltação da solidariedade do grupo e de apresentação pública de papéis e estatutos sociais, no contexto do grupo. Ambos são tema central de encontros e outros eventos apoiados institucionalmente, onde se procura aprofundar o conhecimento sobre os apelativos e se procedem a tentativas de delimitação geográfica do fenómeno, assim como de uma região capital.

Ilustremos com alguns exemplos:

Não há dúvidas que existe uma identidade **salioia**, afirmada durante séculos (...) Gentes que são etnicamente diferentes de outras pessoas.

(Matos, 2000: 35 - 36)<sup>6</sup>

Creemos que sim. Se hoje se pode falar em **salaios**, estes são, com certeza, os mais legítimos representantes da raça.

(Sousa in Ribeiro, 1999: 68)<sup>7</sup>

Dizer somos **Salaios** é uma afirmação que, no Museu Municipal de Loures, nos honra.

(Assunção in CM Loures, 1999:12)<sup>8</sup>

Por minha parte, continuo a considerar como **caramelos** aqueles que, a si próprios, reclamam essa referência valorizada e que só tenho conseguido encontrar aqui por estas bandas de Entre Tejo e Sado.

(Cabrita, 1999: 37)<sup>9</sup>

torna-se razoável aceitar uma “**região folclórica caramela**” deduzida a partir da teia de interações culturais de cariz popular, realizada no espaço da nuvem de sítios onde há memória do destino de migrantes gandareses que se reconhecem por caramelos.

(idem: 39)

---

caramelos, moradores no campo, longe dos templos, dispendo de maus caminhos e sem transportes, em geral, não iam à missa dominical, nem casavam ou baptizavam os filhos pela Igreja. A sua religiosidade manifestava-se sobretudo, na presença anual nas romarias da região, em especial, na Festa Grande, na Atalaia, para a qual se preparavam o ano inteiro e onde participavam activamente nas cerimónias religiosas de cunho mais pagão.” (2000: 28).

<sup>6</sup> Comunicação apresentada durante as III Jornadas sobre a Cultura Salioia, no Museu da Loiça de Sacavém.

<sup>7</sup> Texto integrante na publicação “Somos Salaios”, editada pela Câmara Municipal de Loures.

<sup>8</sup> Citação retirada do texto introdutório da publicação “Somos Salaios”, editada pela Câmara Municipal de Loures.

<sup>9</sup> Comunicação apresentada nas Jornadas da 1º Eira Folclórica da Região Caramela.

Finalmente, embora os termos continuem a ter como referência o passado rural, sofreram uma metamorfose profunda tendo passado a designar os residentes do lugar urbano. Na verdade, é na *cidade* que o apelativo caramelo se exhibe com todos os apetrechos simbólicos que o compõem. Já não tem como função identificar a dicotomia entre o rural e o urbano, mas ser elemento de coesão num contexto de urbanidade crescente. Contexto que parece acreditar que depende deste referencial para assumir um lugar de destaque no mundo globalizado. O apelativo constrói-se no urbano, é consequência deste.

\*\*\*\*

Pinhal Novo é a freguesia do concelho de Palmela que mais se desenvolveu nestas últimas décadas. Com uma história recente, tomou hoje em dia a forma de um considerável núcleo urbano de população jovem, descendente de migrantes originários de diversos locais como o Algarve, Alentejo e Beira Litoral. Este crescimento em poucas décadas transformou completamente o rosto do lugar que acolhe uma multiplicidade de representações e significados. Em Pinhal Novo, nestes tempos de mudança apressada, a conquista do espaço social passa pela busca de origens e tradições. Assim, para além do pulsar do património ferroviário, a cultura caramela tem sido reconstruída como a identidade colectiva mais vibrante e dinâmica do território. Esta dinâmica é evidente até para os olhares mais distraídos. Basta assistirmos a alguns eventos da região para imediatamente sermos confrontados, de uma maneira sem igual na história deste povo, com a evocação permanente deste apelativo.

Não cabe nesta análise descobrir a origem histórica dos caramelos porque tal ambição apresentar-se-ia como uma tarefa impossível de concretizar no tempo limite da investigação. O objectivo não é, efectivamente, fazer uma análise dos comportamentos demográficos que possam estar na base da construção do apelativo, embora se pretenda dar conta do impacto que a migração teve no local, no sentido de que condicionou a evolução e a estrutura demográfica da freguesia. Caberá, isso sim, dar conta das diferentes percepções do fenómeno através da apreensão da voz dos diversos actores sociais, e compreender a forma como este apelativo tem sido institucionalizado enquanto identidade do lugar. Importa apreender as actuais dinâmicas de que o território se apropria com o objectivo de perpetuar as memórias estrategicamente seleccionadas e reconstruídas, fazendo-as incorporar nas memórias e experiências de outros que hoje habitam o território.

Algumas questões orientaram a pesquisa. Foi intenção verificar se Pinhal Novo sentiu

necessidade de se constituir a si própria enquanto território através do recurso ao processo de formalização do apelativo caramelo. Apelativo que foi sendo reformulado e reconfigurado por meio de um sistema de negociações onde intervêm todos os níveis da sociedade, de modo a que a Cultura Caramela se constitua como o elemento fundamental e unificador da população de Pinhal Novo. Durante o percurso foi fundamental perceber que memórias foram/são reestruturadas, revitalizadas, reconfiguradas. Assim como as memórias que se pretendem esquecer numa localidade com um forte impulso urbano.

No sentido de avaliar a questões apresentadas, este trabalho recorreu à sistematização dos dados recolhidos nos dois primeiros anos que precederam a actual pesquisa. Em 2002, o trabalho de campo teve início com o reconhecimento do vasto território do concelho, tendo sido estabelecidos limites que acabaram por incidir na freguesia de Pinhal Novo. Esta delimitação do terreno foi construída a partir das evidências recolhidas que apresentavam Pinhal Novo como o lugar onde o destaque dado a este apelativo se mostra mais evidente. Porém, não foi uma posição pacífica. O presidente de outra Junta de Freguesia oficializou a sua posição, junto da autarquia, reclamando para o seu território a autonomia deste apelativo. Pode ler-se no site do Agrupamento de escolas da edilidade a seguinte frase sobre a origem do lugar: As populações de Rio Frio e de Poceirão identificam-se com a denominada “cultura caramela”. Chamados para desempenhar tarefas sazonais, na sua maioria, eram apelidados de caramelos de ir e vir. Os que se fixavam por ali eram conhecidos pelos caramelos de estar.<sup>10</sup> De modo a tentar compreender os argumentos apresentados e porque interessava, à própria investigação, tomar contacto com as diferentes percepções que no território se fazem sobre o tema, foi necessário realizar uma deslocação ao terreno. Durante um dia foram percorridos os caminhos do lugar, através de uma visita orientada pelo próprio presidente que ia apresentando o que considerava ser exemplo da presença caramela, que reivindicava. Apesar deste momento se ter traduzido numa importante aprendizagem sobre os interesses e vontades que sustentam uma apropriação identitária, a pesquisa acabou por centrar-se efectivamente no lugar da freguesia de Pinhal Novo. Metodologicamente, a delimitação deste recorte etnográfico (Magnani, 2002) fundamentou-se no facto da Herdade de Rio Frio, pólo aglutinador do fluxo migratório para a região no final do século XIX até primeira metade do século XX, se concentrar sobretudo nos limites do que é hoje a freguesia. Esta fronteira nasceu também da necessidade prática de limitar a

---

<sup>10</sup> [http://www.agrup-esc-marateca-poceirao.rcts.pt/freguesia\\_poceirao.htm](http://www.agrup-esc-marateca-poceirao.rcts.pt/freguesia_poceirao.htm)

investigação a um espaço objectivo onde o estudo se possa movimentar sem perder a orientação. Nasceu da necessidade de tentar chegar ao concreto, ao não vago. Nasceu da assumpção de que o tempo de que a pesquisa dispunha não possibilitava devaneios reflexivos, ao ponto de querer atingir o inacessível.

Assim, este foco de abordagem perfeitamente delimitado permitiu seleccionar um conjunto de informantes aos quais foram realizadas entrevistas semi-estruturadas. O recurso à recolha de memórias junto da comunidade em análise foi essencial dado que o objecto trata de um passado recente, ainda passível de ser transmitido pela voz de quem vive. Num primeiro momento foram estabelecidos contactos com grupos de alunos do Ensino Recorrente, em aulas de período nocturno, nas cinco escolas que leccionam. Duas das escolas estão sediadas no núcleo urbano, as restantes em contexto rural. As primeiras entrevistas em grupo permitiram recolher um volume considerável de informação - alguma avulsa, confusa e indefinida, outra muito esclarecedora. Mas, para além da recolha de informação, foi também possível criar laços com os informantes considerados fundamentais, dada a sua envolvência com o tema, clareza de discurso e disponibilidade. Posteriormente, foram realizadas entrevistas individuais com os seleccionados, nas suas próprias casas. Uma das informantes aceitou, inclusive, (re)visitar locais das suas memórias, in situ. O resultado desta recolha, pretende, no presente trabalho, apresentar formas de interpretação e de leitura do território, expressas na experiência do testemunho na primeira pessoa e, simultaneamente, dar conta da memória colectiva como uma construção social (Halbwachs, 1992).

Para além da utilização destas fontes e de todo o conjunto de leituras e de anotações produzidas nesses dois anos de investigação, no âmbito deste mestrado foram traçados novos caminhos. Este trabalho é, sobretudo, resultado da recolha de novos dados no sentido de aprofundar temas que foram considerados determinantes: Mobilidade interna, Desenvolvimento do território; Memórias colectivas; Performances culturais.

No actual período a pesquisa centrou-se também na realização de conversas informais, semi-estruturadas, com protagonistas que foram sendo identificados como figuras que orientaram ou orientam o processo de reconfiguração do apelativo caramelo. Foi também considerado que seria determinante apurar informações sobre outra camada da população a que não se teria acesso se se recorresse ao método etnográfico tradicional, dado o curto espaço de tempo de que a investigação dispunha. Assim, aproveitando a oportunidade de conceber um inquérito prévio que teve como objectivo interpelar a população da freguesia sobre os seus interesses e expectativas relativamente ao futuro

Museu Municipal da vila, a comunidade foi inquirida sobre os patrimónios que consideram importante estar representados no novo espaço. De entre um conjunto de variáveis disponíveis, foi introduzida a cultura caramela.

O inquérito foi criado para ser respondido em espaço rua, de forma aleatória, em períodos distintos do dia de modo a abarcar a heterogeneidade da população residente. Todavia, por se constatar a falta de disponibilidade das pessoas, assim como por se verificar que o documento era demasiado extenso, optou-se por contactar todas as associações locais e disponibilizar um conjunto de inquéritos que depois foram recolhidos. Este inquérito esteve também acessível nas Festas Populares de Pinhal Novo e durante um mês no endereço electrónico da Câmara Municipal de Palmela.

Outro dado foi considerado relevante. O fenómeno de migração interna não se registou apenas no território em análise, até porque a delimitação administrativa do mesmo aconteceu na década 20 do século passado e, nesse aspecto, considerou-se também importante tentar, neste trabalho, apresentar resultados comparativos sobre esta apropriação identitária, em municípios vizinhos. Este contorno da investigação assentaria, fundamentalmente, na possibilidade de (re)encarar o território como um *continuum*, extrapolando as fronteiras administrativas que o demarcam, procurando recolher dados que permitissem identificar e comparar o papel ocupam os caramelos no desenvolvimento de outros locais. Para cumprir tal objectivo foi desenvolvido um inquérito remetido por correio electrónico para as autarquias de Moita, Alcochete; Montijo e Santiago do Cacém. Contudo, até à data de finalização desta dissertação não nos foi possível obter qualquer resposta ficando, claramente, este objectivo por cumprir.

\*\*\*\*

De acordo com os objectivos definidos e a metodologia apresentada, o presente trabalho tem a seguinte estrutura.

O primeiro capítulo irá centrar-se na análise das referências teóricas que orientaram a investigação. Procurar-se-á explorar os factores espaço, tempo e objecto, dando conta da articulação estruturante que os relaciona.

O segundo capítulo apresenta a resenha histórica da freguesia de forma a permitir compreender a dinâmica identitária impulsionada a partir da evocação de um passado recente. A apresentação descritiva terá uma primeira abordagem histórica, mais vasta, visto que a freguesia de Pinhal Novo apenas foi criada em Março de 1928, sendo então necessário recorrer a dados mais abrangentes e cronologicamente anteriores. Este recuo cronológico assiste ao facto de se considerar que, para uma análise coerente do objecto

de estudo, é necessário transpor a fronteira temporal da constituição da freguesia de modo a conseguir apreender o movimento migratório que estará na base da sua evolução demográfica. Obviamente que o objectivo só seria alcançado na sua totalidade se o presente trabalho se predispuesse a percorrer fontes de séculos anteriores, já fecundos em fluxos de mobilidade humana. Todavia, tendo em conta que foi precisamente no final do século XIX até meados do século XX que este movimento se acentuou e interferiu objectivamente no território, é convicção de que os resultados possíveis serão, ainda assim, satisfatórios. Estas informações darão também conta da intrínseca relação entre o território e as significações que lhe estão associadas, identificando também os movimentos recentes que deram forma ao apelativo.

Em consequência, o terceiro capítulo focaliza as práticas narrativas sobre o apelativo caramelo, com base na observação empírica das formas de activação patrimonial. Interessa, neste ponto, dar conta da inteligibilidade da cultura através da descrição das diferentes dinâmicas subjacentes a este processo de vinculação identitária, identificando e assinalando, quando possível, os actores sociais, as performances utilizadas e as formas de apropriação do espaço que sustentam o apelativo e lhe dão centralidade.

As notas finais apresentam uma súpula do que mais importante foi dito no decurso dos capítulos anteriores sem, no entanto, terem a pretensão de serem conclusivas. O apelativo caramelo instalou-se nas representações que Pinhal Novo faz de si própria, mas mantém-se em pleno processo simbólico de reconstrução e de (re)significação. O presente trabalho constitui-se, tão só, como um ponto de situação, de carácter teórico, de um espaço *vivido* (Menezes, 2004).

\*\*\*\*

Macacos me mordam se sou capaz de perceber a indiferença, o desprezo ou a ignorância, talvez tudo junto, que envolve, por parte dos estudiosos (mestres, alunos ou curiosos) da antropologia cultural portuguesa, esse filão riquíssimo da sua especialidade no ramo das ciências humanísticas, que é o dos caramelos. [Fortuna<sup>11</sup>:1997:43]

Pois, caro fortuna, façamos-lhe a vontade.

---

<sup>11</sup> António Matos Fortuna (1930 – 2008) foi um historiador local que publicou diversas obras sobre a história da região. O tema dos Caramelos foi largamente abordado em algumas das suas publicações e comunicações, em encontros locais. Com recurso às suas próprias memórias, difundiu uma imagem poética das gentes que o acompanharam na infância. No âmbito deste trabalho, apresenta-se como um dos protagonistas centrais no processo de fabricação desta identidade colectiva.

## Capítulo I

### *Dimensões Espaço e Tempo na Composição do Apelativo Caramelo*

Neste primeiro capítulo procuraremos contextualizar o apelativo Caramelo com base na análise teórica dos factores espaço e tempo. Considera-se que é do resultado da articulação de ambas as categorias, que o objecto se constitui e diferencia de outros análogos. Teremos como ponto de partida a investigação, na sua dimensão antropológica, com o sentido de justificar a forma como o objecto foi construído ao longo da pesquisa.

Sabendo que a antropologia não é uma ciência neutra, a abordagem que fazemos do nosso objecto de estudo influencia decisivamente o resultado do trabalho e, consequentemente, o próprio objecto que nele se vê espelhado. Tendo consciência da influência que uma metodologia de análise tem na investigação, no investigador e nos leitores, a primeira tarefa deverá ser a adopção prévia de um aparato teórico que possa guiar a pesquisa no terreno. Obviamente que quaisquer medidas científicas de que nos possamos munir na fase pré-trabalho de campo irão, obrigatoriamente, sofrer adequações ao longo da investigação, mas a sua assumpção é fundamental para clarificar o próprio objecto e a relação que com ele iremos estabelecer.

Reportando-nos especificamente a esta dissertação, a freguesia de Pinhal Novo não é a única do concelho a reclamar para si este património, o que constitui um problema de sensibilidades políticas com as quais a pesquisa aqui apresentada foi sendo confrontada. Trata-se de lugares políticos *per si*, o que obriga a que as opções no âmbito da definição de escala e território de análise tenham de ser o mais claro possível, baseadas numa fundamentação coerente e articulada.

Depois de enquadradas as escolhas analíticas de abordagem, tentaremos demonstrar como estas duas dimensões interferem no objecto em si, procurando explorar a ideia de que o espaço e o tempo se constituem como factores estruturantes do apelativo caramelo. Trata-se de dar conta de que é a partir da evocação do passado, que o presente constrói o futuro, à medida dos seus interesses, num processo especialmente simbólico.

### *Dimensão do tempo*

O presente etnográfico vigora, neste trabalho, como a dimensão primária do processo de investigação. O recurso à observação participante foi considerado absolutamente fundamental no sentido de apreender as dinâmicas que se vão processando e exibindo. Enquadra-se neste contexto a recolha de fontes orais, com o objectivo também de apreender a forma como os informantes discorrem sobre o apelativo, enquanto actores participantes na dramaturgia. Os protagonistas são o veículo através do qual o antropólogo apreende a sociedade; e estas pessoas têm rostos, memórias, histórias de vida que se fundem com as vidas das gerações anteriores, através dos processos de reprodução social (Sobral, 1999). Enquadra-se ainda no presente etnográfico a observação da acção, sobretudo no que diz respeito à forma como o apelativo é chamado à boca de cena.

Todavia, para além do presente etnográfico, deu-se também especial atenção a pesquisas de fontes históricas locais como complemento da observação etnográfica, no sentido de justificar a evolução dos modos de reprodução demográfica e social da freguesia. Estes dados permitem um entendimento mais profundo do contexto actual do objecto.

A possibilidade de aceder a estas fontes contraria os primórdios da antropologia evolucionista, em que a pesquisa no terreno configurava-se apenas junto de povos exoticamente distantes, que não possuíam quaisquer registos escritos. Eram considerados povos sem história na medida em que esta estava inacessível ao investigador. O próprio trabalho de campo surgiu como metodologia adequada ao estudo destas sociedades, com uma dimensão temporal limitada ao presente etnográfico (O'Neill, 1984: 287). Sobral (1999) justificou a importância do tempo presente nas investigações em terrenos sem registos históricos, ao afirmar que as sociedades dos antropólogos apareciam com uma memória restringida e orientada pelo presente, o qual se constituía como objecto da explicação. O Funcionalismo Durkheimiano argumentava precisamente que o presente se explicava por si mesmo, sendo causa e consequência de um todo. Assim, o presente antropológico e o passado histórico constituíam-se como duas dimensões temporais distintas, que não mantinham qualquer relação entre si. Pensadas como pertencentes a domínios científicos não relacionais, a antropologia recusava a história por se afigurar insuficientemente explicativa ou mera especulação retrospectiva (Sobral:17).

Porém, o permanente questionamento sobre o objecto, a metodologia e o discurso etnográfico foi inscrevendo novas correntes na disciplina que deram lugar a transformações significativas no âmbito do seu campo de actuação. A corrente culturalista, por exemplo, ao rejeitar determinantemente o evolucionismo introduziu o conceito de relativismo cultural que tem por premissa a dimensão histórica particular de cada sociedade.

Nas décadas de 50 e 60, numa reconfiguração do seu objecto de estudo, surgem as sociedades complexas proprietárias de um manancial de fontes documentais. O investigador passou a confrontar-se com a disponibilidade deste novo recurso que compila um volume de informação substancial relativo ao passado das sociedades estudadas. Este período tornou-se o palco da reflexão sobre o distanciamento entre a História e a Antropologia. Sobral (1999) afirma que a consciência da importância do passado se fez sentir em duas dimensões: na noção processual do mundo, em que o passado está implícito no presente; e na consciência do papel das representações do passado, nesse presente. Assim, numa nova perspectiva de continuidade temporal, o presente tornou-se insuficiente agora que o recurso ao passado se tornou acessível.

A temática da reprodução social centrou parte deste debate porque assenta na ideia de continuidade. Bourdieu (1993), por exemplo, afirma que a estrutura social é produzida, legitimada e reproduzida ao longo do tempo, tendo por base as relações que se sucedem, cronologicamente. Também Sobral (1999) fala do processo de reprodução social que é necessariamente tempo, história. Como consequência deste novo enredo a historiografia local passou a ter um papel determinante e é hoje um instrumento imprescindível para a compreensão dos factos etnográficos. Para O'Neill (1984) o objectivo principal destes desenvolvimentos foi, por conseguinte, o de fazer recuar no tempo o estudo da comunidade, levando ao passado o presente etnográfico, como invocação implícita e correlacional.

Deste modo, falamos da etnografia do tempo ou o tempo etnográfico? Como, dentro de um projecto de investigação de um qualquer objecto, definir a abrangência da sua dimensão temporal, limitando-a a uma determinada tabela cronológica?

No contexto específico do processo reivindicativo do apelativo caramelo, a evocação do passado é a base que estrutura a maior parte das significações produzidas. No seu percurso, o apelativo faz inscrever novas tradições na sincronia da sociedade actual. Trata-se de um conjunto de práticas normalmente reguladas por regras tácita ou abertamente aceitas; tais como práticas de natureza ritual ou simbólica, que visam inculcar certos valores e

normas de comportamento através da repetição, o que implica, automaticamente, uma continuidade em relação ao passado. [E] sempre que possível, tenta-se estabelecer continuidade com um passado histórico apropriado [e estabelecem-se] com ele uma continuidade bastante artificial (Hobsbawn, 1984: 9 e 10).

O apelativo Caramelo e as suas manifestações apostam claramente na valorização de um mundo rural recente, mas já não actual. Estamos perante uma sociedade em evidente desenvolvimento urbano que se fundamenta e justifica a si própria, perante os outros, pela evocação sistemática de tradições rurais.

Mas, como conceber esta relação que aposta na dicotomia entre o rural e o urbano? Veiga (2005) afirmou que ao conceito de rural, e de igual modo ao conceito de urbano, não é possível fazer corresponder realidades homogéneas com actividades económicas, classes sociais, modos de vida, padrões de comportamento social, específicas e dotadas de certa autonomia. Pelo contrário, as características dominantes são a diversidade, a heterogeneidade, contribuindo para fronteiras imprecisas entre o rural e o urbano que evoluções empíricas recentes longe de atenuarem têm vindo a aprofundar (*idem*: 6).

As memórias que vão sendo impostas através do apelativo caramelo, tal como as performances a ele associadas, foram sendo gradualmente instituídas pelo pulsar dinâmico do desenvolvimento. Esperança (1996) sublinha que a necessidade da memória repercute não apenas a necessidade de ordenação do presente cronológico, como a ordenação no presente do imanente caos social, na procura da força para a imposição ritual das práticas que o devem estruturar. O autor acrescenta, precisamente, que o essencial a reter é o modo como o Tempo, tornado cada vez mais irreversível, vai impondo práticas de conservação e cristalização dos objectos por onde circula. Crehan (2004) aborda precisamente a cultura não como dicotomia estruturante entre tradição e modernidade, mas como um sistema de práticas que são propositadamente introduzidas, numa determinada época, com um determinado propósito e, isentas ou praticamente isentas de questionamento, vão sendo gradualmente assimiladas por uma população, até assumir um papel preponderante no seu espectro cultural (*idem*:63).

E, hoje, o apelativo inscreve-se nos momentos simbólicos da comunidade, como se sempre tivesse estado presente, como se a sua ausência não fizesse qualquer sentido (Crehan, 2004: 63). Podemos ir ainda mais longe ao afirmar que é neste contexto de mudança que ganha o seu próprio significado simbólico e historicidade, numa intenção de busca de legitimação sentida em momentos precisos do presente, que provocaram uma curiosidade pela indagação do passado (Branco: 1999). Ou, partindo da perspectiva

oposta, trata-se de uma aposta no passado como processo de regeneração do local (Peralta, 2006: 83). O mesmo argumento é utilizado por Halbwachs quando afirma que na altura de recriar o passado através das memórias, o presente social é um elemento de interferência, que serve de ponto de referência (1992).

Na nossa perspectiva, o hibridismo do apelativo caramelo justifica-se pelo estímulo à passagem do mundo rural para o mundo cosmopolita. Ele apela à preservação de tradições que evocam a vida do campo, mas essas narrativas terão apenas uma réstia de memória do passado, porque sofreram um processo de transformação, reconstruíram-se à imagem do presente.

É sob esta perspectiva do presente etnográfico, da sincronia do fenómeno e da prevalência do cosmopolitismo do apelativo sobre um passado rigorosamente seleccionado, que desenvolvemos a nossa análise.

### ***O Espaço Território de análise***

O território é um dos protagonistas fundamentais desta investigação. O espaço é o elemento unificador que funciona como matriz cultural de um território comum sendo, por isso, o quadro, por excelência, dos gestos e dos discursos (Vilaça, s/d: 91). É o lugar privilegiado, onde o apelativo se torna coeso, cria raízes, se exhibe. Verificámos que, na perspectiva deste trabalho, o apelativo caramelo, com todo o aparato simbólico que o domina, inscreve-se na dinâmica social e cultural da freguesia de Pinhal Novo. As tradições que o vão compondo têm como referência o passado, mas são construídas à imagem das necessidades do presente. Pegando na afirmação de Hall (s/d) a tradição é, precisamente, um meio de lidar com o tempo e o espaço. Trata-se de expressões singulares que reflectem o processo relacional entre o espaço e o tempo (Menezes, 2004) e, conseqüentemente, traduzem as apropriações que do cruzamento destes factores, se fazem. Importa, então, perceber como configuramos este nosso espaço de análise.

Pinhal Novo é uma vila que quer ser cidade, mas que não o é. Todavia, por ter a demografia urbana mais significativa do concelho, por ser o pólo cosmopolita por excelência do concelho, por competir, de igual modo, com outras cidades da margem sul do Tejo, concebemo-la, aqui, como um lugar urbano, *cidade em potência*.

E, nesta perspectiva, como se posiciona o investigador face a este território de análise? Apoiamo-nos na posição de Magnani relativamente ao estudo de um lugar urbano. O autor afirma que as abordagens actuais que incidem sobre os diferentes processos de

urbanização<sup>12</sup> fundem-se, habitualmente, em duas visões globalizantes e massificadoras. A primeira apresenta-nos a cidade como lugar híbrido, onde o caos urbano estrutural prevalece como cenário de quem olha. A segunda apreende cenários marcados por uma feérica sucessão de imagens, resultado da sobreposição e conflito de signos, simulacros, não lugares, redes e pontos de encontro virtuais (2002:12). Ambas provêm de métodos de observação que cercam o objecto à distância, que o apreendem de fora, de longe, como se de um horizonte se tratasse. Não a linha de horizonte que se esbate na finitez do olhar de quem contempla, mas uma observação que vê a cidade da perspectiva de quem olha de cima e que, afinal, vê sobretudo as não sociabilidades, a solidão, a massa humana indefinida, o vago. Uma perspectiva que sublinha não o que se vê mas, sobretudo, o que não se consegue distinguir no cenário da urbanidade. Na opinião deste autor, uma análise meramente distanciada provoca distorções já que os moradores propriamente ditos, que, em suas múltiplas redes, formas de sociabilidade, estilos de vida, deslocamentos, conflitos etc., constituem o elemento que em definitivo dá vida à metrópole, não aparecem, e quando o fazem, é na qualidade da parte passiva (os excluídos, os espoliados) do todo intrincado processo urbano (*idem*:15). Também Marshall Sahlins refere que as formas de abordagem distanciadas pecam sobretudo pela ausência dos actores sociais, tem-se uma cidade à parte dos seus moradores pensada como resultado de forças económicas transnacionais, das elites locais, de *lobbies* políticos, variáveis demográficas, interesse mobiliário e outros factores de ordem macro e, continua, parece um cenário desprovido de acções, actividades, pontos de encontro, redes de sociabilidade (cit. Magnani, 2002: 14).

Ora, o desafio que se apresenta a quem tem a cidade como tema é, precisamente, a construção de modelos analíticos mais económicos que evitem o risco de se reproduzir no plano de um discurso interpretativo, a fragmentação pela qual as grandes metrópoles são muitas vezes representadas (Magnani, 2002: 18). Todavia, convém fazer aqui uma ressalva. A vila de Pinhal Novo revelou-se, durante a pesquisa, como espaço físico por excelência onde se desenrola a acção e, nesse processo, constatámos que o urbano surge como uma unidade conceptual determinante e necessária. Na verdade, propomos que é efectivamente a partir do impacto do urbano - crescimento, entrada sucessiva de novos habitantes, dinâmica de desenvolvimento - que este território define e implementa

---

<sup>12</sup> Propositadamente é utilizado o plural do verbo, ao contrário do autor, porque se considera que devemos assumir que cada realidade urbana é única, fruto da conjugação de diferentes factores que concorrem para a configuração de um cenário urbano.

estratégias de sobrevivência cultural, tendo como estrutura de referência o apelativo caramelo. Porém, não temos neste trabalho o objectivo de inquirir directamente o mundo urbano ou abordar as sociabilidades e multidimensionalidade desta referência conceptual (Baptista, 2003: 35) ou utilizar a dicotomia ultrapassada cidade/campo. Tão só pretendemos explorar as dinâmicas narrativas do apelativo caramelo no seu espaço de comunhão e celebração, identificando o suporte físico que o sustenta. Assim, a associação do objecto de estudo com o conceito de urbano ajudará a enunciar processos narrativos e a definir a própria materialidade dos objectos, documentos, signos, a trazer a essa exposição (Brito, 2003: 44). A cidade, como lugar físico de referência identitária, é aqui analisada como o *locus* da actividade, mas não o *focus* da investigação (Cordeiro, 2003: 9).

Após este curto desvio, regressemos à reflexão sobre a metodologia adequada, no âmbito deste objecto de estudo, considerando-se pertinente colocar a seguinte questão: qual a metodologia a adoptar, por parte dos investigadores, para suprimirem a grande falha que é a distância do olhar?

No que parece ser um tributo à Antropologia, Magnani apresenta-a como a ciência social por excelência. Munida de um repertório capaz de inspirar e fundamentar abordagens, situa-se no território de análise por meio do contributo do método etnográfico. Na sua opinião, a etnografia é o resgatar o olhar de perto e de dentro, capaz de identificar, descrever e reflectir sobre aspectos excluídos da perspectiva dos enfoques que qualificou como de fora e de longe (*idem*:17).

Cabe-nos sublinhar que o método de observação antropológico é capaz de desbravar caminhos de modo a posicionar-se dentro do espaço urbano e é, sobretudo, capaz de dar voz aos grandes ausentes das abordagens contemporâneas, os habitantes da grande cidade, que aqui tomam rosto. O foco que a etnografia proporciona resgata os indivíduos, incorpora-os na cidade. A simples estratégia de acompanhar um desses indivíduos em seus caminhos habituais revelaria um mapa de deslocamentos pontuado por contactos significativos, em contextos tão variados como o do trabalho, do lazer, das práticas religiosas, associativas, etc. (*idem*:17). E, aqui, Magnani introduz o conceito de Recorte Etnográfico como uma totalidade consistente que, experimentada e reconhecida pelos actores sociais, é identificada pelo investigador podendo ser descrita em seus aspectos categoriais<sup>13</sup>. Para os primeiros é o contexto da experiência, para o segundo a chave da inteligibilidade e princípio explicativo (*idem*:20).

---

<sup>13</sup> A solução que Magnani propõe foi desenvolvida durante a investigação que realizou sobre o lazer na periferia da cidade de São Paulo e define-se com um novo campo semântico de categorias de análise que

Existe um paralelismo entre a proposta de Magnani e o que Reboratti denomina por espaço concreto: objectos e relações que se desenrolam num cenário real e, por tanto, medíveis e cartografáveis (Reboratti, 2001: 81). Este espaço, onde se estabelecem as relações deve, segundo este autor, ser reduzido a uma *dimensión manejable* através da utilização de diferentes categorias e instrumentos metodológicos. É a forma de ordenar as metáforas, analogias e modelos que utilizamos para captar a realidade (*idem*: 83). O autor reclama que esta dimensão manejável e, portanto, funcional, representa uma determinada escala de observação que, tomando como ponto de partida a totalidade do território, *cambiando el foco y la distancia*, permite reduzir a uma escala de observação que dá conta de diferentes níveis de relações com o objecto. Assim, a redução do cenário urbano ao espaço do concreto é o meio pelo qual o investigador se capacita para definir e analisar um campo de observação conceptual, através da construção do objecto.

Reboratti explica, ainda, que a redução à escala do concreto necessita de níveis semânticos intermédios que estabeleçam a relação entre a unidade e o todo, entre o local e o global<sup>14</sup>. E a redução à escala do espaço concreto deverá incluir não apenas o território enquanto espaço físico mas, também, a diversidade de medidas do tempo, o que nos reintroduz a proposta de articulação entre o tempo e o espaço. Na formação e dinâmica no espaço concreto actuam elementos cuja racionalidade só se encontram em diferentes dimensões de escala e através da análise de diferentes durações temporais. A explicação de um corte territorial só se encontra através do lento deciframento destas escalas cruzadas (2001:90). Ambas as escalas propostas se influenciam mutuamente no real,

---

provêm de classificações nativas, mas também suficientemente abstractas para caberem no campo conceptual do território citadino. São elas *pedaço*, *trajecto*, *mancha*, *pórtico*, *circuito*. O autor chegou a esta família terminológica através da introdução na análise, de conceitos nativos, considerando que estes conceitos representam formas de apropriação do espaço. O Pedaço corresponde ao estar situado num espaço demarcado, ponto de referência de um grupo de frequentadores que pertencem a uma rede de relações sociais. A Mancha é espaço físico mais amplo, que integra a circulação de indivíduos sem laços de sociabilidade definidos, mas que partilham uma prática predominante. Os Trajectos referem-se às escolhas de caminhos, não aleatórios, significantes. São os fluxos recorrentes no interior da cidade. Os Pórticos correspondem aos trajectos que levam de um ponto a outro. Trata-se de espaços vazios que configuram passagens. Finalmente, o Circuito, que embora pressuponha uma utilização do espaço e dos equipamentos urbanos, é caracterizado por ser uma apropriação sem continuidade. O autor afirma que estas categorias não se excluem e são justamente as passagens e articulações entre os seus domínios que permitem levar em conta, no recorte da pesquisa, as escalas das cidades e os diferentes planos de análise. Elas permitem uma gramática que permite classificar e descrever a multiplicidade das escolhas e os ritmos da dinâmica urbana não centrados nas escolhas dos indivíduos, mas em arranjos mais formais em cujo interior se dão essas escolhas (2002: 26).

<sup>14</sup> No final dos anos 80 surgem críticas relativamente à abordagem sobre os bairros no âmbito da micro-análise porque se considera que esta escala particulariza em demasia a escala do micro-social deixando de fora toda a diversidade que constitui o território. Se, por um lado, a cidade tem vindo a ser alvo de visões generalistas e massificadoras que conduzem ao indefinido; também se considera que a etnografia, por outro lado, poderá conduzir à infinitude do concreto através do olhar sob uma lente demasiado amplificadora, impossibilitando a relação da parte com o todo.

constituindo uma dimensão indivisa naquilo que o autor denomina por encruzilhada de escalas. Também do ponto de vista de Magnani a opção pelo recorte etnográfico não é, por si só, suficiente na análise do território. O autor considera ser imprescindível a articulação do olhar de perto, que nos dá conta dos particularismos pela voz dos habitantes citadinos, e do olhar distante, indispensável para ampliar o horizonte de análise e complementar a perspectiva de perto e de dentro (2002:19).

Encontrámos em Menezes (2004) um exemplo concreto sobre as dúvidas metodológicas e conceptuais que dizem respeito às formas de abordagem do urbano. A autora questiona-se sobre se deveria recorrer aos mapas da cidade e à história do bairro para compreender a sua inscrição no espaço urbano; se, por outro lado, deveria optar por acompanhar os indícios urbanos, sociais e culturais; ou, ainda, condicionar-se à ideia de delimitação do bairro como lugar de observação antropológica? (*idem*: 72). A partir destas questões, perguntamo-nos: na prática, a que corresponde a definição de uma escala num território? Como passar desta unidade conceptual, criada em função dos objectivos do investigador, para a realidade do concreto?

No contexto do estudo em questão verificámos que o recorte etnográfico se apresenta como o instrumento conceptual que possibilita uma análise coerente, capaz de dar leitura da complexidade do lugar. Tomámos como ponto de partida a ideia de que a focalização do território deve ter como critério a adopção de diferentes escalas, porque é ele próprio resultado da soma de territórios particularizáveis (Menezes, 2004), mas que, em última instância, se cruzam entre si, sobrepondo-se a dado momento da pesquisa. Trata-se de espaços múltiplos e cruzados (*idem*) a que o investigador tem acesso por meio do tal olhar de perto, articulado como o olhar distanciado que permitirá identificar outros recortes etnográficos susceptíveis de interferir ou compor o objecto, ou seja, identificar as zonas de sobreposição e/ou cruzamento.

No âmbito deste trabalho, e tendo como registo os pressupostos apresentados, definimos como categorias de entendimento: uma primeira unidade particularizável no contexto da história e da memória; uma segunda unidade de análise que incide no urbano, e, sob a perspectiva do olhar mais distante, a unidade relacional que se estabelece entre a parte e o todo.

O apelativo caramelo evoca, num primeiro patamar de cristalização de si próprio, o conjunto de fluxos migratórios anuais, que se referem sobretudo à viragem do séc. XIX para o séc. XX e na primeira metade deste último, que acorreram à região que

analisamos. O apelativo reporta-se aos trabalhadores rurais da zona da Gândara<sup>15</sup> que vieram trabalhar para as grandes propriedades agrícolas a sul do país e que aqui foram apelidados de caramelos. Estas deslocações sazonais deram lugar à fixação e colonização na região de destino, impulsionada pelo sistema de foros vigente. A actual freguesia de Pinhal Novo foi uma das zonas onde esta fixação se revelou mais profícua, dado que o Palácio da Herdade de Rio Frio e todo o núcleo habitacional construído para alojar os trabalhadores contratados, se situa nesta região, a poucos quilómetros do centro da vila.

Um dos primeiros actores sociais a reclamar a cultura caramela e a exercer direito sobre esta apropriação, tornando-a publicamente visível, foi a Junta de Freguesia de Pinhal Novo. Um conjunto de iniciativas locais, tendo maioritariamente como ilustração central o apelativo caramelo, foram estruturadas e promovidas. Como causa e consequência do fenómeno, foi-se solidificando uma forte rede de relações sociais que actua e discursa de forma consciente, orientada e omnipresente. Encontrámos em Veiga (2005) um quadro teórico de análise que se centra na abordagem actor-rede. Neste quadro o espaço é definido em função da sua história acumulada e da constelação de relações sociais locais e globais, em articulação com a concepção do actor com capacidade reflexiva de acção. A importância desta abordagem centra-se no facto de permitir que o investigador estabeleça relações entre o micro e macro-social, através da construção de redes de relações que emergem das definições dos actores sociais (*idem*). É esse o nosso propósito porque, dada a contemporaneidade do fenómeno, foi-nos possível identificar e individualizar alguns dos actores que mais se destacaram no processo: Junta de Freguesia, Ranchos Folclóricos, Organização Local de Ensino e Formação de Adultos (OLEFA) na figura do Ensino Recorrente, figuras ilustres locais, outra faixa de população anónima e, finalmente, a Câmara Municipal de Palmela que, impulsionada pela dimensão desta apropriação identitária, associou-se à dinâmica social e cultural, e resgatou o apelativo, institucionalizando-o à escala do poder local.

Teria sido possível que este aparato simbólico se processasse para lá dos limites da freguesia, dado a mobilidade interna, com origem na Beira Litoral, ter atingindo cenários mais vastos. Em alguns casos, verificou-se efectivamente focos de apropriação em outros lugares, nomeadamente no concelho da Moita, Santiago do Cacém, freguesia do Poceirão. Todavia, a coerência narrativa mais eficaz centrou-se em Pinhal Novo. É

---

<sup>15</sup> Gândara corresponde à região que compreende parte dos concelhos de Mira, Cantanhede, Figueira da Foz e Montemor-o-Velho.

aqui que o apelativo toma forma, volume, ganha significado e incorpora-se na estrutura social. Hoje, as manifestações simbólicas que impõem e reconstróem o apelativo estão presentes em muitos dos actos públicos do lugar e parecem estar enquadradas no imaginário colectivo.

Não compete neste capítulo descrever exaustivamente todo o aparato simbólico que concebe o apelativo caramelo mas, importa sublinhar a dimensão do fenómeno e o seu alcance geográfico, porque tal justificará o critério de que nos socorremos para determinar a escala de observação.

Deste modo, a evidência da eficácia narrativa em Pinhal Novo legitima que tenhamos assumido como limite geográfico de análise a freguesia, enquanto território de limites politizados, culturalmente relativos e historicamente específicos (Menezes, 2004). É, para nós, a unidade territorial simbolicamente imaginada. Ou, segundo Agnew (1997), composto por três elementos essenciais que o diferenciam dos outros: localização, local e sentimento do lugar (cit. Menezes, 2004).

No contexto deste território balizado por marcos reais e simbólicos, isolámos a zona rural da freguesia como o recorte etnográfico primário. Esta delimitação espacial justifica-se, na nossa perspectiva, por ser este o lugar originário de fixação dos migrantes que passaram a residir na região. A ocupação do território pelos colonos foi feita, segundo Orlando Ribeiro (1998), de modo individualista: não existe laço algum ente as várias habitações. É um típico povoamento acabado de surgir (...) colonização individualista da charneca e dos areais litorais no fim do século XIX (1998: 48). Ao longo do trabalho de campo constatámos que a ocupação individualista identificada por Ribeiro, foi dando lugar a diferentes núcleos que compõem actualmente a zona rural envolvente da vila de Pinhal Novo. Para a evolução deste processo de ocupação contribuiu, ao longo das gerações, o crescimento do agregado familiar e as relações de vizinhança já que os descendentes foram construindo as suas habitações no terreno dos pais ou em terrenos próximos. Este facto é perfeitamente visível pelas relações familiares que estes núcleos encerram, onde as casas mais próximas de um indivíduo, pertencem a irmãos, primos ou tios (Sampaio, 2005).

Este recorte primário permitiu-nos a recolha de dados históricos e a percepção da dinâmica do apelativo, no lugar que lhe deu origem.

Sob a focalização de um segundo recorte etnográfico delimitámos o lugar urbano da freguesia, com os objectivos de observar a metamorfose social e cultural vigente; hierarquizar a função que o apelativo desempenha neste processo, e identificar o

processo simbólico de apropriação identitária, tal como os actores sociais que contribuem para a sua produção. E é com este pressuposto que a vila de Pinhal Novo assume, aqui, o lugar por excelência das metáforas do imaginário territorial, o espaço de experiência cultural e construção social, ou seja, o lugar da experiência fenomenológica (Menezes, 2004: 9).

Estes dois territórios particularizáveis permitem o confronto e a relação de escalas através do cruzamento das referências provenientes do mundo rural, com as evocações das configurações identitárias do espaço urbano, a partir, sobretudo, dos actores do processo. Todavia, apesar de clarificadas as opções analíticas outra questão persiste: Serão estas unidades conceptuais, micro-escalas suficientemente abrangentes, representativas da macro-escala?

### ***O Apelativo Caramelo no Espaço e no Tempo***

Verificámos que o recurso ao passado, tendo como referência as necessidades do presente, são as unidades temporais de que a investigação se muniu para apreender o objecto, mas são também os tempos de que o apelativo caramelo necessita para se inscrever no território. Este território, que não tem uma existência puramente espacial, é apreendido em função de um recorte etnográfico definido por meio de escalas de observação particularizáveis e sobrepostas, que localiza o apelativo no espaço e no tempo.

Verificámos ainda que este é um território complexo porque se pensa cidade sem o ser, apresenta-se-nos, constitui-se perante nós, pela via sensorial (Brito, 2003: 44). E o termo cidade assume aqui um carácter descritivo - no sentido em que descreve a urbanidade que caracteriza a vila de Pinhal Novo, e interpretativo - na medida das funções que desempenha e quer desempenhar, no contexto regional.

É fruto deste querer na interacção e da coabitação de um “nós” no espaço (Vilaça, s/d: 99) que o apelativo caramelo emergiu e se sobrepôs. As narrativas sobre o apelativo situam-se neste espaço social de auto-afirmação, através da afirmação de fundamentos subjectivos e objectivos da reivindicação da diferença (Bourdieu, 1989). Brito (2003) sublinha que o modo da cidade se afirmar na sua singularidade reside, precisamente, nos processos como ela retém, constrói e ficciona a sua história (*idem*: 46).

Neste enquadramento, o termo caramelo é um espaço imenso que tudo parece poder abarcar, desde que devidamente seleccionado. É lugar do simbólico, narrativas e performances, patrimonialização, redes de actores. Representa o campo de forças, a génese das lutas simbólicas, da representação do mundo social. Descreve a hierarquia no seio de cada um dos campos e entre os diferentes campos (Bourdieu, 1989: 133) através da produção cultural de memórias e identidades colectivas locais. É o cenário das interacções directas de agentes, onde o discurso regionalista é performativo e vinculativo, determinado a impor como legítima uma nova definição das fronteiras, tornando-as reconhecidas (Bourdieu, 1989: 116). A reivindicação destas fronteiras sociais no lugar urbano de Pinhal Novo, tem por base o apelativo caramelo que, tendo sofrido uma deslocação simbólica do rural para o urbano, se (re)territorializou. O antes, que corresponde ao passado e à ruralidade, é idealizado em contexto urbano para enfatizar o agora (Menezes, 2004: 205). Trata-se do consumo da paisagem urbana a partir de evocações de ruralidade que se vão transfigurando e ganhando novos significados.

Neste processo de (re)significações, o apelativo tem como função sustentar o desenvolvimento urbano, constituindo-se como factor de coesão social. Perez (2003) sublinhou que a importância deste processo reside precisamente na reconstrução e afirmação de identidades colectivas em pequenas micro-regiões ou territórios que atravessam mudanças em ritmo acelerado, no sentido de revitalizar uma pequena área territorial mais do que continuar uma tradição. O apelativo caramelo foi criado para ser o elemento de união, de apaziguamento da diferença, numa sociedade de ruptura e mudança provocada pelo forte impulso demográfico. Porque o grande desafio que hoje se coloca à cidade é o ter a capacidade de controlar as tendências de uma cada vez maior desagregação sócio-espacial, fazendo emergir uma cidade recortada, onde parece cada vez mais difícil recompor uma unidade urbana integrada (Guerra, 2000 cit. em Vilaça: 84). E, se o apelativo caramelo reconstrói e solidifica a rede de relações sociais pré-existente, tem simultaneamente como objectivo criar novas redes de sociabilidade, no sentido de fixar e integrar quem chega, pela primeira vez, ao lugar. Não será um voltar ao passado, antes pegar numa representação do passado, resgatada e (re)construída por alguns, para inscrevê-la no tempo histórico presente, criando laços de compromisso entre os novos e antigos habitantes (Amante, 2006). O propósito é orientar a alteridade fazendo prevalecer a unidade identitária do território, por meio do apelo e sedução. Neste processo, evocam-se aspectos do passado para com eles legitimar uma permanência no tempo, e o reforço da sua identidade alude a essa permanência (Brito, 2003: 47). Existem claras

analogias ente este processo e o que Gramsci refere ser um processo de reivindicações em nome da tradição, em que toda a sociedade participa de forma mais ou menos consciente e deliberada, através da qual se criam e promovem símbolos e práticas que concorrem para a produção de um sentimento de pertença no sentido colectivo do objectivo (cit. Crehan, 2004).

Pinhal Novo, através do apelativo caramelo, afirma-se a si própria enquanto lugar de pertença, gerador de afectos, memórias, identidades (Brito, 2003: 49). O que está em jogo é o poder de impor uma visão do mundo social através dos princípios de divisão que, quando se impõem ao conjunto do grupo, realizam o sentido e o consenso sobre o sentido e, em particular, sobre a identidade e a unidade do grupo, que fazem a realidade da unidade e da identidade do grupo (Bourdieu, 1989: 113).

Ora, o apelativo caramelo é a unidade simbólica de pertença, configurada e validada para emergir como identidade colectiva. Sabemos que a construção simbólica de uma auto-imagem identitária colectiva não é arbitrária (Pires, 2003: 67), deriva sim, de um processo de apropriação e revindicação estrategicamente construído, assente em redes de negociação polarizadoras e vinculadoras. Estas redes produzem e reproduzem, reinventam e reimaginam a memória cultural (Raposo, 2002), celebrando-a, num processo simbolicamente mediado. É no contexto da diversidade social e cultural do lugar urbano, imposta pelas interacções múltiplas de referências culturais plurais e quadro de relacionamento social fervilhante (Costa, 2003: 122) que, em Pinhal Novo, a cultura assume o local privilegiado de acção e interesse político. Destacamos, pois, a importância que o apelativo caramelo tem no espaço de intervenção privilegiado das forças políticas, dominantes e dominadas, onde todas as posições são definidas na sua relação com o espaço de possibilidades (Bourdieu, 1993). Algumas vezes é a base da agenda política, mas a maior parte das vezes é uma evocação permanente, explícita ou implícita, nos momentos de celebração da comunidade. Cabral (1993) falou de cultura como tendo pelo menos dois sentidos, e um dos sentidos é o que se refere ao tecido de significados e imagens que permitem a um grupo de pessoas a coabitação dentro de um espaço; o outro é um sentido mais reflexivo e, digamos assim, mais consciente, que é a produção de objectos que se referem a esse tecido de significados (cit. por Vilaça, s/d). O poder político local tem como objectivo ter o domínio das relações de sociabilidade que configuram e são configuradas pelo repertório simbólico (Costa, 2003), que ele próprio produz. São políticas de memória e de identidade que revelam o modo como os grupos sociais definem a sua pertença a uma dada representação da sua cultura e seleccionam

conjunturalmente, a memória colectiva que sustenta essa formulação da cultura (Raposo, 2002: 02). No processo, o poder político incita que outros se associem a esta produção, fornecendo os ingredientes e objectos simbólicos necessários para a eficácia da mensagem, que é medível pela forma como o apelativo se exhibe e se promove, perante a atitude passiva da população que o reconhece e acolhe sem questionamento. Esta impassibilidade da população em geral, perante o pulsar deste processo, justifica-se quando constatamos que o apelativo veio preencher o vazio de unidade simbólica, que até então não tinha sido devidamente ocupado. O apelativo ferroviário, enquanto categoria profissional, apresenta-se como forte competidor, mas simbolicamente menos eficaz, remetido para o segundo plano das reivindicações identitárias. No seguimento desta afirmação recorreremos a Bourdieu (1993) que afirmou que os objectos simbólicos existem apenas se forem conhecidos e reconhecidos, socialmente institucionalizados como tal, recebidos pelos espectadores capazes de os reconhecerem (*idem*: 37).

É ainda de referir, antes de tecermos as conclusões possíveis deste capítulo, que o referido campo de produção simbólica tem como objectivo a própria comunidade, mas também *o outro*, na tentativa de fazer inscrever na região, em sentido lato, uma determinada visão de Pinhal Novo. O propósito é dotar o território de identidade, de cultura, tornando-o apetecível e consumível, nomeadamente através da sua procura, projecção e construção mediática, por meio de um processo de mercantilização, promoção e divulgação de uma autenticidade produzida (Raposo, 2002).

### ***Notas Finais***

As principais conclusões que podem ser retiradas das reflexões aqui elaboradas mostram-nos que o termo caramelo, cuja origem se confunde com a própria origem da freguesia de Pinhal Novo, sofreu um processo de transfiguração e de apropriação, passando a ser utilizado como apelativo que hoje identifica as manifestações identitárias do lugar. Não se trata de uma propriedade inscrita no espaço social (Peralta, 2006), mas do tecido de referências culturais que preside à composição identitária (Costa:7), simultaneamente vivida e imaginada, continuamente presente nas práticas e discursos sobre o lugar. Para tal produção simbólica concorre toda a comunidade, de forma mais elaborada (poder político e massa associativa) ou mais apática (população em geral),

através de processos que inventam e reinventam tradições, procedem a patrimonializações, e à objectificação da cultura.

Situado no espaço social urbano, tendo como referência primária o passado rural, o apelativo caramelo é o lugar de reivindicação, de aprofundamento do sentimento de pertença e coesão, que inscreve a *cidade* num tempo sempre recriado, povoando selectivamente o passado e participando da fenomenologia do presente em conflito e negociação (Brito, 2003: 47).

O apelativo caramelo é a zona imaginária da história do lugar e da identidade territorial, autenticado e postulado pela eficácia do aparato simbólico que o produz.

## Capítulo II

### *Pinhal Novo. Construção e Reconstrução de um Espaço Social*

A apresentação dos itinerários de investigação e a contextualização teórica deste documento demonstraram o papel vinculador que o desenvolvimento urbano da freguesia de Pinhal Novo tem na emergência do campo simbólico que a identifica social e culturalmente. Cabe-nos, agora, apresentar em algum pormenor o território no sentido de conhecer o contexto histórico na sua relação com o apelativo caramelo. Importa iniciar esta descrição pelo enquadramento estrutural mais geral da área administrativa em questão, no sentido de apreender a dinâmica da região para, posteriormente, reconhecer o contexto mais restrito do território delineado enquanto recorte etnográfico. Esta leitura, gradualmente focalizada, permitirá captar o objecto com um nível de resolução determinado para a particular óptica de análise (Reboratti, 2000: 80). Pretende-se, ao longo do discurso, chegar à especificidade do lugar, função da sua história acumulada e da constelação de relações sociais locais e globais (Veiga, 2005: 2).

A vila de Pinhal Novo é, nesta investigação, a figura de protagonista central porque se constitui como o espaço privilegiado do apelativo caramelo, em contraste com outros lugares onde o mesmo apelativo se encontra apenas em potencial. Fruto de narrativas e performances orientadas pelas relações de poder, o apelativo foi tomando forma, expandiu-se e atingiu o clímax de elemento unificador dos habitantes do lugar. É aqui que encontramos o sistema simbólico que estimula o desenvolvimento do processo de apropriação identitária.

Pelo caminho, o encontro com os actores sociais que actuam neste cenário de evocações não é evitável. Não só porque exibem o agir em conformidade com as competências sociais e culturais que vão adquirindo, fruto de uma rede de relações estruturantes e catalizadoras, mas porque dão voz às memórias, suas e de outros, de uma forma absolutamente apaixonante, sobretudo para quem ouve. Mas é também de sublinhar, mais uma vez, que uma abordagem ausente de actores sociais ficaria refém da distância do olhar. Distância que omite, reduz, transforma.

### ***Contexto Territorial e Dados Estatísticos***

O concelho de Palmela, no distrito de Setúbal, ocupa cerca de 462Km<sup>2</sup> da Área Metropolitana de Lisboa constituindo-se como o seu município de maior extensão (vide figura 1). Composto por cinco freguesias, tem como sede de concelho Palmela (vide figura 2), cuja vila sobe uma íngreme colina em direcção ao castelo ou, adoptando um discurso historicamente referenciado, trata-se de uma vila que foi ocupando, gradualmente, as planícies desde os tempos áureos da Ordem de Santiago<sup>16</sup>.

Marateca, a segunda freguesia por ordem cronológica, situa-se no extremo sul do município, ocupando uma vasta área de paisagem de vinha.

Em 1926, depois de um período de décadas de apelos e protestos à corte, Palmela retoma a figura de sede de concelho. Em 1928 são criadas as freguesias de Quinta do Anjo e Pinhal Novo<sup>17</sup>, curiosamente as freguesias que actualmente se encontram em maior expansão sócio-demográfica. Finalmente, em 1988, o concelho tomou a forma que hoje mantém com a criação da freguesia de Poceirão.

O município tem uma vasta área de território rural que convive com o mais importante crescimento industrial da Península de Setúbal. Este hibridismo de elementos que caracterizam o território causa alguma instabilidade económica e política porque, estando geograficamente enquadrado na região de Lisboa, está impossibilitado de recorrer a grande número de financiamentos comunitários já que o *mundo rural* não se apresenta como argumento suficiente. Esta questão leva-nos à difícil caracterização do espaço segundo a dicotomia rural/urbano, tantas vezes utilizada em descrições desta natureza. Tal como explicado por Veiga (2005), esta é uma noção recente que emergiu do processo de integração progressiva dos campos num sistema económico, social e político unificado, resultante da conjugação das forças de industrialização e urbanização, permitindo reflectir sobre os efeitos e impactos do referido processo de integração (*idem*: 9). A partir destes desenvolvimentos, o rural foi sendo desenhado como estrutura social e económica oposta ao urbano. Hoje, esta noção tornou-se utópica, sem reflexos na realidade. E, embora os critérios: agricultura, demografia, povoamento e ecologia se

---

<sup>16</sup>A ordem de Santiago (1172 – 1834), secularmente instalada no Mosteiro do Castelo, tinha a seu cargo o domínio directo do património (essencialmente vinhas e olivais), por meio de um sistema de aforamentos, traduzido num rigoroso controlo da estrutura social e económica da região. Para saber mais ler: FERNANDES, Isabel Cristina (coord.) - Ordens Militares. Palmela, Colibri / Câmara Municipal de Palmela, Vol. I e II. ; Catálogo da Exposição: A Ordem de Santiago – história e Arte. Palmela, Câmara Municipal de Palmela, Julho de 1990.

<sup>17</sup> Criadas pelo decreto-lei 15 000, publicado em 10 Fevereiro desse ano.

possam constituir, ainda, argumentos de relevo, as ditas sociedades rurais esbatem-se no urbano, quase sempre, geograficamente tão próximo.

A freguesia de Pinhal Novo tem uma configuração interessante neste domínio. A vila ocupa o lugar central do território administrado por esta autarquia. Como ponto geográfico de referência, ao seu redor habitam lugares e lugarejos onde ainda se respira o remexer da terra, o estrumo dos animais, a paisagem que ganha os tons das estações do ano. É perfeitamente possível depararmo-nos com pequenos ranchos de mulheres que, dependendo do período do ano agrícola, ora escaldeiam a vinha, ora lavram os campos repletos de culturas, ora pastoreiam os rebanhos. Mas serão estas paragens locais onde a ruralidade se constitui como fórmula máxima do viver ou, através de um olhar de perto (Magnani:2000), constatamos que as dinâmicas da urbanidade convivem com o quotidiano do lugar?

Eventualmente poderíamos aqui recorrer-nos da teoria do continuum rural /urbano de Kayser (1990), resgatada por Veiga (2005), para sublinhar a existência de um território híbrido, composto por referenciais simultaneamente rurais/urbanos, que não podem ser isolados ou quantificados em si. A mobilidade da população permitirá, na sua maioria das vezes, positivar este fenómeno de continuidade através da constatação de uma área residencial rural, em articulação com um quotidiano urbano, consequência da actividade profissional. Este será, provavelmente na sua maioria, o cenário da freguesia de Pinhal Novo mas, não tendo dados para apresentar e não se constituindo esta questão, mesmo que interessante, relevante para o presente trabalho, não será motivo de aprofundamento.

A freguesia tem uma área com cerca de 54 Km<sup>2</sup>, uma das mais pequenas do concelho. Integra os seguintes lugares: Pinhal Novo; Abreu Grande; Abreu Pequeno; Arraiados; Batudes; Carregueira; Fonte da Vaca; Lagoa da Palha; Lagoinha; Montinhoso; Olhos de Água; Palhota; Penteado; Retiro dos Caçadores; Rio Frio; Salgueirinha; Terrim; Vale do Alecrim; Vale de Marmelos; Vale da Vila; Valdera; Vales e Venda do Alcaide.

Segundo os dados do Censos<sup>18</sup> referentes ao ano 2001 – e não existindo outros mais recentes - tem uma população residente de 20 993 hab<sup>19</sup>. Sabendo-se que, segundo a

---

<sup>18</sup> Fonte INE Censos – Pinhal Novo está inserido numa das cinco NUTS III da Península de Setúbal – in [consult. 11 Junho 2008] Disponível em <http://www.cm-palmela.pt/pt/conteudos/o+concelho/Estatísticas+e+Números>

<sup>19</sup> Na mesma data, importa saber a população das restantes freguesias do concelho de Palmela que tinha um total de 53 967 habitantes, distribuídos do seguinte modo: Pinhal Novo 20 993 (39,35%), Palmela 16 115 (30,21%), Quinta do Anjo 8 354 (15,66%), Poceirão 4 304 (8,07%) e Marateca 3 586 (6,72%).

mesma fonte, em 1950 teria 6 429 habitantes, verificamos que em meio século passaram a residir na freguesia mais 14 504 indivíduos (registando uma evolução de cerca de 125%). Hoje, tem a maior densidade populacional do concelho de Palmela. Este factor ganha maior relevância se adicionarmos a informação de que o concelho de Palmela, entre 1981 e 2001, se estabeleceu como o terceiro maior concelho em crescimento demográfico do distrito de Setúbal. Ora, numa análise desagregada por freguesia, verificamos que a maior dinâmica cabe precisamente ao Pinhal Novo, com um crescimento de 36,7% (Andrade:2006).

Os dados que dizem respeito à estrutura etária da população demonstram que em 2001 existiam 11 626 indivíduos com idade compreendida entre os 25 e os 64 anos e 6 573 com idade inferior a 24 anos<sup>20</sup>, com uma predominância relativa do género feminino (51,2% contra 48,8% de indivíduos do género masculino). Relativamente ao nível de instrução, os dados demonstram que existia, há uma década atrás, uma taxa de analfabetismo de 4,2%<sup>21</sup>, muito próxima dos valores apresentados por Lisboa (5,7%), considerada uma das mais baixas do país.

Através da análise dos dados apresentados concluímos, sem grande esforço, que Pinhal Novo se apresenta como a freguesia cuja variação positiva da população é mais evidente no contexto do município constituindo, inclusive, durante a década de 80, o único pólo de atracção do concelho, representando, ainda, a sua maior área urbanizada. E é precisamente o argumento estatístico sobre a atracção do território que nos levará, nas linhas que se seguem, a redesenhar o percurso histórico da freguesia, para nos fixarmos depois na vila, o centro urbano propriamente dito.

### ***Breve Resenha Histórica da Freguesia***

Em 1560 consta no primeiro mapa de Portugal, de Álvaro Seco, a primeira referência ao lugar de Rio Frio. Fortuna (1997) dá ainda conta que Águas de Moura/Marateca e Rio

---

<sup>20</sup> De acordo com os resultados do Censo 2001, deu-se um envelhecimento demográfico transversal em todas as regiões do país sendo que, apenas no Norte e nas regiões autónomas se mantém uma proporção de jovens (0-14) superior à de idosos (65 ou mais anos). A população dos 25 aos 64 anos acompanha a evolução dos idosos podendo concluir-se pelo envelhecimento da própria população em idade activa.

<sup>21</sup> Segundo os mesmos dados, ao ano de 2001, 6 263 indivíduos frequentaram o ensino Básico, 4 772 o ensino Secundário e 1 746 o ensino Superior. Relativamente à organização sócio demográfica, predominam na freguesia as famílias com três elementos, existindo cerca de 10 130 alojamentos no cômputo total. De 10 884 indivíduos que correspondem à população activa, cerca de 9 893 estão empregados, sendo que 991 estão no desemprego. A maioria da população empregada trabalha no sector terciário.

Frio, a par da encosta da vila são os locais assinalados no mapa agrícola concelhio no final do século XVIII. Cabrita (1998) revela que a primeira referência oficial ao topónimo Pinhal Novo data do ano de 1882<sup>22</sup>.

Pinhal Novo, no século XIX, correspondia essencialmente a uma zona de passagem com destino a Lisboa. O topónimo Estrada dos Espanhóis, pelo qual é conhecida a estrada nacional que a atravessa, é revelador desses tempos. Por esta altura, toda a área pertencia ao Barão de S. Romão que residia no palácio da sesmaria na Lagoa da Palha. Em meados do mesmo século o latifundiário adquiria ainda a sesmaria da Venda do Alcaide e a Herdade de Rio Frio, compondo um extenso património. Falamos, todavia, de uma vasta área despovoada de acordo com as informações de Orlando Ribeiro: Nas planícies arenosas nem cultura nem povoamento (1998:15).

Inicialmente a Herdade de Rio Frio, a poucos quilómetros do actual centro urbano da freguesia, era uma grande propriedade<sup>23</sup> com cerca de 18 000 ha de terrenos estéreis, mato e pinhais, até que em 1857 a viúva do barão casa com José Maria dos Santos<sup>24</sup> (1832 - 1913). O aproveitamento económico destas planícies começou com a implantação do caminho-de-ferro em 1861, que impulsionou (pela acessibilidade) José Maria dos Santos a tornar as terras férteis (Ribeiro, 1998).

Este herda a imponente extensão de terra e procede à plantação de vastas áreas de vinhas e sobro. É reconhecido o importante trabalho que desenvolveu por meio da utilização de métodos e técnicas inovadoras como processos de drenagem, fertilização química, inovação tecnológica. No final do século XIX, a vinha de Rio Frio era

---

<sup>22</sup> Trata-se de um documento que refere a instalação de um viveiro distrital, oferecido a José Maria dos Santos.

<sup>23</sup> Actualmente as principais povoações que integram a delimitação da antiga Herdade de rio Frio são: Lagameças (aprox. 2 000 hab.), Lagoa do Calvo (aprox. 600 hab.), Forninho (aprox. 450 hab.), Agualva (aprox. 350 hab.), Poceirão (aprox. 320 hab.), e Pegos do Poceirão (aprox. 200 hab.). As restantes unidades de ocupação humana referem-se a pequenas aldeias, montes e casais (Aljeruz, Alto da Campilhas, Cajados, Alto do Marmoto, Alto da Pina, Areias Gordas, Arraiados, Cabeço da Vigia, Fonte seca, Francisco Custódio, Malhada Alta, Montado Santos Jorge, Monte Biscaia, Pinhal Santos Jorge, Pinhal Valdera, Quinta do Lisboa, Serralheira, Vale das Eras, Vendinha). (NAER, Parte B – Rio frio. 1.1 Património Cultural e Construído [consult. 14 Julho 2008] Disponível em [www.naer.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBoui=14431&att\\_display=y&att\\_download=y](http://www.naer.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=14431&att_display=y&att_download=y)

<sup>24</sup> José Maria dos Santos, filho de pai ferrador, formou-se em Veterinária tendo desempenhado a função de Fiscal do Matadouro de Lisboa, após ter sido nomeado pelo Ministro da Guerra para acompanhar uma digressão pelas províncias do norte. Foi ainda um deputado das Cortes, reconhecido pela sua influência nos assuntos nacionais.

Num artigo da revista Ilustração Portuguesa de 30 de Junho de 1913, da autoria de Júlio Dantas, pode ler-se: “Há homens superiores que nos dão impressão de energias explosivas e enormes acumulações de forças (...) ao seu esforço cheio de audácia e de fé, as charnecas do Alentejo desentranharam-se nos olivais imensos de Moura, nos sobreiros riquíssimos de Serpa, na doirada vinha do Poceirão, a maior vinha do mundo (...) num país como o nosso, país de vontades débeis e lentas (...) ao audacioso criador de riqueza (...) realiza um exemplo digno de meditar-se e seguir-se.

considerada a maior do mundo<sup>25</sup> apesar dos conturbados tempos agrícolas provocados pela praga da filoxera.

Esta herdade foi-se constituindo como a referência por excelência, a par dos caminhos-de-ferro, da origem da povoação. É o eco de um mito fundador do território que tem sido registado com grande dinâmica, ao longo das últimas décadas, nas narrativas locais perpetuadas em diversas publicações (Sousa: 1988, Fortuna: 1997; Cabrita:1998 e 1999) e encontros. Mito que não expressa um passado remoto mas o passado cronologicamente possível, situado na passagem do século XIX para o século XX, com os seus heróis e acontecimentos extraordinários.

Centremo-nos, por momentos, na memória colectiva sobre a figura de José Maria dos Santos. Cabrita<sup>26</sup> escreveu:

Pinhal novo não existia antes de José Maria dos Santos (...) é manifestamente sabido que as áreas onde a vila despontou e dos principais lugares próximos já com implícito estatuto de povoado (Venda do Alcaide, Palhota, Vale da Vila, Lagoa da Palha, etc.) tudo foi pertença do maior lavrador que a tradição e memória dos homens conserva em relação a esse “mundo” estendido por hectares contados aos milheiros, desde a Cascalheira ao Rio das Enguias. (1999:19)

Mas nas areias de Rio Frio vicejava, mercê do seu empreendimento desde o primeiro ao décimo milionésimo Bacelo, a quase tão lendária como realíssima maior vinha de todo o planeta, e no monte da mesma herdade, sem palácio (pois este só veio a edificar-se dez anos após a sua morte), erguia-se o mais impressionante conjunto de adegas, deslumbramento da época. (*idem*:17)

Monteiro (2002) também nos dá conta do investimento histórico nesta figura<sup>27</sup>:

Os dois grandes vectores indissociáveis e indispensáveis à criação de riqueza e à fixação das populações na região, tiveram sua génese

---

<sup>25</sup> Em 1890 plantou cerca de 6 milhões de videiras.

<sup>26</sup> José António Cabrita é professor de Filosofia na UNL. Parte da história de Pinhal Novo tomou forma pelos seus textos. É ainda considerado, a par de Fortuna, o maior entendido sobre cultura caramela pela comunidade local.

<sup>27</sup> No âmbito de algumas destas figuras ilustres, hoje já se ouvem vozes dissonantes que investem em pesquisas históricas no sentido de argumentar contra este discurso. Acreditam, verbalizando-o nas conversas informais realizadas no âmbito deste trabalho, de que se trata de um embuste que pretendem desmistificar. As suas opiniões centram-se sobretudo na complexa figura de José Maria dos Santos, que acreditam não ter sido o benfeitor como comumente tem sido retractado.

nos meados do século XIX, com José Maria dos Santos e a construção do caminho-de-ferro, eixo fundamental para a circulação das gentes e meio privilegiado para o transporte e escoamento dos produtos. (*idem*: 13)

A figura de José Maria dos Santos decora o jardim com o seu nome, situado no centro da vila e palco das grandes iniciativas e festejos locais. O busto<sup>28</sup> foi encomendado por um grupo de habitantes locais que, dois anos após a sua morte, consideraram ser esta uma homenagem merecida a quem reconheceram ser um dos maiores latifundiários da época. A Junta de Freguesia refere da seguinte forma o acontecimento: As gentes do Pinhal Novo homenagearam o seu ilustre benfeitor, construindo-lhe uma estátua, que foi colocada no Largo que recebeu o seu nome<sup>29</sup>.

Perguntamo-nos, como foi possível erguer uma obra desta dimensão, em poucas décadas, numa região praticamente despovoada?

Através da análise à mobilidade interna da população portuguesa durante o final do século XIX / primeira metade do século XX, constatamos que existia uma forte dinâmica de deslocamentos inter regionais e inter distritais, destacando-se alguns destinos de eleição. Todos estes movimentos de população e ciclos migratórios atravessam e estruturam a sociedade portuguesa desde os tempos fundadores, inscritos numa dialéctica de desigualdades sócio-económicas e culturais entre regiões (Lopes, 1999: 23).

Alarcão (1969) tratou, de forma geral, no sentido de não aprofundar os dados de qualquer região específica, a mobilidade da população em Portugal no período de 1921 a 1960, através do levantamento e análise dos indicadores demográficos estatísticos. A sua análise teve como objectivo definir as regiões mais propensas a atrair indivíduos de outros lugares ou, inversamente, regiões sem capacidade para fixar os naturais, tendo por base os dados numéricos dos saldos líquidos de entradas e saídas. A esta dicotomia entre territórios o autor designou por Região de Atracção e Região de Repulsão.

Alarcão sublinhou que o fraco ou nulo desenvolvimento do território e as precárias condições de trabalho constituem-se como os factores que maior contribuíram para a repulsão dos seus naturais. Assim, de acordo com os dados apresentados, os distritos de maior repulsão foram, ao longo deste período: Viseu; Porto; Guarda; Braga; Aveiro e Beja.

---

<sup>28</sup> O monumento é formado por uma estrutura de pedra, esculpida, e pelo busto de bronze do benemérito, assinado pelo escultor Costa Motta Sobrinho.

<sup>29</sup> <http://www.jf-pinhalnovo.pt/index.php>, 2008.

Por outro lado, os distritos com maior nível de desenvolvimento industrial apresentam-se à população como locais de elevadas possibilidades de concretização profissional e, conseqüentemente, de preferência. Os distritos de Atracção identificados por Alarcão foram: Lisboa, Porto e Setúbal que, na soma dos dados totais, correspondem a 87% do saldo de atracção em território nacional.

De entre estes três distritos identificados, o autor sublinha a importância de Setúbal e Lisboa, considerando-os como distritos com total capacidade de fixação interna das repulsões (1969:145). São também estes distritos que, a par dos de Coimbra e Funchal, os que detêm maior número de migrações inter-distritais.

O autor, ao longo da sua análise, preocupa-se em pormenorizar os saldos migratórios ao nível concelhio e em nota de rodapé na página 188 afirma categoricamente que, embora Setúbal seja o segundo distrito de atracção total, e todos os concelhos que o integram contribuam para este resultado, o concelho de Palmela, mesmo não tendo dados que o confirmem, é, e sempre foi, por natureza Repulsivo.

Nada de extraordinário se não confrontarmos estas afirmações com os factos que dão conta da importância económica que a Herdade de Rio Frio foi ganhando durante a viragem do século XX. É importante debruçarmo-nos sobre esta contradição verificada durante a investigação porque permitir-nos-á verificar qual o nível de relação que o apelativo caramelo mantém com a história da localidade.

Para tal recorreremos ao estudo de Silva (1999) que sistematizou e analisou os dados demográficos ao nível da mortalidade e mobilidade no concelho de Setúbal no séc. XIX (1864 a 1900)<sup>30</sup>. Este concelho integrou, até 1926, as freguesias de Santa Maria do Castelo (posteriormente extinta), de S. Pedro de Palmela e de S. Pedro de Marateca (actuais freguesias do concelho de Palmela). Todavia, mais preocupada em apreender as dinâmicas da população da cidade de Setúbal, a autora cingiu quase por exclusivo a sua análise às freguesias citadinas concluindo que os valores de atracção do distrito de Setúbal se devem essencialmente ao desenvolvimento da indústria conserveira (a partir de 1890), caracterizando a mobilidade da época como uma fuga dos campos para a cidade - o denominado êxodo rural. Porém, no quadro sobre a taxa de crescimento médio anual foi possível apurar, nos dados referentes à freguesia de S. Pedro de Palmela, entre 1864 e 1900, a existência de um crescimento de 1,77% do número de

---

<sup>30</sup> O ano de 1864 corresponde à data do primeiro Censo em Portugal: “foi o primeiro levantamento a ser feito segundo o método moderno, tendo-se utilizado o método de recolha directa, nominativa e simultânea, baseada em boletins de famílias” (Toureiro, 1998) muito embora os métodos de recolha de informação ainda se apresentassem metodologicamente débeis.

habitantes. A análise desta informação permite concluir que neste período se verificou um crescimento gradual da população. Todavia, mais uma vez verificamos que estes dados não se mostram significativos relativamente a um crescimento substancial da freguesia, já que o aumento referido se enquadra no aumento da população portuguesa ao longo do séc. XIX.

Não desistimos do nosso propósito e, se retomarmos Alarcão, constatamos que, fruto da análise dos indicadores recolhidos, o autor conclui que o rural não deserta somente dos campos e afluí às cidades, também, enamorado da vida agrícola ou preso à profissão, se lança a povoar novos espaços ou tenta na emigração o seu destino (1963:4).

Tendo por base esta afirmação regressamos aos dados apresentados por Silva no quadro sobre o Recenseamento Geral da População (1864 – 1960) e constatamos que, afinal, nos dão conta de uma evolução muito positiva da população no concelho de Palmela, pois verificamos que no período de 56 anos (1864 – 1920) a população do concelho duplicou, passando de 6 172 indivíduos para 13 920. E a imprensa local dá conta desta dinâmica:

O Sr. José Maria dos Santos continua a dar o maior desenvolvimento à indústria agrícola, com vantagem das classes pobres, que tem naquele prestantíssimo cavalheiro a protecção que é pouco usual. Mais de 400 homens vindos das províncias do norte se dirigiram a semana passada para as várias propriedades do sr. Santos, onde acham emprego devidamente remunerado, sem correrem aos perigos da emigração para o estrangeiro.

Gazeta Setubalense, n.º 233, 9 de Novembro de 1873. p. 2.

No decurso dos apelos feitos à Rainha D. Maria II que reclamavam sobre a extinção do concelho de Palmela verificamos, através de informações recolhidas por Fortuna (1997), que em 1849 a descrição do território era assim apresentada: Ao povos de Palmela e, no seu termo, a aldeia de Quinta do Anjo, Cabanas e Barris, Hortas, Arrasca, Águas de Moura e Carregueira, constituindo uma estatística para mais de 1 200 fogos, com mais de 6 000 almas, murmuram assaz sobre aquela notícia, e a tranquilidade pública assim abalada começa já a estremecer<sup>31</sup>.

Volvidos 6 anos (1855), os argumentos apresentados referiam também a importância de outros lugares: Abreu Grande, Penteado, Terrim, Barracheia e Venda do Alcaide (Fortuna, 1997).

---

<sup>31</sup> A.N.T.T. – Arq. Sec. Est. – M.º Reino – 3.º Div./2.º Rep.; Proc. 787, L.º 4, M. 3661, (cit. in Fortuna, 1997:84).

Em 1866 é-nos possível identificar, através dos dados apresentados pelo mesmo autor, que foram constituídas pela primeira vez neste território duas associações mutualistas por escritura pública no cartório da Moita, respeitante a bois, por habitantes dos lugares de Venda do Alcaide, olhos D'Água, Fonte da Vaca, Carregueira, Terrim, Abreu Grande, Montinhoso e Penteado. Já no ano de 1833 tinha sido criado o Círio da Carregueira<sup>32</sup>, resultado de uma promessa devido à Cólera “Morbus” que dizimou grande número de pessoas por todo o país. Este círio, tal como todos os outros que lhe seguiram, cumpre até hoje as suas promessas na Festa Grande em honra de N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Atalaia.

Estes primeiros movimentos associativos demonstram a existência de uma estrutura social sólida, capaz de mobilizar os indivíduos a organizar e planear acções conjuntas com uma perspectiva de futuro, porque o associativismo reflecte a procura de coesão sócio-espacial, e consolida a unidade territorial do local.

Foi na segunda metade do séc. XIX (1861) que ficou concluída a linha-férrea do Barreiro a Vendas Novas e de Pinhal Novo a Setúbal. Este foi um marco determinante para a história do lugar. A possibilidade de receber pessoas e movimentar mercadorias tornou o lugar acessível impulsionando, definitivamente, o seu desenvolvimento.

Dada a importância que o lugar parecia assimilar, em 1869 dois habitantes locais apresentam a José Maria dos Santos um pedido de terreno para a capela, que celebrou a primeira missa em 1874.

Ainda sob o domínio do concelho de Setúbal (até 1926), o lugar impunha e solidifica a sua presença: A câmara municipal de Setúbal, accedendo ao pedido feito em representação dirigida pelos moradores do logar do Pinhal Novo e logares vizinhos, e por ser de manifesta conveniencia publica, ordenou se transferisse para o dito logar do Pinhal Novo o mercado que antes se fazia na villa de Palmella e que havia muitos annos estava em total desuso (Pimentel, 1992:176).

Estas anotações permitem verificar que, embora os fluxos provenientes do recrutamento de mão-de-obra não qualificada, no mercado interno de trabalho, aparentemente passaram despercebidos dentro do contexto nacional da mobilidade humana, foram um fenómeno absolutamente estruturante na origem e sociedade de Pinhal Novo.

---

<sup>32</sup> No endereço electrónico da Junta de freguesia de Pinhal Novo encontramos a associação da criação do círio, como o elemento fundador da origem da localidade: “*A história da formação da freguesia tem de buscar-se no ano de 1833, altura em que estaria fundado o Círio da Carregueira, que constitui, muito provavelmente, a mais antiga manifestação de organização em Pinhal Novo.*” (<http://www.jf-pinhalnovo.pt/index.php>).

A partir desta altura o fluxo de deslocações foi assumindo cada vez maior dinamismo, e, se bem que não existam números reais que o traduzam<sup>33</sup>, a chegada e fixação de ranchos de trabalhadores sazonais, provenientes de diferentes locais do país é evidente em notícias da época. Em 1889, é feita a seguinte referência a Pinhal Novo:

É principalmente merecedora de mais especial menção na 7ª região a moderna colonização do Pinhal Novo feita mediante arrendamentos a longo praso.<sup>34</sup>

Na colónia de Pinhal Novo e Lagoa da Palha (...) os quatrocentos casaes hoje distribuídos em uma superfície de perto de 2:000 hectares são o resultado quise exclusivo do desdobramento, pelo augmento dos nascimentos, das 40 a 50 famílias dos primeiros colonos (...). O praso dos arrendamentos no concelho é de um a nove annos. Para os colonos do Pinhal Novo é de nove annos, renovável indefinidamente.<sup>35</sup>

Em 1924:

A península de Setúbal pega com as charnecas que se estendem para a região do Sorraia e para o distrito de Évora. Encontra-se a colónia agrícola de Pinhal Novo, constituída por pequenas courelas aforadas a gente da Beira Litoral que, como em toda a parte onde se fixam, transformam e valorizam os terrenos mais ingratos.<sup>36</sup>

[vide figuras 3 - 12].

Esta colonização teve maior expressividade em alguns locais: Carregueira, Fonte da Vaca, Venda do Alcaide, Palhota, Lagoa da Palha, Vale da Vila, Olhos d'Água, mas

---

<sup>33</sup> Loureiro (1997) dá conta da existência, em Portugal, de Passaportes Internos desde a década de 60 do século XVIII (criados pelo Alvará de 13 de Agosto de 1760) até ao terceiro quartel do século XIX (abolidos através da Lei de 31 de Janeiro de 1863). Nestes documentos individuais constavam as seguintes informações: actividade, local de trabalho, sexo, naturalidade ou nacionalidade, idade, estado civil, acompanhantes, sinais individuais, local de origem e destino; servindo de instrumento de regulação e controlo das deslocações em território nacional. No território de análise deste trabalho não existem registo destes documentos. A pesquisa de dados que permitam quantificar e documentar a presença de evolução da população foi feita por Fortuna (1997) a partir de registos de baptismo no período de 1850 a 1945. Embora reconhecendo a importância deste trabalho de pesquisa, considera-se que estes registos não fornecem bases conclusivas sobre a evolução populacional da região porque, entre outros factores, não tem em conta a restrição voluntária das relações sexuais durante, sobretudo, as crises epidémicas; as mortes prematuras; a infertilidade dos casais; a não constituição de família; a migração familiar; a opção por não baptizar os filhos. Porém, não transmitido dados conclusivos, apresentam resultados interessantes que traduzem, ainda assim, a evolução da população local.

<sup>34</sup> MORAIS, Paulo de: Estudo Geral da Economia Rural da 7ª Região Agronómica. Lisboa: Imprensa Nacional, 1889. Cit. in Fortuna, 1987: 76.

<sup>35</sup> MORAIS, *idem*.

<sup>36</sup> FIGUEIREDO, Filipe Eduardo - A terra. Lisboa: Liv. Clássica Editora, 1924. p. 684 e 687. (Cit. In Fortuna, 1997, p. 83).

também Lagameças e outros lugares da freguesia do Poceirão. Em 1911, por exemplo, enquanto existiam no núcleo de Pinhal Novo 263 habitantes, em Venda do Alcaide registaram-se 530 indivíduos, e na Fonte da Vaca 405.

José Maria dos Santos, e após a sua morte o sobrinho Santos Jorge, por meio de um complexo sistema de contratos – *contratas* –, recrutava ranchos de trabalhadores em grupos de cerca 50 a 60 pessoas, cada, nas suas terras de origem para trabalharem nas herdades por um período anual de 9 meses. Os proprietários tinham contacto com *contratadores* que percorriam as distantes aldeias angariando, batendo de porta em porta.

Ele [contratador] é que corria as terras, arranjar, falar com as pessoas. ...Atão andava já contratado por esta gente daqui de Rio Frio, do José Maria dos Santos, pra arranjar x de pessoas, eram cinquenta pessoas cada malta que trazia, era sempre cinquenta... As pessoas não tinham outros meios de vida a sujeitavam-se a vir pra aquela fome. Que aquilo era uma fome! A gente passava muita miséria, ...

A gente vinha em Setembro e íamos po S. João, íamos embora pá terra. A gente ganhava oitocentos escudos, naquele tempo. Quem perdesse um dia já não levava esses oitocentos escudos certos pá terra. (...)

Belmira Marques, 69 anos, trabalhadora rural, 2003<sup>37</sup>

A entrevista realizada a Belmira Marques, residente na vila de Pinhal Novo, revelou-se essencial para a compreensão do fenómeno da mobilidade interna na primeira metade do séc. XX. Utilizando a primeira pessoa do singular, descreve em pormenor o cenário de migração rural da época.

Atão a gente saía de lá às seis da tarde...a gente nessa altura apanhávamos o comboio lá em Viseu às seis da tarde e chegávamos aqui no outro dia de manhã. Às sete da manhã em Lisboa...as camionetas da casa é que iam buscar a gente a Lisboa. Eram umas carrinhas de caixa aberta e vinha tudo ali assim em monte. Cada qual com a sua malinha das roupas, com as suas coisinhas, e as bagagens vinham nos comboios. Vinham ó depois as camionetas aqui ao Pinhal Novo buscá-las mais tarde, que era aquelas arcas de madeira onde a gente metia a roupinha.

---

<sup>37</sup> Belmira Marques nasceu no concelho de Póvoa do Mundão, no distrito de Viseu, em 1934. Veio trabalhar para Rio Frio aos 11 anos.

Trazia a roupinha mas também trazia comer...Era aquela roupa dos trajes como se usa agora aí nos ranchos. Era assim mais ou menos essas roupas. Duas modinhas, três, não trazia mais...a que tinha vestida e mais uma ou duas mudazinhas. O que incomodava mais era a gente que tínhamos de trazer um lençolinho ou dois ou um cobertorzinho ou dois, uns daqueles, uns que a menina não conhece que havia dos baratinhos, que custavam naquele tempo vinte escudos...é daqueles que têm assim uma barrinha cor-de-rosa, outros têm azul (...)

Vim para cá com onze anos porque lá na nossa terra não havia trabalhos. O que se trabalhava lá era só pocadinhos de terra que cada qual tinha pra seu cultivo, pra viver, não é? E toda a gente vinha. Eu maiormente até nem tinha grande precisão de vir, porque eu até era filha única...acabei por vir eu sozinha muito pequenina. (...) eu é que quis vir. Porque vinha o rancho, aquelas maltas, chamavam as maltas, não era rancho, era as maltas de caldeira aberta que se chamava, que era de comerem nas caldeiras.

E eu acabei por pedir aos meus pais para me deixarem vir porque todas as moças da minha idade vinham, e eu tava pa lá ... achava-me muito só numa aldeiazinha q'eu nasci e fui criada. E depois acabei por vir. Acabei por vir pá li pa Rio frio...Vim pra cá em Setembro pelas vindimas. (...)

Aprendíamos cá. Lá trabalhávamos no campo, mas era à moda de lá. Mas cá tivemos que aprender à moda de cá. (...)

Trabalhava-se muito e ganhava-se muito pouquinho. (...)

Adormeci a chorar. Comecei a pensar, então mas eu sozinha vim prá qui e agora não tenho ninguém. Comecei a alestrar-me dos meus pais, do meu irmão e da minha avó, que a minha avó é que me tinha criado e eu sonhava sempre com ela, queria ir pó pé dela...No ano seguinte quando vim assim pó rancho é que andava assim mais contente, fiquei. Eu voltei a vir, voltei a vir. A pois é que eu odiei isto de uma maneira que nunca mais, em solteira não vim prá quis mais não. Não gostei, não gostava disto aqui, não gostava. Porque a comida era muito ruim, a comida era muito fraca...era assim: ao almoço que era às dez e meia onze horas salvo erro, ...era migas. Era pão de milho batido numa caldeira, com uma coisa de madeira [jurado] ...com azeite ... o azeite era fervido ali na caldeira e depois de ser fervido punham o pão e a gente é que carregava o pão pró trabalho, as moças novas como eu e outras que vinham nos primeiros anos é que carregávamos o comer pás outras mais velhas

comerem...Era as russas do primeiro ano e ó depois as do segundo ano eram as *sobrenoveís*. Umas que carregavam o pão eram as tais russas, as que carregavam as hortaliças eram também russas, e as que carregavam o feijão e o arroz é que eram as *sobrenoveís* (...).

*Idem*

Ora, esta migração sazonal, individual ou de natureza familiar, acabou por dar origem ao processo de fixação no território. Impulsionado pelo parcelamento de herdades, o sistema de foros vigente possibilitava o arrendamento de terrenos, de forma vitalícia, através do pagamento de uma renda fixa.

Num país fortemente rural e com desequilíbrios graves no que respeita à distribuição da riqueza, a aquisição de um terreno introduzia na vida destes colonos o sentimento de pertença ao lugar.

Para que esta noção de “meu” tenha lugar, é necessário não apenas estar mas habitar verdadeiramente o espaço, o que compreende a existência de um lar. A casa tem uma importante função integradora na reconstrução da identidade, tornando-se, quando criada de raiz ou adaptada pelo migrante, uma representação simbólica da sua apropriação do território (Sampaio:2005). Tal como refere Baptista (1993), a luta pela sobrevivência era a primeira preocupação dos trabalhadores temporários. Ser permanente era uma meta mas a grande ambição era possuir uma parcela de terra. Para além da casa plantavam culturas, construíam equipamentos utilitários e anexos, tal como poços, tanques, pias, adegas, abegoarias, currais, e toda uma panóplia de elementos que traduziam a ruralidade da época.

Exemplo contrário foi-nos apresentado por Veiga de Oliveira (citado por Martins e Souto, 2000), quando nos deu conta, em 1969, da existência nos terrenos planos da margem sul do Sado de núcleos mais ou menos importantes de cabanas deste mesmo tipo geral, constituindo a habitação normal de uma classe pobre de trabalhadores rurais e salineiros. Erguidas em terrenos pertencentes a grandes herdades, a permanência deste tipo de construção explica-se pelo facto de os proprietários desses terrenos impedirem a substituição desses materiais por outros mais sólidos e duradouros, que dariam aos seus moradores, anos volvidos, o direito de posse (*idem*: 4).

A colonização de Pinhal Novo, tal como o próprio nome o indica, revestiu-se de características positivamente diferentes. Santos Jorge, após a morte de José Maria dos Santos, ficou com a responsabilidade de gerir toda a propriedade e elevou os rendeiros

forros a proprietários através da celebração da escritura em cartório notarial<sup>38</sup> (vide figura 13) com possibilidade de financiamento imediato para a habitação, assim como anexos, por meio de juros considerados aceitáveis (Cabrita, 1999).

(...) Aquilo era assim: eu em uma ocasião fui lá à casa de um [caramelo] lá mesmo em Valdera, quase ao pé da linha que vai para o Alentejo – mas isso era eu rapaz pequeno -, dizia ele assim para o meu pai: *Ó ti Xico, estamos desgraçados. O Santos mandou chamar os rendeiros todos, vai tirar isto tudo à gente. Tal dia temos que ir lá a Rio Frio.* E depois quando tornámos outra vez a lá ir diz ele assim: *Ó ti Xico, sabe uma coisa? Eu agarrei só aqui três courelas. Eu devia era ter agarrado dez ou vinte .(...)* O Santos deu de mão beijada aos rendeiros. Mandou chamar os rendeiros todos, pra tal dia irem ao Montijo pra se fazerem as escrituras todas pra eles.

Joaquim Cardoso, 74 anos, moleiro reformado, 2003<sup>39</sup>

Na publicação Memórias dos Ferroviários (2003), encontramos a seguinte resposta à questão sobre a origem dos primeiros habitantes da freguesia:

Tenho ideia, mas não é por minha ideia, é por aquilo que tenho ouvido dizer (...) eram pessoas que vinham do norte, eram faladas pelo José Maria dos Santos (...)"

Pois, vinham para trabalhar em Rio Frio. Depois aí ficavam. Por o José Maria dos Santos andar a entregar aí terrenos a este a à aquele. Uma vez – isso é o que eu ouço contar – andava aí a passear com o seu cavalo não é?, e estava um tipo a trabalhar aí nas terras, que eram as terras do Zé Maria dos Santos, nã é?, e o tipo também não conhecia o Zé Maria dos Santos, e assim [pergunta José Maria dos Santos]:“-Epá, de quem é esse terreno que ta aí?"

E ele assim:

“-Sei lá, é de um filho da puta que chama José Maria dos Santos.”

E o homem [proprietário], a partir daquela data, deu-lhe o terreno para ele, achou graça àquela conversa nã é?, e deu-lhe o terreno para ele cultivar.

Victor Neves, Ferroviário<sup>40</sup>

---

<sup>38</sup> A via de enfiteuse ou aforamento – caracteriza-se por não ser uma propriedade plena mas, em termos jurídicos era definida por domínio útil enquanto o directo permanecia na mão do senhorio.

<sup>39</sup> Joaquim Cardoso habita na vila de Palmela. Ainda jovem acompanhava o pai nas suas deslocações ao campo para recolher os cereais e para entrega dos sacos de farinha. Considera que a extinção deste ofício tradicional no concelho se deve ao abandono, por parte dos caramelos, da produção da cultura do cereal.

Este constituiu um importante momento de viragem no desenvolvimento económico e social da região. A doação das terras possibilitou que os trabalhadores, sujeitos às precárias condições de trabalho e de vida, se pudessem tornar eles próprios proprietários. E ser proprietário é entrar numa nova dimensão do social, alcançar um novo estatuto. A ligação à terra passa a ter um vínculo e o indivíduo apropria-se do espaço que sente como seu, transformando-o, construindo-o à sua imagem (Sampaio:2005).

Estas novas construções que passaram a habitar o espaço, actualmente denominadas por arquitectura de tipologia caramela<sup>41</sup>, foram tomando forma, tornando-se parte integrante da vida e paisagem do concelho (vide figuras 14 - 17).

### ***A vila de Pinhal Novo na sua Relação com o Apelativo Caramelo***

De acordo com a actual dissertação, a definição do espaço social e cultural de Pinhal Novo é feita a partir da apropriação e reivindicação do apelativo caramelo, que tem como referência os primeiros migrantes que afluíram ao território e nele se foram fixando. Alguns autores engendraram esforços no sentido de confirmar a proveniência desta população, entre os quais Fortuna, que encontrou a mais antiga referência documental ao apelativo num documento de 1613 relativo ao baptismo de S. Lourenço, filho de Gonçalo Fernandes, caramelo do Duque de Aveiro.

No seguimento da pesquisa de fontes históricas que levou a cabo o autor encontrou vários registos de róis de confessados e outros documentos que indicam a presença desta designação em grande número<sup>42</sup>. Com recurso ao registo de baptismos, que denomina por *registos dos caramelitos*, por um período de quase cem anos: 1850 a 1945, verificou que as primeiras e maiores zonas de destino foram Azeitão, Moita e

---

<sup>40</sup> Rosendo, 2003: 79.

<sup>41</sup> Vide FARINHA, 2004 e SAMPAIO, 2005.

<sup>42</sup> O mesmo autor descobriu uma referência, de 1776, relativa ao lançamento das sisas de um vinha de António Jorge Caramelo, na Moita. Em 1779, a única referência em documentos oficiais de Palmela ao nome Caramelo: *Miranda, Caramelo de Rio Frio*. Também em 1791, o desembargador Joaquim Pedro Gomes de Oliveira, natural de Azeitão, numa análise apresentada à Academia das Ciências, observou: “...o que mostra ser muito antigo o uso que ainda actualmente existe, de vir todos os anos estabelecer-se ali muitos homens da província da Beira que, acabados os trabalhos das vinhas, voltam os mais deles para a sua pátria.” (*idem*).

As informações apresentadas pelo autor revelam uma migração do povo da beira litoral para o sul com origens antigas, sendo que, depois de Azeitão, foi o concelho da Moita o segundo local de destino, e posteriormente o concelho de Palmela, mais propriamente a actual freguesia de Rio frio.

Palmela. Numa segunda fase as zonas de Borda-d'água: Concelhos de Almeirim e Salvaterra de Magos. Quanto às zonas de origem, o autor delimitou como zona de proveniência a região que vai do Concelho de Leiria aos subúrbios de Aveiro, atingindo particularmente Mira, Quaios, Cantanhede, Montemor-o-Velho, Figueira da Foz, Soure, Pombal e norte de Leiria. Conclui que as freguesias de maior número de migrantes foram Tocha e Cadima, do município de Cantanhede, depois Arazede de Montemor-o-Velho; e várias freguesias do concelho de Mira.<sup>43</sup>

Estes dados são ainda confirmados por apontamentos que vamos encontrando noutras fontes. Num documento de 1813, da autoria de Jacome Ratton, encontramos: valas, valados, guarda-matos e sargetas dos pauis, tanto para os preservar das águas de fora como para dar saída às de dentro, no que empreguei coisa de 200 valadores que me vieram dos campos de Coimbra e Leiria<sup>44</sup>. Carlos Ribeiro, em 1865, descrevia que os cereaes, a horta, a batata, as leguminosas, a vinha e a oliveira dão-se muito bem n'este solo, especialmente quando o amanho e a cultura são feitos como ali, por gente do litoral dos districtos de Aveiro e Coimbra. (...) que vai ali desbravar com o seu suor a maior parte d'aquelle torrão, que os seus avós desbravaram e cultivaram, assim como a sua geração actual o desbrava e cultiva n'outros pontos, como no Pinhal Novo, e em outros mui diferentes logares (Cit. em Fortuna, 1997: 74).

A colonização interna de Pinhal Novo ficou conhecida como o processo através do qual os *caramelos de ir-e-vir*, passaram a *caramelos de ficar*. Ribeiro (1998) utilizou precisamente estas expressões durante a apresentação de uma comunicação, em 1949, no Congresso Internacional de Geografia em Lisboa, o que demonstra a importância do tema em questão. Também em 1969<sup>45</sup>, o geógrafo voltou a referir publicamente a importância destes ranchos que vieram trabalhar para as mondas do arroz.

Caramelo, tal como os termos “rogas”, “ratinhos” ou “gaibéus” são formalizações linguístico-simbólicas (Lopes, 1999:34) e ainda se desconhece a razão pela qual estas pessoas passaram a ser assim denominadas mas, embora não nos seja possível determinar a sua origem, apresentamos algumas hipóteses adiantadas por dois autores. Este exercício permite enquadrar a forma como o apelativo foi sendo construído no processo de apropriação identitária, através da problematização da sua origem. A nosso

---

<sup>43</sup> Estes registos de baptismos correspondem 33% à dita região (com incidência para 6 concelhos), contra 31% de outros concelhos diversos: 20% alentejanos, 12% concelhos da Beira Alta e Beira Baixa (ratinhos) e 4% a 15 concelhos do Algarve.

<sup>44</sup> Recordações de Jacome Ratton, Fidalgo Cavaleiro da Casa Real, Cavaleiro da Ordem de Cristo, ex-negociante da Praça de Lisboa e Deputado do Tribunal Superior da Real Junta do Comércio, Agricultura, Fábricas e Navegação (Cit. In Ribeiro: 1998).

<sup>45</sup> RIBEIRO, Orlando, “Excursão à Arrábida” in Finisterra, vol. VIII, p. 271.

ver, a procura de um significado constituiu o primeiro momento de cristalização positiva do termo.

Fortuna (1997) começa por afirmar que o substantivo designa a deslocação dos ranchos do norte que anualmente transpunham o Tejo a fim de mourejarem em campanhas sazonais de trabalhos agrícolas<sup>46</sup>: com esse êxodo de dúzias e dúzias – mesmo centos – de famílias, os caramelos personificam capítulo tão capital da história da agricultura e ruralidade de Palmela (1997: 59). Todavia, considera que a marca mais profunda desta gente não foi o ir trabalhar para fora, mas a fixação nas terras de acolhimento. Desenhou o cenário das suas principais ocupações agrícolas, dividindo-os segundo as seguintes categorias: *Caramelo da Uva* – habitava entre estação ferroviária de Palmela ao Poceirão, de Aigualva a Pegões, Asseiceira e Forninho, Cajados, Carregueira, Rio Frio; e *Caramelo da Hortaliça* – a mancha hortícola fixava-se em zonas onde a água era abundante e a pouca profundidade, o que no concelho de Palmela corresponde a uma linha que vai de Pinhal Novo à Barracheia, com o epicentro nos Olhos de Água. Quanto ao significado, considerou que poderia ser sinónimo de *rijo* e *duro*, de acordo com a capacidade que estes trabalhadores tinham em se adaptar às difíceis condições de trabalho<sup>47</sup>. De outra perspectiva, Maltez<sup>48</sup> considera que o “caramelo”, açúcar em ponto e solidificado, também significa “doçura” e, consoante as fases de confecção, “brandura”, maleabilidade”, facilidade de se adaptar às situações. As gentes gandraesas de rosto e corpo tisonado pelo sol, “cavando a leiva”, ritmadamente com os pesados alviões, por certo “derretiam” as fracas reservas que as migas com o tocinho frito lá iam fornecendo. Cabrita<sup>49</sup> assinalou também uma primeira referência ao termo, em 1609, com as “charamelas” – tocadores de instrumento.

É-nos possível sugerir que esta denominação colectiva se formou através da conjugação dos factores origem, destino e ocupação. Os migrantes originários das zonas delimitadas por Fortuna que se deslocaram para as terras que actualmente compõem a freguesia de

---

<sup>46</sup> O autor fez um levantamento do significado do termo nos seguintes dicionários: Grande enciclopédia Portuguesa e Brasileira; Novo Dicionário compacto da Língua Portuguesa (a partir da 10ª edição); Grande Dicionário da Língua Portuguesa (1991); Grande Dicionário, 14ª edição, Liv. Bertrand; Dicionário da Língua Portuguesa, Porto Editora (s/d); Dicionário Complementar da língua Portuguesa, 1971; Ed. de Lello & Irmão, s/d. Estas publicações atribuem ao termo a deslocação de trabalhadores da Beira Litoral para o Alentejo, Região de Setúbal e região Entre o Tejo e o Sado. O autor vai mais longe e sublinha que existem diferenças substanciais entre caramelos e ratinhos. Os primeiros originário da Beira Litoral, os segundos da Beira Alta, sendo que, ao contrário dos caramelos, os ratinhos não se fixaram de modo hegemónico colectivo.

<sup>47</sup> Em 1992, João Reigota em “Uma caminhada na História”, referiu, acerca da emigração portuguesa, que a população de Mira ficou conhecida por caramelos por andarem descalços sob o gelo. (cit. In Fortuna, 1997: 51).

<sup>48</sup> Prefácio de Carlos Manuel Maltez, de Mira. (Cabrita, 1998: 13)

<sup>49</sup> Conversa realizada em 07.04.2008.

Pinhal Novo para trabalhar na agricultura, foram apelidados de caramelos<sup>50</sup>. Aos migrantes que se deslocaram para a mesma zona, com a finalidade de ocupar outras profissões, não lhes foi atribuído este apelido. Aos ranchos de trabalhadores que igualmente recorreram ao mesmo território para trabalhar a terra, mas provenientes de outras zonas de origem, também não lhes foi atribuído o mesmo nome. Retomando a pesquisa de Silva (1999), no que refere à origem dos migrantes que acorreram a Setúbal (1864 – 1900), a autora afirma que descendo a uma escala distrital, foi da região centro, dos distritos de Coimbra e Aveiro, que partiu uma parte considerável dos imigrantes masculinos. Esta conclusão permite-nos constatar que se trata de indivíduos provenientes da chamada zona de origem dos caramelos. Todavia, em Setúbal não encontramos qualquer reivindicação com base neste apelativo. Existem, no entanto, algumas excepções curiosas. Martins e Souto (2001), num artigo sobre a Carrasqueira referem: Encrostada no meio de uma grande propriedade agrícola, os seus habitantes, descendentes de populações rurais migrantes, desenvolveram, nos últimos 50 anos e num contexto geográfico e histórico particular, um modo de vida único em Portugal, baseado na complementaridade entre a agricultura e a pesca. (...) A origem dos ranchos era variada, encontrando-se referências a trabalhadores vindos das mais variadas regiões, numa verdadeira avalanche humana. (...) Do distrito de Coimbra (e mesmo do de Aveiro) sabe-se que saíam de Mira, Cantanhede, Montemor-o-Velho, Oliveira do Bairro, etc., para diversos trabalhos, especialmente cavas, aberturas de valas, para fazer os canteiros e os muros, e a plantação de arroz, demorando-se por aqui 7 a 8 meses. Eram conhecidos por “*caramelos*” (*idem*: 1-4). Também em Santiago do Cacém foi já possível, numa exposição no museu local, ver evocado este nome como referência a pescadores que partiram da Beira Litoral para ali ganhar sustento.

Podemos encontrar outro factor relevante em alguns lugares da freguesia de Pinhal Novo. Lagoa da Palha e Venda do Alcaide são duas localidades, muito próximas, separadas pelos trilhos do caminho-de-ferro. No lugar da Lagoa da Palha, composto por um quarteirão edificado com o objectivo de dar residência aos trabalhadores contratados da Herdade de Rio Frio, encontramos, actualmente, a posição, por parte dos moradores, de que os caramelos são os do outro lado da linha férrea. Nesse outro lado, os actuais habitantes hesitam na resposta, sorriem e afirmam vacilantes: se calhar somos nós.

---

<sup>50</sup> Os migrantes só passavam a ser caramelos no momento em que chegavam a esta região. Nos seus relatos dizem desconhecer completamente o que terá originado tal nome, e o mesmo sucede com os habitantes locais.

De facto, é na vila de Pinhal Novo, através das suas mais variadas manifestações culturais, que o apelativo se resignifica. A vila reclama a posição de centro da caramelandia<sup>51</sup>, lugar onde assenta a memória colectiva, onde fronteiras e limites são lógicas simbólicas de apropriação e reconhecimento e, como tal, de diferenciação, organização e constituição do espaço (Menezes, 2004: 73). As fronteiras deste território que se assume como caramelo, são definidas por quem o habita e, nesse sentido, a exibição pública do apelativo impede a sua sacralização noutra local. O termo caramelo tornou-se um marco simbólico, resultado de delimitação política, cultural e historicamente específica (*idem*).

O desenvolvimento populacional de Pinhal Novo foi-se proporcionando com alguma rapidez<sup>52</sup> e, em 1988, o lugar tomou a posição de vila<sup>53</sup>. Longe dos tempos do mercado de Maio<sup>54</sup>, a nova urbe está dividida ente Pinhal Novo Sul e Pinhal Novo Norte. Ao sul as primeiras habitações, as primeiras referências. A norte, em direcção a Lisboa, o centro da vila/cidade. O palco das performances locais.

A vila desenvolveu-se a partir das dinâmicas criadas pela mobilidade e acessibilidade dos caminhos-de-ferro<sup>55</sup>. Na verdade, as acessibilidades sempre exerceram um papel determinante no ordenamento de qualquer território já que, aos fins estratégicos subjacentes ao traçado inicial dessas vias, associavam-se outras condicionantes, como a implantação das diferentes actividades económicas, a localização demográfica e tendências evolutivas, ou ainda movimentos endógenos de carácter diverso (Pina:2003).

A dinâmica da população proveniente desta mobilidade impulsionada pelo comboio em primeira instância e, posteriormente, pelo processo de colonização interna, incrementaram o desenvolvimento da actual vila. Primeiramente surgiram habitações residenciais que ladeavam as vias de acesso, destinadas especificamente aos trabalhadores da indústria ferroviária<sup>56</sup>. Posteriormente, fruto das dinâmicas de

---

<sup>51</sup> Na década de 40 do século passado, um grupo de estudos etnográficos liderado por Cabral Adão, defendia que Pinhal Novo deveria ser afirmado como centro de pluralidade. Este autor escreveu um artigo onde utilizou a denominação “capital da caramelandia” (Conversa com Cabrita, 07.04.2008). A expressão foi apropriada e passou a ser utilizada por outros autores.

<sup>52</sup> Não tendo para apresentar, valores isolados relativamente à vila propriamente dita, recorremos aos dados provenientes dos Censos para toda a freguesia. Assim, damos conta da seguinte evolução demográfica: 1930: 5 140; 1940: 5 670; 1950: 6 429; 1960: 7 708; 1970: 7 535; 1981: 11 007; 1985: 13 500; 1989: 15 700; 1990: 16 325; 1991: 17 500; 2001: 20 993.

<sup>53</sup> Elevada a vila em 11 de Março de 1988, pela Lei n.º 44/88 de 19 de Abril.

<sup>54</sup> O Mercado de Maio realizava-se no actual Jardim José Maria dos Santos, local onde afluíam centenas de pessoas e que se constituía como o momento alto do comércio e sociabilidade local. Hoje é uma memória de referência da comunidade, que traduz, na sua perspectiva, um passado genuíno.

<sup>55</sup> O grande fluxo de migrantes e de trabalhos transformou, no início do século XX, Pinhal Novo no mais importante entroncamento ferroviário a sul do Tejo, local onde desembarcavam cerca de 12 433 toneladas de mercadorias, servindo 43 340 passageiros (Sampaio:2005).

<sup>56</sup> O mundo do trabalho nos caminhos-de-ferro constitui, desde logo, um complexo universo de profissões, desde algumas relativamente rudimentares até às de maior exigência tecnológica da época:

desenvolvimento de um território que se está a edificar, foram surgindo casas de comércio que sustentavam o desenvolvimento económico e social do lugar, que já pulsava.

Pinhal Novo não tinha quase casas. Tanto a estrada que vai para o Montijo, como os lugares de Lagoa da Palha e de Palhota, não tinham casas.

Apenas habitavam os ferroviários e a respectiva família e as pessoas dos arredores vinham até cá para se aviarem. Prendiam os burros às argolas, no lado de lá da estação.

Ana, 71 anos, costureira, 2003

[Anos 40] Tinha casas de comércio e tinha casa de roupas e tinha a drogaria. E havia um senhor lá que era o João Augusto que tinha a moagem e tinha uma padaria. E havia outro senhor que era o senhor Matos no Pinhal Novo, que foi o que formou a primeira farmácia no Pinhal Novo. Foi ele que num poçozinho que tá ali assim naquele largo onde tá os pinheiros, tá lá um poçozinho tá é fechado. Era o único poço que havia no Pinhal Novo. Em conjunto com outro que havia à ilharga daquela rotunda quando se vai pá Moita e a seguir dessa dita rotunda havia ali um poço. Desse poço é que se carregava água pá padaria. Carregava-se água pa uma adegazinha que havia ali ao canto q'era dos Peraltas e desse dito poço havia e há no cruzamento dos pinheirinhos é que esse senhor Matos construiu a vida dele! A vender água! Os metros q'ele fazia. Muitos metros, muitos. Com água dali.

Joaquim Cavaleiro, 72 anos, trabalhador rural, 2003<sup>57</sup>

O crescimento populacional vai ser uma força motriz de todo o processo de desenvolvimento económico, social e cívico (Vilaça, s/d: 83) e, após a subida a freguesia (1928), o primeiro governo autárquico tomou medidas que visavam consolidar a sua presença e importância. Na acta de 24 de Dezembro de 1931, pode ler-se:

---

desde os chefes da estação ao pessoal braçal; factores, fieis de estação ou conferentes, telegrafistas, bilheteiros, agulheiros, guardas; pessoal de tracção, Maquinistas e fogueiros), pessoal de trens (condutores e guarda-freios), pessoal da revisão (fiscais e revisores), assentadores, guardas de passagem de nível, operários de construção civil e de construções metálicas, oficinas e escritórios, notáveis nos postos de administração e importante fracção de empregados flutuantes, geralmente em regime de jornaleiro. (Valente in Rosendo, 2003: 46).

<sup>57</sup> Joaquim Cavaleiro nasceu no Vale da Vila em 1930. Tem 72 anos. Os pais nasceram no mesmo local. Eram no total 6 irmãos. Trabalhou na Herdade de Rio Frio.

Considerando que a freguesia de Pinhal Novo tem uma posição avantajada em que infelizmente predomina em grande maioria o analfabetismo, e considerando ainda que esta freguesia é talvez, uma das mais dispersas e separadas do paiz, com grande número de indivíduos dos dois sexos em idade escolar mesmo incomportáveis nas duas escolas oficiais existentes, resolveu-se por unanimidade criar-se os seguintes postos (...) Na Cascalheira diurno, misto e nocturno. Na Fonte da Vaca (...) Nos Olhos de Água (...) Na Venda do Alcaide dois postos, sendo um diurno – misto e outro diurno misto e nocturno. No Vale da Vila (...) Toda esta comissão administrativa inteira responsabilidade pela casa, mobiliário, e luz.<sup>58</sup>

Décadas depois, Pinhal Novo toma a posição de maior aglomerado urbano do concelho. Neste percurso constrói-se como um espaço de referência cultural e simbólica, através de um forte processo de afirmação identitária (vide figuras 18 - 20). Tendo sempre presente o permanente crescimento da vila, vejamos como se processou a apropriação e reivindicação do apelativo Caramelo.

O apelativo surgiu com uma forte conotação pejorativa com o objectivo de identificar o outro, o que veio de fora para aqui se sujeitar a precárias condições de vida. Posteriormente, passou a traduzir as pessoas do campo por oposição aos do lugar de Pinhal Novo que, desde cedo, se constituiu como pólo de actividade e crescimento. Após o 25 de Abril, gradualmente, o apelativo começou a ser reconfigurado. Sabemos que a criação de uma identidade colectiva ganha maior estímulo a partir de um momento de crise e de mudança estrutural profunda. A partir de 1974, a ruptura e passagem de um sistema político para outro, despoletou o reforço do movimento associativo que, juntamente com o poder local, se incorporou do desígnio de gerir o lugar, e iniciou-se o processo de criação de mecanismos de vinculação local, mediante a procura de raízes culturais (Thompson, 1996:104 cit. por Peralta, 2006). A reconstrução do território, à medida dos novos interesses e projectos, passou por lógicas simbólicas de apropriação e reconhecimento, diferenciação, organização e constituição do espaço (Menezes, 2004: 73). E, o apelativo caramelo lentamente foi sendo inscrito na nova dinâmica social e cultural, como factor identificativo de uma história comum,

---

<sup>58</sup> Na mesma acta é referida a importância do Decreto-lei n.º 20604 de 30 de Novembro, que cria os Postos de Ensino Primário de 1º grau e são ainda sugeridos nomes de professores para leccionar nos referidos postos.

constituindo-se como símbolo da memória da comunidade, como capital simbólico que se foi legitimando a partir de narrativas e performances locais (vide figuras 21 - 24).

Porque acreditamos que todo o património é datado e deliberado (Moreira, 2006: xiii), o apelativo corresponde ao património que foi seleccionado e a que foi conferido um significado (nascimento da comunidade) e uma intenção específicas (perpetuar no tempo, de forma consensual e coesa, a própria comunidade), enquanto símbolo que expressa o grupo.

E porque a memória social não reproduz a forma de vida original, mas sim uma imagem construída que tem como elemento o presente e as necessidades, o apelativo constituiu-se como pedaço imaginado de tempo (Lira, 2000). Neste caminho, memórias são esquecidas, outras revigoradas, a maior parte fabricada, porque apenas são transpostos para o presente os conteúdos de que a comunidade necessita para, habilmente, se argumentar a si própria.

Halbwachs (1992) sublinha a selectividade e a negociação enquanto factores reguladores necessários entre a memória colectiva e individual, considerando que as memórias individuais apenas têm existência a partir do grupo de referência, são inspiradas pelo próprio grupo e pelo ambiente social que o rodeia. That greatest number of memories come back to us when our parents, our friends, or other persons recall them to us (...) Yet it is in society that people normally acquire their memories (*Idem*: 38), como importante fonte de informação, conhecimento e formação social. Assim, memórias individuais, que embora estejam latentes nos que ainda transportam a dor e mágoa de uma vida difícil e de poucos recursos, não foram incorporadas nas narrativas sobre o apelativo. Não foram consideradas necessárias enquanto fonte de coesão e garantia de continuidade do colectivo. A clivagem entre memória oficial e dominante e memórias subterrâneas, assim como a significação do silêncio sobre o passado, não remete forçosamente à oposição entre Estado dominador e sociedade civil. (...) Por conseguinte existem nas lembranças de uns e de outros, zonas de sombra, silêncios, não-ditos (Pollak, 1989: 4 - 6). Colocamos como hipótese desta exclusão o facto de estas serem demasiado específicas e nítidas e, neste acaso, de difícil interiorização por parte de um conjunto de actores mais vasto. Sendo que o Poder Simbólico tem o poder de fazer ver e fazer crer, de confirmar ou transformar a visão do mundo, e a acção sobre ele, e portanto, transformar o mundo (Bourdieu, 1989: 14), o esforço de revitalização e fabricação de memórias, a partir do apelativo caramelo, tem incidência em aspectos gerais que possibilitam que qualquer pessoa do território a possa

reconhecer e com ela se possa identificar, sem sentir que está a invadir ou deixar-se dominar por memórias de outros. É, deste ponto de vista, inofensivo e acessível.

Este processo de fabricação e objectificação patrimonial foi acompanhando o desenvolvimento urbano da vila, a par e passo. Fortuna, em 1997, percebendo as transformações porque o território atravessava, teceu a seguinte afirmação: Em meia dúzia de anos, a realidade etnográfica dos caramelos à volta de Palmela afundou-se, desintegrou-se, e dos seus restos, para não chamar destroços, nasceu uma sociedade híbrida, mista de rural e urbana, portanto com enorme percentagem de glóbulos campestres ainda no sangue, ocupando o mesmo espaço geográfico mas numa vivência cultural ou tipo de civilização muito diferentes (*idem*: 93). O desenvolvimento do território foi aqui analisado como intrinsecamente relacionado com o próprio apelativo. Um confunde-se com o outro.

Actualmente, o grande fluxo migratório e a sucessiva ocupação do território permitiu que a vila se tornasse agente de mudança na região, contribuindo decisivamente para a construção e configuração de um novo espaço social. Embora não existam dados que permitam quantificar o fluxo migratório, nomeadamente o saldo de entradas e saídas, assim como precisar os locais de origem de quem vem, é perceptível, através da experiência do quotidiano, que existe uma entrada permanente de novos cidadãos em diáspora. Numa publicação da Câmara Municipal de Palmela (2003), lemos as seguintes palavras da Presidente da autarquia: Homens e mulheres com grande diversidade de origens geo-culturais fizeram e fazem de Pinhal Novo uma terra de desenvolvimento, que acarinha todos quantos chegam ou não lhe estivesse na génese essa dimensão do acolhimento (in Pereira: 12).

No contexto deste crescimento e da conjuntura política e social do espaço geográfico que ocupa na área metropolitana de Lisboa, Pinhal Novo negocia o seu lugar competindo, enquanto pólo de atracção demográfica e económico, directamente com cidades vizinhas como Alcochete, Montijo, Moita. A vila surge, inclusive, como alternativa habitacional à capital e outras zonas mais industrializadas, num processo que passa pela sua própria afirmação enquanto cidade, através de uma reivindicação explícita por parte do poder autárquico e associativo local.

Como afirma Pais de Brito (2001), as cidades têm um registo, uma atmosfera e um espírito que lhes dá a singularidade e a biografia é dada pela espessura da história e discurso, ele próprio já inscrito na cidade, projectando imagens de si própria e sobre si própria, que se vão acumulando, que vão fazendo a sua plástica e a sua respiração (cit. In Cordeiro, 2003:9). Hoje, numa altura em que a vila se posicionou face à modernidade, pensando-se e

projectando-se como cidade, o apelativo tomou o lugar de liderança. Trata-se de uma nova concepção do local, enquanto espaço fluído e relacional, constituído e concretizado na sua relação com o global, e que se projecta num contexto de abertura ao exterior e de modernização, recuperando referentes de singularização, para negociar o seu posicionamento no espaço global (Peralta, 2006: 76). A emergência deste localismo cultural evidencia-se como a expressão mais visível do agir no mundo global, dominá-lo ou ajustar-se a ele. É, acima de tudo, resultado de uma estratégia de desenvolvimento onde o simbólico se constitui como o elemento principal.

Porque a complexidade da mobilidade humana e a sua fixação num diferente território acarreta inúmeras reconfigurações, num confronto permanente entre um passado recente num lugar distante, e um presente que se constrói a cada instante. Este processo obriga a que a identidade, produto das relações entre uma comunidade e o espaço que habita se redefina constantemente. Lopes (1999) fala do “Homo mobilis” que, de forma consciente ou inconsciente, desenvolve estratégias de negociação com o objectivo de regular a bilateralidade de referências da nova dinâmica social. São estratégias que passam por um ajuste permanente entre aquilo de que não se quer abdicar (as suas próprias referências identitárias), e os novos elementos que o indivíduo tem de assimilar para poder sobreviver socialmente (Sampaio, 2005). Halbwachs afirmou que *we places ourselves in their perspective [memória colectiva] and we consider ourselves as being part of the same group or groups as they* (1992: 38).

Ernest Laclau (1990), afirma que estas sociedades plurais não se desintegram totalmente não é porque são unificadas, mas porque os seus diferentes elementos e identidades podem, sob certas circunstâncias, ser conjuntamente articulados. Porque, sublinha o autor, o deslocamento tem características positivas, desarticula as identidades estáveis do passado, mas também abre a possibilidade de novas articulações: a criação de novas identidades, a produção de novos sujeitos, através da recomposição da estrutura em torno de pontos nodais particulares de articulação<sup>59</sup>.

Encontramos em Pires (2003) uma abordagem que enquadra a função do apelativo, tal como a estamos a conceber. O autor apresenta o processo de migração como um tipo particular de mobilidade espacial entre sistemas sociais, como deslocação inter-sistemas de ordem que inclui processos de desintegração (na sociedade de partida) e de (re)integração (na sociedade de chegada). Afirma que esta situação pode ser conseguida através da incorporação em quadros de interacção autóctones, através de micro

---

<sup>59</sup> Citado por Hall (s/d).

processos de reparametrização, de aprendizagem social que, alargando o fundo de conhecimento comuns, viabilizem a participação em novos espaços de negociação e reconhecimento (*idem*: 63 - 64). Assim, indo ao encontro de Halbwachs, a visão individual do passado é expandida a partir de dados do presente e das percepções do grupo.

Pela nossa parte, concebemos o apelativo caramelo como ponto de articulação fundamental porque possibilita a reapropriação, facilita a integração e soluciona o problema de pertença colectiva em que desembocam os jogos sociais no plano identitário, entre imigrantes e autóctones (*idem*: 64). Porque a cidade tem um tempo histórico, não apenas pela sua condição material, mas sobretudo pelo seu carácter humano. É o espaço de realização de uma colectividade (Uriarte, 2001).

Falamos de um movimento politizado de reinvenção identitária, com o objectivo de integrar através da formulação de quadros de interacção pré-existentes. Pegando nas palavras de Rota (cit. em Pérez, 2003:17), são jogos de cultura de permanência em lugar de fugacidade, onde indivíduos que não se conhecem e que, aparentemente nada têm em comum excepto a residência num mesmo local, constituem redes sociais e identitárias de ligação, numa forma de consciência colectiva de território. Neste processo, a memória colectiva verte o que é comum ao grupo, exalta o sentimento de pertença e o que o diferencia dos outros. O apelativo tem como função prevenir a desagregação da comunidade local e, simultaneamente, integrar os novos habitantes, introduzindo uma narrativa expressa numa linguagem acessível e universalmente local, onde todos se podem rever, reforçando ou criando novas redes de solidariedade (Vilaça: 86).

E este parece ser um processo pacífico porque o apelativo é compatível com identidades plurais e multivocalidades territoriais e, simultaneamente, zela pela continuidade histórica e cultural do território. É o lugar seguro dentro do território plural.

### ***Notas Finais***

Neste capítulo pretendemos articular a história urbana e o processo de construção do apelativo caramelo. Porque para estudarmos uma identidade cultural temos que valorizar o contexto histórico e social em que as representações são formadas (Costa: 2002, 17).

Através do recurso a dados demográficos foi possível demonstrar as transformações provocadas pela dinâmica migratória da vila de Pinhal Novo, durante a sua curta história. A primeira referência ao lugar data de finais do século XIX. Em 1926 foi elevada a freguesia e em 1988 ascendeu a vila.

Actualmente, o Município de Palmela está a rever o Plano Director Municipal (PDM). Este é um instrumento de planeamento fundamental que pensa o território, define regras, dá orientações e planeia o futuro no que diz respeito à gestão do território Municipal a médio e longo prazo. Esta revisão é consequência das alterações estruturais na Península de Setúbal, algumas com reflexos directos no município de Palmela em particular na sua dinâmica de desenvolvimento, condição suficiente para repensar a estratégia de planeamento municipal (Pereira, 2003:13). A necessidade de rever o PDM deve-se não só ao desenvolvimento do território mas, sobretudo, à já prevista introdução de novos equipamentos que terão forte influência na dinâmica económica e social local. Trata-se do novo aeroporto de Lisboa a criar no Montijo, do TGV que passará numa das cinco freguesias do concelho, e da instalação, na freguesia do Poceirão, da maior plataforma logística a nível nacional. Estes grandes investimentos nacionais introduzirão, obrigatoriamente, factores de mudança no concelho. Hoje, Palmela continua a caracterizar-se por uma diversidade demográfica, económica, social e paisagística: A situação demográfica do concelho continua a ser demarcada pelas disparidades intraconcelhias em relação à dinâmica e distribuição populacionais. De facto, na zona Oeste, as freguesias predominantemente urbanas de Pinhal Novo e Quinta do Anjo registaram acréscimos e maiores concentrações populacionais, basicamente devido à entrada de população para o concelho (Rota, 2002:53). Os ainda existentes focos de ruralidade do concelho convivem com a urbanidade crescente, traduzida sobretudo pela freguesia de Pinhal Novo, a mais populosa. E é precisamente esta freguesia, e não só, que impõe a necessidade premente de revisão do PDM no sentido de desenhar e programar cenários possíveis de desenvolvimento do território pois, o mesmo documento apontou como objectivos para Pinhal Novo a consolidação do estatuto de maior aglomerado populacional do concelho e o reforço da densidade habitacional (Pereira, 2003: 31).

Falamos de uma vila que hoje assume um importante papel no contexto da área metropolitana de Lisboa pela sua proximidade à capital, pelas vias de comunicação cada vez mais acessíveis, pelo facto de estar perto mas aparentemente longe da complexidade do viver na cidade. Mas a vila, é certo que em poucas décadas crescerá enquanto cidade, e a revisão do PDM tem aqui uma intervenção preponderante no que diz respeito à previsibilidade da mudança, tentando geri-la e orientá-la no sentido de um desenvolvimento sustentável.

Assim, tem sido característica permanente da história de Pinhal Novo o crescer rápido, o expandir-se. Neste contexto, o território não é uma mera extensão de terra de limites administrativos mais ou menos definidos. É História, Estórias, Memórias, Práticas,

Sentires, Viveres Quotidianos que se produzem e reproduzem no espaço. E, como tal, Pinhal Novo constrói-se como um lugar de significados incorporados, como um território de uma multiplicidade de referências sociais e culturais que apenas vigoram neste contexto geográfico (Costa: 2002: 13).

Assim, como se constitui este território de múltiplas referências? São referências que se sobrepõem? Que se avolumam? Articulam entre si? Existirá um elemento polarizador capaz de unificar a pluralidade de significados?

Segundo a hipótese adiantada neste trabalho o apelativo caramelo canaliza a memória colectiva do lugar. Embora se trate de um território que se caracteriza pela entrada permanente de pessoas, vindas de locais distintos do país, em fluxos de mobilidade humana cronologicamente equivalentes, a primazia seja dada ao apelativo caramelo. Este foi surgindo como figura de poder, de união, como principal bastião das identidades locais. É elemento acessível a todos: velhos e novos elementos do grupo. O apelativo cria e difunde uma consciência colectiva do território actuando e exibindo-se, através de práticas dramaturgas. No próximo capítulo iremos abordar a relação entre o apelativo e o espaço, enquanto forma de se fixar e de se perpetuar.

### Capítulo III

#### *Narrativas, Performances, Materialidade e Imaterialidade do lugar*

“O acto da magia social que consiste em tentar trazer à existência a coisa nomeada pode resultar se aquele que o realiza for capaz de fazer reconhecer à sua palavra o poder que ela se arroga por uma usurpação provisória ou definitiva, o de impor uma nova visão do mundo ... consagrar um novo limite.”  
(Bourdieu, 1989: 116)

Neste último capítulo da dissertação centralizamos os nossos esforços na caracterização e interpretação da panóplia de evocações que produzem e reproduzem o apelativo caramelo. Não no sentido de quantificar práticas e presenças mas no sentido de compreender e apreender as dinâmicas que determinaram, e determinam, a celebração de uma identidade colectiva local. No caminho, é fundamental cruzarmo-nos com os especialistas técnicos (Halbwachs, 1992) que modelam as encenações dramáticas de Pinhal Novo. Quem são estes especialistas locais da produção simbólica? Que estratégias utilizam para fazer passar a mensagem? Que objectivos estão subjacentes a estes exercícios, individuais ou colectivos, de práticas culturais locais?

Os dados apresentados foram recolhidos por meio do método de observação directa dos momentos simbólicos da comunidade e dos mecanismos utilizados para inscrever na memória colectiva o apelativo. Para além desta metodologia de trabalho, apresentou-se como essencial a realização de conversas com alguns dos actores sociais identificados, que permitiram revelar interesses individuais aparentemente ocultos no entusiasmo da dramatização. O capítulo pretende, sobretudo, a partir do que considerámos ser uma tríade de elementos estruturantes deste processo de fabricação e projecção do apelativo – poder simbólico, performances, actores sociais -, dar conta do campo de significados que se concretiza por meio do empenhamento simbólico da comunidade.

Geertz (1993) defende precisamente um conceito semiótico de cultura, apresentando-a como um sistema simbólico, um campo de significados que resulta da relação entre significado e interpretação. Na sua perspectiva o homem, através da linguagem (do senso comum), constrói sentidos e, através da prática, gera acções que englobam em si todo um conjunto de códigos e convenções simbólicas, num jogo de sentidos e manipulações de significados. Bourdieu (1989), afirma que cabe ao poder simbólico a construção da realidade, já que tende a estabelecer uma ordem gnoseológica: o sentido imediato do mundo. Na sua opinião, os instrumentos simbólicos são estruturas estruturantes, instrumentos de conhecimentos e de poder que concorrem para a

construção de visões do mundo. Com uma autêntica função política, os símbolos tornam possível o consenso acerca do sentido social contribuindo para a reprodução da ordem social. Para Halbwachs (1992), que partilha de uma perspectiva construtivista, o enfoque deve ser dado aos processos e actores que intervêm na constituição e formalização da memória porque, para si, a questão fulcral não é o que fazes, mas qual o significado do que fazes. Reportando-nos a Pinhal Novo, assumimo-lo como um território de sentidos que aposta na sua própria valorização a partir de discursos, imagens e práticas. É uma vila socialmente construída (...) que tem como pano de fundo algumas tradições, encontrando-se a sua fundação algures no meio de uma complexa rede de elementos culturais, sociais, históricos, urbanos e rurais, sonhos, mitos, representações (Menezes, 2004: 66). E a visão formulada a partir do apelativo caramelo pressupõe a interiorização de um estado de consciência colectivo assente na diferença e na alteridade, que se firma nas especificidades e memórias do lugar. E esta afirmação colectiva do território apenas é possível porque está sustentada num eficaz sistema simbólico - o primeiro elemento da tríade.

Todavia, neste trabalho, reivindicamos como igualmente importante, a par do campo de significados, as performances, aqui considerado como segundo elemento do processo de construção do apelativo. Bourdieu reclamava efectivamente uma análise capaz de integrar não só a representação que os agentes têm do mundo social, mas também, de modo mais preciso, a contribuição que eles dão para a construção dessa visão do mundo e, assim, para a própria construção desse mundo, por meio do trabalho de representação (Bourdieu, 1989: 139). Estamos convictos de que as evidências empíricas, quando utilizadas de forma eficaz, cristalizam sentidos e memórias. E, neste contexto, sublinhamos a importância basilar que a experiência fenomenológica tem em todo o processo de construção e vinculação do apelativo caramelo e das imagens que lhes estão associadas. É, aliás, a construção da identidade o elemento básico da actividade performativa (Raposo, 2002: 57). Assim, durante o trabalho de campo fomos confrontados com o facto da vila ser o palco de representações, por parte de grupos de actores sociais, através de práticas que se desenvolvem num circuito de redes performativas. Estes grupos investem numa visão “da sua própria cultura” que definem como: “tradição” ou “popular” (Raposo, 2002: 23). Raposo adianta que é através das performances culturais que todo o conjunto de sentidos culturais e sociais são codificados e/ou decodificados (*idem*: 108). E este poder vincutivo das performances é também sublinhado por Giddens quando afirma que as práticas sociais são constantemente examinadas e reformuladas à luz das informações

recebidas sobre aquelas próprias práticas, alterando, assim, constitutivamente, o seu carácter (cit. in Hall, s/d: 37).

Contudo, importa clarificar que a performance é essencialmente um comportamento comunicativo e um evento comunicativo (Raposo, 2002: 106), de grande nível de exigência em função do diversificado e imponente campo de oferta cultural e simbólica do mundo actual, onde se multiplicam ilustrações etnográficas (*idem*: 104). Os instrumentos da globalização são absorvidos pelas culturas locais que, mediante o potencial da comunidade local, permitem a afirmação da diferença (Peralta, 2006). Bourdieu (1989) refere precisamente a importância dos meios de comunicação ao afirmar que existir não é somente ser diferente mas também ser reconhecido legitimamente diferente e em que, por outras palavras, a existência real da identidade supõe a possibilidade real, juridicamente e politicamente garantida, de afirmar oficialmente a diferença (Bourdieu, 1989: 129). Ora, a exposição pública daquilo que se entende por tradição, é o veículo por excelência de produção e afirmação do apelativo caramelo. Falamos de uma visão que, para vingar, tem obrigatoriamente que ser promovida a diferentes públicos. Serve apenas aqui como exemplo, o que mais à frente teremos oportunidade de comprovar, referir que a repetição sucessiva da denominação caramelo, em actos públicos, institucionaliza e oficializa o termo. Parece-nos possível afirmar que esta objectificação resulta da concertação entre a evocação eficaz e repetitiva do termo, e a sua exibição pública, em espaços não convencionais de representação, numa apropriação efectiva do espaço público.

Destacamos, finalmente, o terceiro elemento que concorre para esta vinculação simbólica: os actores sociais. A cultura engloba vários actores, nomeadamente os mediadores culturais, activos representantes e impulsionadores da memória colectiva. Grupos geradores de pertenças e papeis, também eles múltiplos (Vilça, s/d: 86). Costa (2003) refere cidades de interacções múltiplas, de referências culturais plurais e quadros de relacionamentos sociais fervilhantes emergentes ou combinatórios. Rodman (cit. por Menezes, 2004) fala de multilocalidade e multivocalidade nestes processos de construção cultural, que são múltiplos. Trata-se de sublinhar o papel determinante que os indivíduos, enquanto membros de uma comunidade, adquirem ao se relacionarem entre si, constituindo redes de sociabilidade dinâmicas e plurais, que concorrem para a fabricação de significados e práticas. O' Neill (2006) considera que estas redes constituem, grosso modo, um sistema de relações através dos quais os indivíduos e/ou entidades interagem num sentido activo, dado que o paradigma é fortemente relacional (*idem*: 237). Geertz diferencia a estrutura social (económico, político, nas suas formas

institucionais) da estrutura cultural (sistema de significados) com base no que considera ser níveis de integração diferenciados. Na sua opinião, a primeira estrutura é intrínseca, análoga ao organismo. A segunda caracteriza-se por ser produto de uma integração baseada na partilha de significados e valores. Afirma que, embora sejam interdependentes e inerentes em si (interpenetração), existe uma permanente tensão entre ambas, o que vincula a necessidade de existência de um terceiro elemento, o da motivação integracional individual, dos actores sociais. Esta motivação e mobilização é mediada pelos poderes, formais ou informais, que estruturam e regulam a acção. Porque, podemos também afirmar que quando falamos de cidade falamos sempre dos poderes que a configuram fisicamente, dos poderes que a dão a ver da forma que lhes é mais vantajosa (através de imagens que melhor a retratam desse ponto de vista). Poderes que a percorrem, a sectorizam, a tornam lugar de referência. De conflitos e de partilha (Baptista, 2003: 39). Magnani (2002), através da sua definição de conceito de “planeamento estratégico”, define nitidamente esta apropriação patrimonial em que se estabelecem parcerias entre o sector público e privado, com forte presença associativa, com vista a um projecto de renovação urbana: a constituição de raízes identitárias. Trata-se, afinal, de uma intensidade dramática, continuamente reproduzida, em que os papéis são distribuídos com vista ao reforço dos laços entre os indivíduos e que contribui, conseqüentemente, para a reprodução do apelativo e, em última análise, para a apropriação e vinculação da memória colectiva sobre o território.

### ***Poder político***

O investimento mítico permanece uma necessidade política  
(Balandier, 1999: 101)

Os sistemas simbólicos constituem-se a partir do resultado da eficácia de narrativas e práticas, na sua exposição pública. Embora as redes de sociabilidade sejam multivocais, o poder político assume, a maior parte das vezes, a boca de cena ou, pelo menos, o lugar do ponto, orientando os actores e criando oportunidades para o desenrolar de cenas dramáticas. Foucault (cit. in Balandier, 1999) compreendeu a omnipresença das relações de poder, tendo sublinhado o jogo relacional, determinante, entre conhecimento e poder, em que o conhecimento assume a forma de instrumentos de poder, e os seus detentores são considerados os protagonistas do drama. Bourdieu venceu a relação entre o teatro e a vida política, ao referir a relação propriamente simbólica entre um significante e um significado ou, melhor, entre representantes dando uma representação e agentes, acções e situações representadas (Bourdieu, 1989: 175). O poder político, a partir do drama que

encena, impõe e legitima a sua dominação, em prol do controlo político e ideológico da cidade (Menezes, 2004). Falamos do princípio da hierarquia dominante de Bourdieu (1993: 40), definido em função do capital cultural acumulável.

Para Zukin (cit. in Menezes, 2004: 7) é fundamental analisar a cidade e o espaço construído a partir da interpretação e interpenetração da cultura e poder, numa incursão pelo campo de produção do próprio espaço e dos símbolos que o retractam e constroem. E, nesse sentido, procurou-se captar as articulações entre as forças políticas de produção do espaço e controlo social (Menezes, 2004), os usos políticos do apelativo caramelo. Assim, neste trabalho, verificámos que o poder político local assume-se, a si próprio, como o impulsionador de todo este processo. De forma consciente, interpreta-se a si próprio como a entidade que maior contributo deu para a consolidação do apelativo. Em conversa com o presidente da Junta de Freguesia fomos, até com alguma surpresa, confrontados com a reivindicação clara do seu papel na definição do que denomina por Identidade Caramela. Quando questionámos sobre o significado da denominação, passou da especificidade histórica, para uma imagem quase psicológica do termo. Começou por referir a importância histórica dos primeiros migrantes que se fixaram na região, considerando Rio Frio o berço do território. Retracta estas pessoas como gente trabalhadora, ligada ao campo, acabando por concluir que o termo caramelo é um chapéu. Mas o que é não consigo defini-lo ... ser caramelo, hoje, é um estado de espírito. É uma forma de distinção com os outros. Mesmo gente que não é daqui e vive há meia dúzia de anos assume-se como caramelo. E, na sua opinião, os caramelos são pessoas que têm necessidade de se agarrar a aspectos simbólicos que contribuam para os seus traços distintivos em relação aos outros.<sup>60</sup>

Na opinião do Presidente, foi com a sua entrada na Junta de Freguesia, em 1993, que o apelativo caramelo foi ganhando a forma que hoje lhe conhecemos, deixando as marcas pejorativas que o caracterizavam. Perdoe-me a imodéstia (...) A partir do momento em que estou na Junta, passou a existir este sentimento de pertença (...) A partir de certa altura começou a existir um estado de consciência colectiva. O presidente identifica as dinâmicas que mais contribuíram para esta afirmação colectiva. No final dos anos 90 e, se calhar, com as Festas Populares de P. Novo, enfim a cosmopolitanidade. O cortejo [momento alto das Festas] tenta ser o mais etnográfico possível. Foi [também] concebido um projecto etnográfico, onde está estipulado que os ranchos só recebem apoio da junta se participarem no cortejo. Também a toponímia foi-nos apresentada como um factor relevante. Refere

---

<sup>60</sup> Entrevista realizada ao Presidente Álvaro Amaro, no dia 20 de Junho de 2008, no seu gabinete na Junta de freguesia de Pinhal Novo.

ainda que a Junta tem dado um contributo decisivo, mas não será o único e não substitui o papel de outras entidades, dando especial destaque ao Festival de Folclore da Região Caramela, organizado pelos ranchos Folclóricos; à Festa da Amizade promovida pelo Rancho Folclórico dos Olhos d'Água, com a encenação de quadros etnográficos de época; ao Ensino Recorrente, através do método de alfabetização com recurso às memórias individuais; aos Círios em honra de N.<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Atalaia que, na sua perspectiva: são uma referência incontornável.

Verificamos que a evocação do passado mítico sobre a origem do lugar está presente em todas estas dinâmicas. O passado que, segundo Peralta (2006), é impulsionado e promovido pelos poderes políticos como forma de legitimação e consensualização da sua própria acção (*idem*: 77). Trata-se conseguir chegar à população - tendo a cultura como recurso político - utilizando as suas próprias memórias, os seus afectos, através da transposição do que conhecem e sentem como seu para o campo do poder político, assente numa panóplia de dispositivos simbólicos. São discursos simplificadores que enaltecem a uniformização das mensagens e imagens colectivas partilhadas (Torrico, 2006: 34). E em Pinhal Novo, a politização da memória tem-se apresentado como uma forma eficaz de fazer política. O grande actor político tem-se mostrado capaz de comandar o real pelo imaginário, pela transposição e produção de imagens e manipulação de símbolos, transformando todo um povo numa multidão de figurantes fascinados pelo drama (Balandier, 1999: 21 - 23). Não deixa também de ser relevante o facto de, no nosso trabalho de campo, não termos detectado resistência endémica à promoção do apelativo caramelo e a todo o campo simbólico que o sustenta. Não queremos com isto afirmar que tal resistência não existe, todavia, não nos foi possível, através da metodologia utilizada, detectá-la. Aparentemente parece existir um consenso generalizado ou uma afasia social, talvez resultante daquilo que Balandier denomina por ilusões da óptica social (*idem*: 20), consequente da eficácia da estratégia de comunicação simbólica do poder político. Ou, pegando na perspectiva de Bourdieu (1989), esta afasia ou aparente consentimento, pode ser efeito do afastamento do palco de acção, dos habitantes reduzidos a meros consumidores: O campo político é o lugar onde se geram, na concorrência entre os agentes que nele se acham envolvidos, produtos políticos, problemas, programas, análises, comentários, conceitos, acontecimentos, entre os quais os cidadãos comuns, reduzidos ao estatuto de "consumidores", devem escolher, com probabilidades de mal-entendido tanto maiores quanto mais afastados estão do lugar de produção (*idem*: 164).

Precisamente pelo domínio que o apelativo tem do discurso político, quisemos saber porque é que o presidente assume como determinante a *Identidade Caramela* em Pinhal Novo. Respondeu-nos que a vila é uma realidade multicultural devido aos fluxos migratórios e, conseqüentemente, formada por múltiplas identidades. Esta alusão às múltiplas referências culturais locais provocadas pela mobilidade da população, confirma o que já havíamos dito sobre a função que o apelativo tem de tornar a heterogeneidade local harmoniosa, no sentido de vincular as diferenças à unidade do território. O apelativo contribui para criar uma auto-estima colectiva, onde todos se querem rever. É a exaltação da identidade, a apoteose cultural do local. Por esse motivo, o presidente destaca que, independentemente das origens das famílias, hoje, a auto-estima que as pessoas foram criando faz com que digam que são caramelos. Ser caramelo hoje é ser diferente. As pessoas amiúde referenciam-se na nossa forma de fazer, de estar. Ser do Pinhal Novo é ser diferente de ser de outro lado qualquer. Pinhal Novo é tradição e modernidade.

Finalmente, perguntámos qual a visão que tem de Pinhal Novo a médio prazo. Respondeu que prevê que vá sofrer transformações no plano cultural e da identidade, o que implica que a memória se apague. Assim têm que ser tomadas medidas, nomeadamente colocar essas memórias num museu. Incentivar os ranchos ... mas, sobretudo, vai depender das políticas e do ordenamento do território. Uma desconstrução e análise pormenorizada de todo o discurso daria, certamente, lugar a um capítulo inteiro mas, porque tentamos cingir-nos às conseqüências mais relevantes das suas palavras, destacamos o que nos parece ser claro: a presença determinante que o poder político tem na construção do apelativo caramelo. O próprio presidente tem disso consciência, afirmando que se inicialmente lhe coube a impulsão daquilo que denomina por estado de consciência colectivo, projecta também a necessidade de dar continuidade a este trabalho, sob pena da memória dar lugar ao esquecimento. E, embora tenha referido a importância de outras entidades que contribuem para este processo, não foi referida uma única vez a participação dos cidadãos anónimos, de certa forma confirmando Bourdieu sobre a redução dos habitantes a meros consumidores, cabendo ao poder político transmitir valores, produzir e difundir sentidos de colectividade, endoutrinar.

A nosso ver, é também relevante a necessidade que o presidente tem de vincar a importância do seu papel neste processo. Como afirma Balandier (1999) o poder político não quer ser apagado pelo esquecimento. A sua linguagem refere-se a um além (fora da vida imediata), em direcção ao passado e/ou do futuro; aos fundadores, e a uma carta inicial e seus princípios, a imagens e símbolos, ao progresso e à mudança, a uma perspectiva que impõe desde já a gestão do futuro (*idem*: 29). Uma das formas que a Junta de Freguesia encontrou

para investigar e promover o apelativo e, simultaneamente fazer-se perdurar na memória, foi a edição da *Colecção Origens e Destinos*. O primeiro número (1998) informa os leitores dos objectivos que pretende alcançar: O tema é óbvio e fascinante: as origens e os destinos deste sítio e destas gentes (...) Os objectivos são essenciais e urgentes (...) contributos para a valorização da base cultural de Pinhal Novo.<sup>61</sup> No Prólogo, escrito por Cabrita, podemos ler: Os homens, motivados e orientados pelos significados que são capazes de descobrir ou de atribuir aos impulsos que provêm do espaço que partilham, tomam em consideração esses significados, interpretam-nos e respondem-lhes intencionalmente. Assim, os homens vão construindo o seu espaço e, neste, o bocado mais afeiçoado dele, o seu sítio. (...) A definição de um sítio, (...) tem, pois, de procurar-se na sua identidade, nas suas referências próprias, na forma como delas cuida, no processo como as preserva ou modifica, no uso que delas faz para garantir a sua própria integração, na afirmação particular da sua relação com os outros. Parece-nos claro que a escrita da memória é vista como essencial para a clarificação dos aspectos identitários do local, e para a difusão e partilha dessas mesmas memórias, como forma de valorização da comunidade.

Relativamente à Câmara Municipal de Palmela, também lhe tem cabido um importante papel no estudo e divulgação do apelativo. As publicações, as exposições, os projectos educativos e recursos pedagógicos que coloca à disposição da comunidade educativa, contribuem para dar visibilidade, continuidade, fixar e cristalizar o apelativo como configuração identitária (vide figuras 25 e 26). É um processo institucional de gestão da memória colectiva através da selecção dos factos que devem ser preservados ou esquecidos, e condicionando essa memória para a valorização de um património em detrimento de outros. A gestão da memória, sendo componente indispensável à vida política das nações e ao manejo, pelas elites letradas, de repertórios simbólicos que impregnam e regem a vida social, converge para a legitimação do Estado e dos grupos que nele participam (Nedel, 2005:89). Falamos de um exercício de autoridade que actua, não pelo domínio da força política mas, sobretudo, pelos meios de que dispõe para fazer ecoar o seu discurso junto da população local.

### ***Movimento Associativo***

O associativismo constitui um veículo, por excelência, para a prossecução de um leque variado de práticas culturais (Vilça, s/d: 89) e de inculcação e/ou expressão de

---

<sup>61</sup> Prefácio por Aníbal de Sousa, Director da Colecção.

sentimentos identitários (Pereira, 2003: 157). As associações, pela disponibilidade de criar e reproduzir encenações a partir do potencial humano de uma comunidade, são uns dos principais meios de expressão do colectivo que representam. Pereira (2003) considera que um dos factores mais significativos para o sucesso do movimento Associativo é que as pessoas sentem necessidade de participar, de se integrarem no seio de movimentos, de praticarem actividades várias (*idem*: 162). A autora afirma que não é absolutamente necessário existir qualquer relação prévia com a actividade em causa. Muitas vezes é por acaso, mesmo que depois essa relação se intensifique e passe a constituir parte integrante da identidade do indivíduo sendo por esta transmitida aos demais elementos da sua rede de sociabilidade (*idem*). Por Pinhal Novo ter as características demográficas que apresentámos, a importância do tecido associativo consiste precisamente na possibilidade de integrar os novos habitantes e não descaracterizar a população mantendo nelas a lembrança duma realidade em desaparecimento (Vilaça, s/d: 89). Aliás, o movimento associativo tem uma relação muito próxima com o poder político local. Branco (1999) confirma que assentam em movimentos sociais, que [se] pautaram por linhas de incidência rural e popularizante, com a finalidade de produzir representações de memórias sociais a transformar em cultura institucionalizada (*idem*: 37).

Outros autores particularizam a interligação entre o movimento associativo e o desenvolvimento urbano, considerando o primeiro consequência do segundo. Melo (2004) refere que é a partir da influência cosmopolita urbana (a que associa ao termo *contexto adverso*), que surge a necessidade de representação simbólica exterior da comunidade, no sentido de promover a cumplicidade de lembranças e de pertenças por meio do convívio ligado à identidade cultural.

Em Pinhal Novo, a existência de cinco ranchos folclóricos é demonstrativa da importância que o movimento associativo tem no contexto de produção cultural do lugar. São: Rancho Folclórico da Casa do Povo de Pinhal Novo; Rancho Folclórico Danças e Cânticos dos Olhos d'Água; Rancho Folclórico da Herdade de Rio Frio; Rancho Folclórico "Os Rurais" da Lagoa da Palha e arredores; Rancho Folclórico Regional da Palhota e Venda do Alcaide.<sup>62</sup> Todos estes ranchos utilizam e reivindicam

---

<sup>62</sup> Existem 11 ranchos folclóricos no concelho de Palmela, distribuídos pelas freguesias de Pinhal Novo, Poceirão e S. Pedro de Marateca, cinco dos quais estão federados. O levantamento histórico e etnográfico foi da responsabilidade dos directores, através de entrevistas a diversas pessoas da região. A recolha incidiu sobre o levantamento de músicas e letras do início do século XX. O repertório é composto, sobretudo, sobre os temas: trabalho e enamoramento, sendo que existem alguns sobre figuras características de cada lugar. As músicas são tocadas de ouvido, não havendo qualquer pauta. Os instrumentos que integram os ranchos são essencialmente: o acordeão, o reco (de vários formatos), os

o apelativo caramelo<sup>63</sup>. Com o objectivo valorizar e salvaguardar as tradições iniciaram, com base nas orientações da Federação Portuguesa de Folclore, um processo de recolha de músicas e cantares, vestuário, gastronomia, hábitos e costumes que foram sendo integrados no repertório simbólico do seu campo de actuação. Rapidamente, como forma de serem identificados pelos outros, foram construindo a sua imagem a partir do apelativo caramelo, que utilizam nas suas actuações locais e nacionais.

Em 1998 realizou-se o primeiro encontro de grupos folclóricos do concelho, com o objectivo de delinear uma estratégia conjunta sobre um plano de trabalho futuro. Como consequência, no ano seguinte realizaram-se as primeiras Eiras Folclóricas da Região Caramela. Podemos ler na acta deste encontro: Reconhece-se o atraso em relação ao estudo das diversas disciplinas que compõem o edifício folclórico da Região Caramela, e recomenda-se o aprofundamento da investigação nos seus fundamentos históricos, sociológicos, etnográficos e etno-musicais (*idem*: 9). Em 2000 realizaram-se as 2ª Eiras que visaram contribuir para uma constante busca de rigor e autenticidade, como forma de responder com sucesso aos previsíveis impactos do 3º milénio, centralizando o debate na importância da genuinidade das tradições. Ao longo deste período realizaram ainda alguns encontros sobre cultura popular onde, para além dos representantes locais, foram também convidados a participar os representantes de ranchos da zona da Gândara, dando mais substância à evocação do apelativo caramelo. Em 2003, o Rancho Folclórico da Barra Cheia (concelho da Moita), um dos primeiros a reclamar esta valorização patrimonial, realizou uma viagem a Mira<sup>64</sup>, que teve como objectivo a homenagem à habitante mais idosa do local, numa espécie de reencontro ancestral com familiares de Mira, que até então lhe eram desconhecidos. Tivemos oportunidade de assistir a este encontro que decorreu propositadamente no cemitério, junto da campa do ascendente comum (vide figura 27). Apesar destas pessoas nunca se terem cruzado, ou até contactado, mesmo que informalmente, este revelou-se um momento simbólico muito

---

ferrinhos, as enxofradeiras, as bilhas, as pinhas e a cana. Embora a gaita-de-beços tenha sido um instrumento fundamental na época retractada, não é utilizada. As letras estão registadas em cada repertório e, embora por vezes correspondam à mesma música, sofrem alterações de rancho para rancho. Algumas com variações pouco significativas. Existem letras que foram completamente adulteradas, contendo expressões de carácter moderno, tal como “televisão”. Andrade (2006), detectou ainda outros ranchos, do distrito de Setúbal, *de inspiração* caramela: Danças e Cantares de Barra Cheia; Os Camponeses de Arroiteias; Corações Unidos Baixa-da-Banheira; Danças e Cantares do Afonsoeiro; Os Águias de Alto Estanqueiro; Juventude Ataiense; Fazendeiros de Lagameças: Danças de cantares Regionais do Faralhão; Praias do Sado.

<sup>63</sup> O Rancho Folclórico do Poceirão, tem a particularidade de tentar exprimir a heterogeneidade cultural da freguesia, utilizando trajes de todas as regiões que fluíram ao lugar.

<sup>64</sup> Mira é sede de concelho do distrito de Coimbra.

intenso, tocado por lágrimas que escorreram em alguns dos rostos, concretizando a partilha de um passado comum, que até então apenas tinha presença nas narrativas do lugar.

Em resultado destes momentos de partilha e reflexão, foram surgindo um conjunto de iniciativas, daquilo a que Raposo (2002) denomina por Ciclos de Folclorização. Ao longo do calendário anual de cada associação encontramos festivais, locais e nacionais, encontros, concursos, e outras iniciativas que têm a cultura e, especificamente, as chamadas tradições caramelas, por sustento.

Refiro, a título de exemplo, a eleição do Traje Caramelo (vide figuras 28 - 30), enquanto competição que promove uma encenação de autenticidade, numa permanente discussão em torno da qualidade, do conteúdo, do rigor e respeito pela tradição.

É ainda de destacar a importância das deslocações fora do concelho que celebram e revivificam a identidade do grupo perante o outro, dando a (re)conhecer as virtualidades e as potencialidades das suas produções culturais (Vilaça, s/d:105).

### ***Festas Populares***

As Festas Populares de Pinhal Novo, promovidas inicialmente pela Junta de Freguesia<sup>65</sup> e, actualmente, organizadas pela Associação de Festas, assentam, sobretudo, na evocação e divulgação do apelativo caramelo, tanto enquanto elemento que traduz as tradições do lugar como, simultaneamente, lhe dá uma projecção de modernidade. Estas manifestações festivas e rituais operam como mediadores simbólicos e institucionais, o que faculta aos diferentes actores sociais a possibilidade de identificação e distinção dos outros, permitindo a introdução de vínculos (Menezes, 2004: 118). As Festas constituem-se como o momento da consolidação e celebração da comunidade, dado que são situações extraordinárias de sociabilidades urbanas intensificadas (Costa, 2003: 125). Espaço de culto e de apoteose, social e cultural, colectiva.

O palco, por excelência da festa, é o espaço público urbano, que serve de suporte para as manifestações de performances sociais e culturais, actos de resistência e de dominação, conflitos, memórias, mudanças, imagens, identidades, encontros (Menezes, 2004:10). Sublinhamos aqui a afirmação de Uriarte (2001): Se houvesse necessidade de definir um único factor parcialmente mais estável na constituição de uma cidade, esse seria o espaço público. É o elemento singularizador por excelência do urbano e do rural. Assim, num processo relacional entre espaço e tempo nas formas e usos dos espaços (*idem*), o Largo

---

<sup>65</sup> As Festas, que se realizam no mês de Junho, nasceram em 1997. Hoje vão na 12ª edição.

José Maria dos Santos, berço da vila, é o lugar estratégico e de mediação, onde todas as celebrações têm lugar. É o espaço por excelência da exibição dos processos de construção e na sedimentação da relação identitária (Costa: 1999).

O uso do espaço público, como lugar de grande visibilidade, medeia também a relação com os outros, permitindo difundir e reforçar a imagem da comunidade com o exterior. Aliás, a promoção e divulgação da memória colectiva, tem-se mostrado um factor decisivo na produção cultural. De acordo com Trigueiro trata-se de processos tensos e intensamente dialogados, mediados pelos operadores das redes de comunicação, onde se inventam e reinventam novas manifestações culturais populares para as demandas de consumo da sociedade. Exemplos desses novos procedimentos são as ressignificações das festas populares, artesanato, culinária, cantorias de violas, cordel e de tantas outras manifestações da cultura tradicional marcadas pelas novas lógicas de consumo do local (s/d). No conjunto, afirma Raposo, Cartazes e postais anunciam carnavais e cerimónias religiosas, performances e animações lúdicas, eventos públicos (*idem*: 7) através da reprodução de imagens que evocam o tradicional, o popular, num processo de classificação e manipulação de significados. É como se existissem duas festas, uma dentro da outra, ou seja, a festa central institucionalizada, de interesses económicos dos megragrupos empresariais, políticos e até religiosos, e a outra, periférica, que continua sendo organizada através da mobilização da comunidade, pelas fortes redes sociais de comunicação, com a finalidade alegórica de rompimento com o quotidiano e com o mundo normativo estabelecido (Trigueiro: 5). E todos parecem contribuir para a omnipresença do apelativo caramelo por meio da sua utilização em diferentes contextos (vide figuras 31 - 40). Considera-se que a Festa Popular, a par de outras iniciativas associativas, contribui decisivamente para as representações que Pinhal Novo constrói, para si e para os outros.

### ***Ilustres locais***

Para além do poder político local e do movimento associativo, individualidades locais também concorrem para a construção do apelativo caramelo. Protagonistas centrais da história, avolumam capital simbólico e mediam a relação entre os cidadãos e o poder organizado, em relações informais de poder. Bourdieu (1989) distingue capital político de capital pessoal. O primeiro fruto da capacidade de expressão dos interesses e posições nas relações de produção social, o segundo resultado de notoriedade e popularidade. Nesta luta pelos critérios de avaliação legítima, os agentes empenham interesses poderosos, vitais por vezes, na medida em que é o valor da pessoa enquanto

reduzida socialmente à sua identidade social que está em jogo (*idem*: 124). É a visibilidade decorrente do empenho social e pessoal que mobiliza os actores sociais, fora do círculo oficial do poder, a investir e produzir capital simbólico. Dessa forma, intelectuais até então não consagrados pela academia são também os que produzem a cultura popular e que operam nas redes de comunicação quotidiana como mediadores activistas no processo dialéctico da hibridização cultural entre o moderno e o tradicional, o rural e o urbano, o global e o local (Trigueiro, s/d: 7). No contexto do apelativo caramelo é possível identificar algumas destas pessoas que possuem e dominam um conjunto de conhecimentos provenientes de um esforço auto-didáctico, no estudo da história da localidade. Mediadores, tradutores de cultura, homens notáveis (Lody, 1996) em regra exteriores ao poder académico, dedicam-se em regime não profissional à compilação de um saber específico para uma porção circunscrita do território. A sua pesquisa assenta num persistente vaivém entre arquivos locais e a recolha directa da boca do povo (Branco, 1999:39), na procura de factos comprováveis sobre a origem e tradições do território. A estas pessoas reconhece-se autoridade e autenticidade, sobretudo pelo empenhamento pessoal que dão ao território.

Através de um exercício de cumplicidade com a comunidade (Bourdieu, 1989: 7) são encarados como “um de nós”, cabe [também] a essa[s] pessoa[s] definir a identidade do grupo e a mensagem a transmitir. E a liderança só será eficaz se aos requisitos se juntar uma rede de relações (Branco, 1999: 38).

No decorrer desta pesquisa procurámos conversar com alguns destes ilustres locais e, em articulação com os seus textos publicados, perceber qual o seu papel na definição e promoção do apelativo caramelo. Não poderíamos deixar de iniciar este percurso por Fortuna, tanto pelo investimento pessoal, quanto pelo discurso etnograficamente vibrante: A colonização foi hábil e feliz / não me canso de, com toda a veemência, protestar contra a identificação de caramelo à de atrasado, pacóvio, simplório (Fortuna, 2005: 207). Verdadeiramente empenhado, esforçou-se por resgatar o apelativo e ao mesmo tempo atribuir-lhe outro significado, contribuindo decisivamente para a criação de um novo campo simbólico. Foi também o responsável por, na década de 80, atribuir nomes a ruas e azeiros, tendo-o feito com a preocupação de resgatar personalidades locais.

Outras vozes que se destacam:

Gente rude, honesta, trabalhadora, poupada e respeitadora e que se soube dar ao respeito, tendo atingido ao longo dos anos posições sociais destacadas (Carlos Maltez de Mira, p.13 in Cabrita, 1998)

Deles ouvíamos, às vezes, desmerecer porque eram “os do campo”.  
Mais recentemente, da sua boca, parecia mesmo a voz do seu

coração, escutámos embevecidos o reclamar da sua distinção caramela, agora que um novo paradigma de consideração positiva das identidades, parece sustentadamente assumido e valorizado, mas também não deve ser aligeirado (Cabrita, 1998: 37). Facto é que, não obstante essa tenaz perseguição [referindo-se ao republicanismo], e abstraindo-nos de eventuais relevâncias sincréticas próprias da dinâmica das coisas sociais, é muito claro que as práticas de religiosidade desse grupos de caramelos resistiram até aos nossos dias. Quem sabe se não resistiram, precisamente porque puderam resguardar-se a coberto da sua própria capacidade identitária, caramela? (*idem*: 52).

Poema de Aníbal de Sousa:

Em dia de mercado, a caramela,  
Vestia cores vibrantes de organdim;  
O cheiro dos pinhais vinha com ela  
Das vinhas, dos quintais, do alecrim!

Seu peito trepidava, farto e belo,  
No seu andar dançado, alegre e quente;  
Com uma rosa brava no cabelo,  
la acenando a rir para toda a gente!

No seu rosto a pintura natural  
Carícias do sol, pintor divino!  
E em seu fecundo ventre um mandrigal  
À terra, sua mãe e seu destino.

De Valdera ao Terrim, a caramela,  
Da Barra Cheia até à Salgueirinha,  
Da Atalaia à Serra de Palmela,  
Só ela é soberana, é a rainha!

No encontro que tivemos com Cabrita<sup>66</sup> referiu que, se inicialmente o termo significa que eram pessoas do campo, pobres, mal alimentadas, descalças, - tudo o que é associado à vida do campo (...) o 25 de Abril foi uma explosão, onde tudo passou a ser permitido. Explosão de manifestações etnográficas, nomeadamente com o surgimento dos ranchos folclóricos. Hoje, na sua opinião, os caramelos surgem como uma malha de referências: profissional, espacial, mobilidade da população, tradição, autenticidade, passado. (...) A N<sup>a</sup> Sr.<sup>a</sup> da Atalaia é uma

---

<sup>66</sup> Conversa realizada em 07.04.2008.

forma de manter a identidade caramela.(...) E sob o ponto de vista de afirmação, considera que Pinhal Novo tem condições para reclamar autonomia.

A conversa com Cebola<sup>67</sup> permitiu ter contacto com outra visão<sup>68</sup> sobre o mito de origem do lugar: Não é verdade que José Maria dos Santos tenha dado origem ao Pinhal Novo. O principal responsável foi o caminho-de-ferro. (...) José Maria dos Santos não é o que as pessoas pensam (...) Rio Frio era um campo de concentração (...) O padre foi mandado embora após sete anos de serviço. Quanto ao apelativo, Cebola confirma: o termo antigamente era depreciativo. Depois do 25 de Abril, passou a estar na moda. Toda a gente quer ser caramelo. Hoje está mesmo na moda (...) Provavelmente o poder autárquico contribuiu para a revalorização. À pergunta sobre a sua definição do que é ser caramelo, responde: É tudo muito indefinido.

A Organização Local de Ensino e Formação de Adultos (OLEFA), através do Ensino Recorrente, contribuiu decisivamente para a apropriação do termo. Embora se trate de uma entidade formal, optámos por colocá-la neste sub-ponto dos ilustres locais porque é perfeitamente identificável o rosto que deu azo a este movimento. Maria José (ex-responsável local pela OLEFA) foi das primeiras figuras a reivindicar e impulsionar a utilização do apelativo. Ao instigar a utilização do método pedagógico proposto por Paulo Freire<sup>69</sup>, fomentou a utilização das memórias dos alunos<sup>70</sup> como base para o processo de aprendizagem e de alfabetização. Para além da recolha informal de memórias, dinamizaram uma série de actividades como recriações das habitações de tipologia caramela, de utensílios, de brinquedos (vide figuras 41 - 44). Alguns dos objectos acabaram por se constituir espólio concelhio por terem sido doados ao serviço educativo do Museu Municipal.

Maria José<sup>71</sup> refere que inicialmente as pessoas tinham vergonha por serem do campo. Depois deu-se uma inversão, onde a iniciativa da locomotiva do ensino recorrente foi determinante (ano lectivo 1993/94). (...) Nessa locomotiva só iam pessoas do campo, trajadas a rigor. (...) As formandas choraram. Era um mar de gente (...) Foi sem dúvida um trabalho de valorização da identidade caramela. (...) Fomos pioneiros.

---

<sup>67</sup> Cebola é autor de uma crónica semanal no jornal de Pinhal Novo: “Memórias do nosso sítio”. Tem como objectivo apresentar factos sobre a história e figuras da vila que, na sua opinião, desmistificam algumas das teorias sobre a origem da localidade, nomeadamente sobre a figura de José Maria dos Santos.

<sup>68</sup> Conversa realizada em 10.04.2008.

<sup>69</sup> Paulo Freire (1921-1997), foi um educador brasileiro que se distinguiu pelo trabalho desenvolvido na área da educação popular. Tendo influenciado o movimento Pedagogia Crítica.

<sup>70</sup> A maior parte dos alunos que frequentam o ensino recorrente são pessoas idosas que habitam o meio rural.

<sup>71</sup> Em conversa realizada em 07.04.2008.

Através destas iniciativas, que sempre se pautaram por serem públicas, o Ensino Recorrente constituiu-se protagonista activo no processo de valorização do apelativo.

### ***Património Cultural Local***

Falemos de Património Cultural. Embora seja uma expressão recorrente, comumente utilizada por especialistas na matéria, entidades culturais, associações locais ou indivíduos anónimos, a pretexto de reclamar uma identidade com fundações na história e na tradição, o conceito é complexo e tem dado azo, ao longo dos tempos, a um debate inacabado com vista a determinar a sua definição: o que é, o que pode ser, o que deveria ser, o que não é. A UNESCO definiu assim o conceito: O Património Cultural de um povo compreende as obras dos seus artistas, arquitectos, músicos, escritores, sábios, assim como as criações anónimas, surgidas da alma popular, e o conjunto de valores que dão sentido à vida, isto é, obras materiais e não materiais que expressam a criatividade desse povo; a língua, os ritos, as crenças, os lugares e monumentos históricos, a literatura, as obras de arte e os arquivos de biblioteca<sup>72</sup>. Esta é uma lista imensa que parece tudo poder abarcar. Como referiu Torrico (2006), revela-se um discurso em aberto (*idem*: 27) e pegando nas palavras de Prats, O património é uma construção social, um artifício, idealizado por alguém, em algum lugar ou momento, para determinados fins e implica, finalmente, que é ou pode ser historicamente alterado, de acordo com novos critérios ou interesses (2004:20). De acordo com Peralta e Anico (2006), O património é mutável em função das necessidades culturais de um povo. E por isso mesmo, é que a UNESCO e outras entidades regulamentam e legislam a actuação que nele se pode ter.

O património surge-nos como uma realidade continuamente construída e reinventada. É uma objectificação flutuante, de carácter fortemente simbólico, na sua capacidade para representar simbolicamente uma identidade (*idem*: 22). Ora, o património tem a importante função de tornar os grupos sociais coesos atribuindo-lhes uma unidade assente num passado comum, E é esta possibilidade de fazer investir num qualquer *objecto*, material ou imaterial, a identidade de um grupo, que recursos e vontades são mobilizados dando lugar à constituição de património.

A patrimonialização é o processo de activação do património cultural. Legitimam-se novas criações, novos valores, sentidos, usos, significados (Perez, 2003) ao património

---

<sup>72</sup> In Definição elaborada pela Conferência Mundial da UNESCO sobre o Património Cultural, celebrada no México em 1982.

cultural móvel, imóvel e imaterial<sup>73</sup>. É um processo de representações, resignificações, metáforas do passado, na procura elementos patrimoniais que legitimem e, simultaneamente, sustentem os discursos identitários. Porque o património, na medida em que pretende representar uma identidade, constitui um campo de confrontação simbólica inevitável, tanto entre as distintas versões concorrente, como no âmbito das confrontações externas, simbólicas e físicas, entre grupos sociais (Prats, 2004: 38). Mas busca também, e sobretudo, a coesão do território culturalmente definido. É uma representação da memória/realidade e, simultaneamente, um instrumento ao seu dispor. Trata-se, pois, de uma relação incondicional entre dois tempos distintos num processo com três níveis de percursos que se cruzam permanentemente: o percurso da perda, da reinvenção e da fabricação dos bens culturais.

A utilização do apelativo Caramelo assume-se como um processo de patrimonialização na construção e legitimação de uma identidade local, tendo por base as narrativas que dinamizam as relações entre o passado, o presente e a projecção do futuro, por meio da fabricação de novos usos, significados, representações, discursos e performances, numa forma de revitalização cultural. Assim, ao contrário de Peixoto (2006) que afirma que a consagração patrimonial é um acto de luto (*idem*: 73) porque o estatuto patrimonial corresponde ao reconhecimento da morte de uma identidade (*idem*: 67), consideramos que os patrimónios são instrumentos de celebração. Em vez de colocar a tónica na morte, acentuamos a função transformadora do processo de patrimonialização que recupera patrimónios, alterando significativamente a sua função de uso original, constituindo-os como símbolo de identidade colectiva. Para Halbwachs, trata-se efectivamente de

---

<sup>73</sup> A UNESCO definiu que o Património Cultural Imaterial compreende “as obras colectivas que emanam de uma cultura e se baseiam na tradição. Estas tradições transmitem-se oralmente ou mediante gestos e transformam-se mediante a passagem do tempo, através de um processo de recriação colectiva. Incluem-se nas tradições orais os costumes, a língua, a música, os bailes, os rituais, as festividades, a medicina tradicional, as artes culinárias e todas as habilidades especiais relacionadas com os aspectos materiais de uma cultura, tais como as ferramentas e o habitat (“n Definição elaborada na Convenção para a Salvaguarda do Património Cultural Intangível realizada em Paris em 2003). Esta Convenção veio dar corpo a um movimento que teve início na década 50 do século passado, com a discussão sobre a importância da salvaguarda e conservação do património vivo, que teve como impulso questões jurídicas de direitos de autor [foi nesta década que o Japão introduziu a noção de “tesouros vivos”. Pessoas que, sendo depositárias de um património cultural imaterial impar, deveriam ser reconhecidas e protegidas, utilizadas e geridas em função do lucro (Kurin:2003)]. Em 1972, resultado da Convenção sobre a protecção do Património Mundial Cultural e Natural, a Bolívia, em parceria com outros países, propôs a integração das tradições orais. E, em 1989, a organização publicou uma carta de “Recomendação para a Salvaguarda da Cultura Tradicional e Popular” que definiu práticas de conservação do património Imaterial. Mas foi a globalização, associada ao receio de massificação das culturas, que impulsionou a efectivação das medidas há muito definidas, dando lugar ao programa Obras-mestras do Património Oral e Imaterial, incentivado por Koichiro Matsuura, director geral da associação. Foram definidos critérios para a patrimonialização do intangível, que determinam que este património tem de ser congruente com os direitos humanos, manifestar respeito entre comunidades e ser sustentável.

indicadores empíricos da memória colectiva. São marcadores identitários. Património e Identidade são conceitos intimamente relacionados, extensão um do outro (Peralta e Anico, 2006). Desta perspectiva, pegamos na afirmação de Auge (1998) quando considera que no caso das cidades de pequena e média dimensão, que procuram afirmar-se como um espaço significativo no contexto das escalas de prestígio das cidades nacionais e supra-nacionais, o património pode ser utilizado, pela visibilidade e legitimação simbólica que confere, precisamente como argumento na negociação do seu posicionamento (cit. Peralta, 2006: 78).

Em Pinhal Novo é comum ouvir-se um lamento latente sobre a existência de poucos referenciais patrimoniais monumentais, dada a sua curta dimensão histórica. Neste discurso, a vila de Palmela surge sempre como a *outra* realidade. Esta imagem fragilizada de si própria deu uso a que os habitantes da vila de Palmela, cientes desta desproporção de monumentalidade, utilizem, em dias de nevoeiro, uma expressão recorrente: Lá estão os de Pinhal Novo a querer roubar o castelo. Numa rivalidade latente, Palmela assume-se como o outro, que está permanentemente visível pela disposição geográfica<sup>74</sup> numa permanente relação de conflito. Não obstante, encontramos referências patrimoniais relevantes da freguesia de Pinhal Novo: Vestígios arqueológicos romanos, que constam na Carta Arqueológica do Concelho; A herdade de Rio Frio, com o palácio residencial mandado edificar em 1909 por António Santos Jorge, sobrinho de José Maria dos Santos, a partir de um projecto do arquitecto José Ribeiro Júnior, onde estão em evidência as decorações azulejares da autoria de Jorge Colaço. No contexto da herdade destaca-se, ainda, o núcleo urbano composto por núcleos habitacionais de antigos trabalhadores, uma antiga escola, hospital, mercearia, posto da guarda, capela, fábrica do arroz, carpintaria, oficinas de ferreiros, vários edifícios de adegas. A antiga Estação de caminhos-de-ferro da vila (anos 30) que, com os esforços da população e autarquias, foi possível manter. Trata-se de um edifício alpendrado de dois pisos que se encontra decorado com 23 painéis de azulejos da fábrica de Leopoldo Battistini. A Torre de sinalização, inaugurada em Outubro de 1938, obra do arquitecto José Ângelo Cottinelle Telmo (1897-1948)<sup>75</sup>. O Bairro Franco, e a Ilha Brava, são também dois conjuntos de arquitectura civil relevantes. O destaque é ainda dado à Igreja Paroquial de S. José, situada no Jardim José Maria dos Santos, e ao

---

<sup>74</sup> A vila de Palmela está situada no extremo NE das elevações da Arrábida, tendo no cimo, a figura proeminente do castelo. “A colina de Palmela (232m no vértice geodésico da torre de menagem do castelo) como todo o contraforte miocénico, tem resistido às forças da erosão, conservando aspecto compacto e imponente.” (CMP: 1999:30)

<sup>75</sup> A torre foi causa de uma recente polémica, por altura das obras de modernização da estrutura ferroviária. Estando previsto no projecto de engenharia a eliminação da estrutura, foi criada uma associação que uniu esforços de várias pessoas no sentido de impedir a sua destruição

busto deste, em frente. Finalmente, reivindicam-se as casas de tipologia caramela, habitações de características rurais que pontuam todo o território para além da vila.

Reveladora da eficácia da patrimonialização do apelativo caramelo, encontramos nas conclusões do Relatório de pré-existências patrimoniais do estudo para a localização do novo aeroporto, na área de Pinhal Novo a seguinte indicação: no plano dos valores etnográficos e simbólicos, Rio Frio apresenta uma realidade interessante, a preservar, ainda que muitas das expressões características dessa cultura regional se encontrem em acelerado processo de extinção ou desvirtuação. As autarquias, algumas instituições locais e mesmo iniciativas de particulares estão a procurar manter ou fazer ressuscitar vivências e experiências do passado mais ou menos recente. Em Rio Frio – Pinhal Novo, região de povoamento e crescimento muito actuais, é sentida a necessidade de entender e guardar a memória das coisas, neste caso da cultura caramela, com a qual se identificam as populações aí residentes. (*idem*: 8).

Actualmente, está em marcha a recuperação de uma casa de tipologia caramela, de meados do século passado. A proprietária deste projecto é a Instituição de Solidariedade Social - Centro de Ocupação Infantil (COI), que tem como objectivo explorar, a partir do apelativo caramelo, as origens do território.

#### ***Inquérito Prévio ao Museu Municipal de Pinhal Novo***

O Museu Municipal de Palmela é uma estrutura polinucleada que integra, para além de outros núcleos, o núcleo museológico de Pinhal Novo. Este núcleo, constituído actualmente por um programa variado de actividades e pela colecção do Ferreiro Faria depositada no Museu, irá dar lugar à criação de um equipamento museológico que constituirá o Museu Municipal desta freguesia. A definição do Programa Museológico é uma das etapas consequentes deste projecto. Em 2008 foi proposto que a primeira fase de elaboração do Programa se consubstanciasse na aplicação de um Inquérito prévio à população da freguesia, no sentido de apreender as necessidades, vontades, interesses e expectativas relativamente à criação deste novo espaço dedicado ao património Cultural do concelho. Considerou-se que esta metodologia de inquérito possibilitaria o contacto com outras formas de abordagem da realidade cultural e, simultaneamente, permitiria fazer o diagnóstico das necessidades culturais e patrimoniais da população. A aplicação deste instrumento foi encarada como um novo *espaço* participativo/consultivo, esperando-se que, através do qual, a comunidade fosse estimulada a reflectir e a questionar, como primeiras formas de apropriação e de proximidade ao Museu. A

aplicação do inquérito passou pelas seguintes etapas: definição do inquérito propriamente dito<sup>76</sup>; aplicação; recolha, análise e tratamento<sup>77</sup>. A estrutura do inquérito foi concebida em articulação com o Gabinete de Estudos e Qualidade que, relativamente à delimitação da amostra, e estando perante um universo finito de 20 993 habitantes<sup>78</sup>, estimou, com uma margem de erro<sup>79</sup> de 5% e um nível de confiança de 95%, um total de 377 questionários. A amostra foi ainda estratificada por quotas em função do escalão etário e do lugar de residência. A este nível a freguesia de Pinhal Novo foi dividida em dois tipos de lugar: lugar com características urbanas (lugar de Pinhal Novo) e lugar com características rurais (restantes localidades da freguesia)<sup>80</sup>. Num primeiro momento, a metodologia de trabalho proposta consistia na aplicação de um inquérito de rua, tentando cobrir o mais possível a área em estudo, aplicando-o em diferentes horários de forma a abranger a população activa. Todavia, após uma primeira experiência, verificou-se que a metodologia definida não era adequada dada a falta de disponibilidade dos munícipes em responder ao mesmo. Recorreu-se a uma nova estratégia de aplicação que consistiu na distribuição do inquérito pelo movimento associativo da freguesia, tendo sido contemplado um momento informal com cada um dos dirigentes associativos, de modo a explicar e enquadrar os objectivos do processo, sensibilizando-os para a importância do mesmo. Esteve também disponível no pavilhão da Câmara Municipal das Festas Populares de Pinhal Novo, e esteve *online* durante um mês na página digital do Município. Foi aplicado durante 4 meses (finais de Março a final de Julho) e foram recolhidos 257 exemplares<sup>81</sup>.

---

<sup>76</sup> Os campos de resposta do Inquérito foram definidos em função de um levantamento técnico prévio, e correspondem a questões fundamentais que orientam a estratégia do Museu Municipal. Foram também contemplados campos em aberto para permitir uma contribuição espontânea e criativa, essencial neste levantamento.

<sup>77</sup> Numa fase posterior pretende-se enquadrar os resultados na definição do Programa Museológico.

<sup>78</sup> À qual foi subtraída a população com idade inferior a 4 anos.

<sup>79</sup> Os resultados obtidos numa pesquisa elaborada a partir de amostras não são rigorosamente exactos em relação ao universo. Esses resultados apresentam sempre um erro de medição. Nas pesquisas sociais trabalha-se usualmente com uma estimativa de erro entre 3 e 5%.

<sup>80</sup> Todavia, tendo em consideração que o objectivo do estudo é a auscultação dos munícipes e não um estudo com rigor científico, foi considerado que a dimensão da amostra assumiria um carácter meramente indicativo, e que o número efectivo de questionários aplicados poderia ser menor sem prejuízo dos objectivos do estudo.

<sup>81</sup> Após tratamento e análise dos resultados, foi possível constatar que houve uma proporcionalidade no número de respostas entre os géneros dos inquiridos (55,6% população feminina e 44,4% população masculina). A amostra foi respondida maioritariamente por população em idade activa (15 aos 64 anos), sendo que os idosos corresponderam a uma percentagem de 13,4% da mesma. Cerca de 60% dos inquiridos estão empregados (com predomínio das profissões administrativas) e os restantes 40% são reformados, estudantes, desempregados e domésticas. Mais de metade dos inquiridos (57%) têm um nível de escolaridade superior ao ensino mínimo obrigatório e, destes, cerca de 20,8% têm o ensino universitário. Relativamente ao local de nascimento, o inquérito revelou resultados interessantes já que

Dado o número adiantado de páginas deste trabalho, centremo-nos nas questões relativas à importância da criação de um Museu Municipal e aos patrimónios que devam estar representados. Em resposta à primeira destas questões, 93% dos inquiridos afirmaram concordar (215 indivíduos) e apenas três pessoas revelaram discordar totalmente. No que diz respeito aos patrimónios que deverão estar representados neste futuro espaço museológico, 80,2% dos inquiridos assinalou o património Ferroviário, seguido do património Caramelo (66,1%). Com um distanciamento de cerca de 30% estão os restantes temas aqui apresentados por ordem decrescente de importância: Arqueológico, Imaterial, História Urbana, Ambiental, Mobilidade da População; Associativismo Local, Práticas Performativas; Arte Contemporânea.

Quase que contrariando o que fomos apresentando ao longo destas páginas, o património caramelo surge em segundo lugar da lista de prioridades patrimoniais. Todavia, quando questionados sobre as suas expectativas relativamente à criação deste equipamento, foi maioritariamente sublinhada a necessidade de preservação das memórias e tradições da *cultura caramela*, e tal realce não foi dado aos restantes patrimónios. Finalmente, é de destacar que os inquiridos se mostraram expectantes relativamente à constituição deste espaço cultural, considerando-o como um factor de desenvolvimento local e um instrumento de valorização e de promoção da localidade, para o exterior. O que mais uma vez nos traz a forte componente relacional existente entre o resgatar de tradições, e a projecção do futuro, e entre o *ser* e o querer *ser-se* visto.

### *Consumo Cultural*

A exibição pública do apelativo caramelo configura-se em cada festa de cariz popular, nos cortejos, nas procissões, nos bailes, em maratonas de ciclismo, em competições

---

verificamos existir, nesta amostra, uma proximidade quantitativa relevante entre a população nascida na freguesia de Pinhal Novo (17,4%) e a população com origem na região do Alentejo (15,8%). De seguida, por ordem decrescente, surge o Algarve (5,9%) e a Beira Litoral (4,3%). Estes locais de origem, considerados significativos tendo em conta a história da localidade, correspondem a 43,4% da amostra. Verificamos, assim, que a maioria dos inquiridos (45%,8) nasceu em outro local do país (com destaque para Setúbal, Lisboa e Barreiro) e 6,3% em outro país (sobretudo em países africanos)<sup>81</sup>. Os inquiridos residentes na freguesia de Pinhal Novo correspondem a 86,7%, desta amostra e, destes, 81% residem precisamente na vila (centro urbano). Os restantes dividem-se pelos arredores com destaque para a Venda do Alcaide, Cascalheira, Terrim, Lagoa da Palha e Rio Frio. Aproximadamente 74% dos inquiridos reside no Pinhal Novo há mais de 10 anos, sendo que, destes, 34,6% habitam nesta localidade no hiato compreendido entre 11 e 20 anos e 28,4% entre 30 e 50 anos. Os novos residentes (há menos de 10 anos) correspondem a 26,5% da população.

desportivas, em suma, em espaços dramaturgícos onde os actores concorrem para a fabricação e consolidação identitária. Estas práticas performativas enquanto experiência colectiva apresentam-se como imagem reflectida da comunidade para o exterior. Inventando e encenando autenticidade, a “cultura” tornou-se um dos maiores bens da indústria turística e dos média, como se pode verificar pelas diversas revistas publicações, brochuras turísticas, adicionadas às edições de livros de luxo sobre festas e tradições locais (Raposo, 2003: 561). E embora não exista um movimento turístico efectivo associado às manifestações do apelativo caramelo, estas exibições públicas organizadas têm como pretensão um número cada vez maior de público, sobretudo proveniente do exterior da comunidade. E, segundo Pérez (2004), as activações culturais fazem parte de um processo de mercantilização do património cultural. Tomemos como exemplo pragmático a sopa caramela, amplamente divulgada e difundida localmente. Originalmente, por razões económicas, os seus ingredientes eram apenas hortaliças, batatas, feijão, cenouras e pequenos *nacos* de toucinho que eram cortados simetricamente para durarem toda a semana. Hoje, todas as feiras têm vários locais onde se pode apreciar a famosa sopa cujos ingredientes são, para além dos já referidos, um leque imenso de carnes e chouriços. Mas a fabricação cultural a que corresponde actualmente a sopa caramela, visto que não tem representatividade no passado, vai ainda mais longe com a introdução, já como prática comum, de vários concursos culinários em que diferentes cozinheiros ou entidades concorrem para a confecção da melhor e mais genuína sopa caramela, repleta de carne, de modo a satisfazer as actuais exigentes necessidades do palato. Verificamos pois, que a objectificação cultural de uma sopa (bem cultural) é ainda legitimada por concursos onde especialistas ditam a sua autenticidade. A função à qual originalmente o objecto patrimonial estava associado, embora possa aparentemente manter-se, ganha uma nova dinâmica visto que tem agora a responsabilidade de dar representatividade às novas configurações identitárias da comunidade.

Neste processo de transposição de novas significações, os bens culturais incorporam a dimensão do simbólico e, nesta passagem do real para o re-imaginado, verificamos que as representações do passado se fazem apresentar como evocações genuínas da história do lugar. E, um pouco por todo o lado, emergem discursos sobre a importância do turismo cultural.

### ***Blogue Caramelo***

Para além de todo o campo simbólico que evoca o apelativo caramelo é ainda de destacar o blogue <http://caramelosapiens.blogspot.com>, por introduzir o património caramelo no mundo globalizante das novas tecnologias. E aqui reportamo-nos a Dornelles (2004) que, sobre a utilização dos meios informáticos na cidade, considera que este fenómeno se caracteriza pelo envolvimento digital, onde o virtual interfere com a vida quotidiana. Embora o autor se referisse especificamente às salas de conversação, conhecidas por *chats*, é possível importarmos alguns dos conceitos utilizados com o intuito de analisar o uso das redes digitais como forma de fazer passar uma determinada mensagem a milhares de pessoas. Interessa-nos, em primeira instância, o facto de o autor considerar que a banalização da sociabilidade virtual se trata de um fenómeno urbano, já que os habitantes das urbes cultivam a sociabilidade virtual<sup>82</sup>, à escala global, com a criação, cada vez em maior número, de salas de conversação, páginas pessoais e blogues. Aqui, é apresentado ao mundo a individualidade de cada um ou temas que se espera venham a ser reflectidos e debatidos por outros interessados. Outro elemento, consequência do anterior, que nos parece interessante dentro do contexto deste trabalho, é o facto de Dornelles apresentar a cidade como um território de contactos e o computador como um dos seus lugares de interacção. Trata-se de relações territorializadas a partir do ecrã do próprio computador, cujo grafismo vai evoluindo de modo a reflectir a tridimensionalidade do mundo real. Apesar da possibilidade de interacção com pessoas que residem em lugares distantes do planeta, muitas vezes procuram-se estabelecer e aprofundar relações de proximidade geográfica e a participação numa colectividade. O autor propõe a utilização do conceito de *pedaço de trocas sociais* de Magnani (2002), para caracterizar as relações sociais que na esfera virtual partilham símbolos e códigos comuns, muitas vezes em continuidade com o território real de origem, criando um novo espaço de trocas sociais, dentro da cidade. No caso específico do blogue caramelosapien, é possível considera-lo uma extensão do próprio território, visto que as personagens e os lugares evocados têm representação real / imaginada. É, efectivamente, um lugar dentro da cidade (*idem*).

Não obstante a autoria do blogue se manter no anonimato, através deste pedaço de trocas sociais é possível aceder, a cada instante, à evocação do apelativo caramelo como

---

<sup>82</sup> “Por sociabilidade virtual devemos entender a interacção social realizada pela comunicação síncronica e com contacto interpessoal mediado pela tela do computador.” (2004: 259).

em nenhum outro lugar. Criado em 2005, expressa lugares, nomes, acontecimentos trazidos do real, para o mundo digital. Pela forma como se apresenta, pela regularidade com que é actualizado, pela crítica social fortemente vincada, é um espaço que se exhibe e pretende ser visto, que assegura a presença constante das tradições e evocações caramelas, publicitando-as. E, a somar a este *corpus* de inscrições, outros aspectos frequentemente anedóticos e mais fluidos emergem aqui e ali evocando passados antigos (Brito, 2003: 47). De forma provocativa e irónica, o blogue evoca uma viagem ao genuíno caramelo através da produção de artigos maioritariamente sobre temas da actualidade, transpostos para a dimensão do apelativo, numa espécie de sátira a si próprio. Vejamos o seguinte exemplo, de Agosto de 2008:

#### TODA A BERDADE DOS JOGOS OLÍMPICOS

Agora que os Jogos Olímpicos dos chineses acabaram, a FLC já pode dizer toda a verdade de alguns acontecimentos que, por razões de segurança, só hoje é que podem sair da clandestinidade. E que verdade é essa? Intão é assim, no momento em que os chineses ficaram de fazer os Jogos Olímpicos começaram logo a pensar: “*Xim Pan Zé!!! Como é que agente vai descalçar este chinelo? E será que conseguimos fazer um estádio que aguente a mesma qualidade durante 15 dias? E se fizéssemos um estádio rolante com um megafone que diz, em todas as línguas, a hora e temperatura no cruzamento da Palhota? E se...*” Bem!... resumindo, com o mesmo jeito com que os caramelos regam as flores com a mangueira, as entidades chinesas regaram a cumbersa com uma rajada de metrelhadora, e disseram “*Xô Pan Zás! Vamos mazé abrir um concurso internacional para o projecto do estádio pra ver quem é que manda*”. Foi aí que a FLC disse “*Oláááá temos aqui mais uma missão de libertação do nosso povo*”, porque é oportunidade da gente se internacionalizar e de mostrar ao mundo a importância dos povos livres e em especial do Caramelo Livre e Brabio. Bai daí que a FLC meteu mãos à obra e reuniu, clandestinamente, todos nossos engenheiros, arquitectos e artistas pra desimbolberem o estádio olímpico. O gabinete técnico escolhido foi à sombra dum pinheiro manso em Valdera, a obir a bxeza a cantar ao ritmo dum motor de rega. Os estudos desembolberam-se por bários meses e quando o estádio já estava a tomar a forma duma fatia d'ovo o Xquim Estica Borregos e mais oito engenheiros, puzeram-se em silêncio, parbo-

introspectivos, a fazer contas de cabeça, mexendo só as beíças e os dedos e a olhar lá pró alto das ramaiges. Nesse momento todos desemramelaram os olhos pra um ninho de pardal escondido atrás duma pinha lá im cima e todos tiberam a mesma ideia ao mesmo tempo: o estádio olímpico bai ser mazé um ninho de pardal e na se fala mais nisso. E assim foi. Como o ninho tinha lá dentro pardalaige esgalgada cum fome, a equipa técnica (aconselhada pela FLC), esperou pelo fim da criação pra o tirarem e enviarem a concurso. Quando a pardalaige se fez à bida, finalmente ficamos com a maquete do estádio e infiámos o ninho numa lata de bolachas da mercearia do Ti Alberto Caracol, ópois atáme-zia com um baraço e enviáme-zia pelo correio. Ao fim duns meses recebemos a notícia de que o nosso ninho foi o projecto que os chineses mais gostaram, ainda que o resto do mundo esconda esta berdade, imbentando histórias e mintiredo. Mas como toda a gente pôde ber na TV, o estádio olímpico é um estádio berdadeiramente de estilo caramelo, com o nome e o fitio dum ninho de pássaro. Depois disso, a FLC já foi contactada para desenbolber o projecto das novas instalações olímpicas para Londres 2012 e pode já adiantar que os estudos do novo complexo andam entre a forma dum Pão-de-quilo e a dum selim duma pudaleira. No entanto a FLC exige em contrapartida a inclusão de pelo menos cinco jogos caramelos como modalidades olímpicas (para além do tiro de flober que já existe). As modalidades são: a largada de toiros (que desenbolbe não só toda a massa muscular como as miudezas cum home tem cá dentro); o lançamento do sacco cheio de restos; os 100 metros muros com a bilha à cabeça; o salto em altura com o pau do estendal; e o triplo salto em comprimento com carrinho de mão cheio de ovos caseiros. Muitas outras coisas nestes Jogos Olímpicos foram da autoria das forças da FLC, mas por razões de segurança não podem ser aqui divulgadas. No intanto todas elas foram pela libertação da cultura e pela autodeterminação dos povos, contra a exploração infantil, e em especial pela libertação da cultura caramela que está cada bez mais melhor e sadia.

Em resposta a um artigo do Boletim do Museu Municipal, em 2005, encontramos o seguinte texto:

O BOLETIM DO MUSEU E A ARQUITECTURA CAMELA

Depois de meses em reuniões à mesa dos matraquilhos FLC comenta: O boletim +Museu da Editora Absolutista Palmelona, foi mais uma vez influenciado por uma caramela dos Batutes, (prima do Xana Fanhoso) disfarçada de Nossa Senhora da Escudeira que todos os dias vai benzer o castelo – fingimento tá claro. Desta vez conseguimos que os antropólogos e antropólogas dedicassem quatro páginas à arquitectura caramela. No entanto ficou ainda muita coisa por dizer. Muita, muita! Esqueceram-se do principal. A nossa arquitectura, que durante muitos anos foi desprezada e muitas vezes readaptada por escavadeiras e carros blindados, é agora o centro das atenções dos países mais desenvolvidos. É centro das atenções porque é já considerada pioneira no desenvolvimento de soluções que são aplicadas hoje nas estações espaciais, principalmente pela disposição das divisões interiores, pelo dimensionamento pequenino das portas e janelas, e pelo modo de acoplar anexos uns nos outros. Isto não foi dito no boletim, não senhor! Há portanto censura monarquista nesta envernizada publicação porque o que foi escrito são as partes mais inocentes tipo: «*o poial está coberto por uma cortina de chita*» e «*os pratos e canecas mais vistosos são colocados num escaparate*». É óbvio que havia muito mais para dizer. Para comprovar basta-nos fazer uma visita à Ilha Brava para percebermos facilmente que este foi o primeiro monte caramelo a fazer testes na ionosfera mas que por causas desconhecidas fez uma aterragem súbita no meio da rua. É sabido que o Plano Director Municipal (engendrado por uma quadrilha de palmelões escondidos numa adega à luz das velas) pretende meter o monte em cima dos escombros do túnel para que a famosa casa se livre no traçado rigoroso das ruas, e se torne mais um monumento da cultura caramela demolida. A FLC sabe também que há quem defenda exactamente o contrário, pois é assim mesmo no meio da rua que ele deve estar, ou seja, «*não devemos esconder o planeamento urbano caramelo que é brabio e original. Comágente num há igual*», disse o nosso arquitecto Zulmiro do Pau experiente em desenhar vivendas na terra batida com um pau afiado. De acordo com os principais arquitectos do mundo, este

é um exemplo perfeito de integração do mundo rural no meio urbano e que outras capitais do mundo deveriam segui-lo.

O boletim +Museu tem de estar mais atento a estas preciosidades museológicas ou então a FLC fará uma ocupação instantânea às instalações e faz uma coletividade para a defesa do fogareiro da brasa e do borralho permanente.

Espatado por Secretariado Caramelo em 9.08.2005, *idem*.

A este artigo podemos encontrar as seguintes reacções:

Ora aí está um belissemo comentário, sabem lá esses gajos que habitam naquele morro de calhaus que impara os bentos marítimos e a que chamaram de Palmela o que é a arquitetura caramela. (Zé Manel Ratoeira Sem Mola)

Ópois inda há caramelos que sabem de Lavoêra e que insinam cume que éi aos bons dôtore. Bibam esses caramelos! (anónimo)

O Blogue vai ainda mais longe ao problematizar a *Representação de Si*, enquanto comunidade:

Algures na Palhota, à hora do calor, debaixo duma árvore, casas ao longe, três homes, três nabalhas a serem afiadas calmamente, um balde cum água e mines a refrescarem...

- Ora atão leiam lá, aber se tenho ó na tenho razão: "cada pobo, cada nação tem direito à sua livre expressão, a manifestar a sua identidade brabia e original e a sua existência cótidiana atrabés da sú língua falada, que debe de ser transmitida de geração pa geração, de forma ordenada e im segurança. A língua falada éi a cultura, a cultura éi a língua falada".

- Na parecebo muito bem, mas parece que sim.

- Pardi-me a meio, nã sei quê identidade, ó lá o quêi.

- Querem quê leia ótra bez? Párim lá de afiar as nabalhas e bejam lá mas éi se obem!

- Nã, néi preciso, tá lá queto cas lituras, tas párbo ó quê?! Já bimos quê importante, abre mas éi uma mine.

- Parece que sim, pelo menos tá escrito de forma importante, cum palabras manhosas...

- Parece que sim?! Atão nã bêem que foi o Toino das Ideias Parbas que escreveu isto!?

- Ahh, atão debe de ser mesmo importante, dizem que o Toino é esperto...
- Sim, aquaise todos dizim isso, menos o pai dele...
- Mas é cá atei acho que o Toino é um repaz intaligente.
- Intaligente?!!, par mim éi um génio, éi o nosso guia, um bisionário!
- Sim, o home atei que escrebe umas coisas dificies, quê hás bezes nã parcebo.
- Pinsem bem, a nossa língua éi a nossa cultura, a cultura éi a língua. (mete a mine nos quexos e saboreia o que acaba de dizer, as palavras do Toino são como intarmiadas bem assadas na sua boca).
- Atão nã há de ser? Nã sei porquéque ei preciso escraber palavras tão difíceis só para parceber isso. Olhim esta nabalha cumprada no filho do Ti Toino Nabalhudo éi balente, atei corta coirataige cungelada.
- Ah bócios nã parcebem?! Nã bêem que ele quer dizer cum isto ca gente, os homes anónimos da bida temos de lutar pela nossa língua, a língua caramela?
- Lutar?! Atão mas porquêi? Atéi a nha abó fala caramelo, aqui todos falam caramelo, tu tás mas ei parbo, toma lá mais uma mine e desinmerda-te mas éi das ideias, já tamos fartos dessa cunbersa atei às pontas dos chispes.  
(Momento de silêncio na cunbersa..., só se oube a passaraige nos ninhos a acordar da sesta, ao longe um motor de rega e alguns tiros pó ar ditados por alguém que agora nã intaressa) ...
- Bou-bos dzer, bócios são mês amigos, buemos mines juntos desde gaiatos, tou dasimpragado, nã tenho mulher nim filhos, nã tenho nada a parder, tenho a nha motorizada, isto bai ser a luta da nha bida, bou lutar pela nossa língua, pela nossa cultura, bou ser um cabalero da língua caramela, bou garrear pela caramelândia!

#### Reunião dos C8 caramelos está para breve

a criação do chamado C8, que reunirá as 8 terras caramelas mais desinbolbidas em termos agrícolas e cultura rural (consideradas as zonas mais ricas e desenvolvidas pelos índices de desenvolvimento caramelo dos últimos 10 anos). Assim, prevê-se que esta será mais uma iniciativa que contribuirá para tornar a nossa cultura ainda mais rija. A FLC também foi convidada e estará sempre presente em todas as reuniões através de um elemento disfarçado de qualquer coisa que não dê muito nas bistas (pode ser de mesa com um naperon de renda em cima ou de relóige de parede, daqueles altos e berticais) e contribuirá para o sucesso destas reuniões, que serão apenas o

começo de um novo home caramelo que bai boltar a ser igual a si próprio: um home caramelo orgulhoso e com as unhas dos pés bem assentes nas suas raízes, caté nim pode esgrabatar de tão espatadas que tão!

### ***Notas Finais***

É a partir da experiência fenomenológica que concebemos a eficácia do apelativo caramelo e a sua inscrição na cidade. Para melhor compreendermos a evolução da evocação do apelativo caramelo, recorreremos a datas: em 1883 Fortuna apresentou, no âmbito da “Semana da Estremadura”, em Sacavém, uma comunicação sobre os caramelos; no mesmo ano Aníbal de Sousa apresentou uma comunicação, sobre o mesmo tema, no Colóquio de Folclore do Distrito de Setúbal, realizado na Barra Cheia; em 1993 o actual presidente da Junta de freguesia é eleito, nesse ano lectivo (1993/94) teve lugar a realização da iniciativa “Locomotiva”, do Ensino Recorrente; em 1997, Fortuna, com o apoio da Câmara Municipal de Palmela publica “Memórias da Agricultura e ruralidade do Concelho de Palmela”, decorreu também a primeira edição das Festas Populares de Pinhal Novo; em 1998 é a data de início da “Colecção Origens e Destino”, da Junta de Freguesia de Pinhal Novo, no mesmo ano realiza-se o primeiro encontro de grupos folclóricos do concelho; no ano seguinte realizam-se as Jornadas Folclóricas de Clarificação de Recolhas Regionais (*características* modas da região) e a 1ª Eira Folclórica da Região Caramela; em 2000 acontece a 2ª Eira Folclórica da Região Caramela; em 2003 inicia-se o projecto de investigação, por parte do Museu Municipal, sobre a cultura e arquitectura caramela, é realizada a viagem a Mira, organizada pelo Rancho Folclórico da Barra Cheia; em 2004 é realizada uma primeira exposição, ampliada e repetida no ano seguinte, nesse mesmo ano o Museu Municipal dedica dois números do seu boletim ao tema e criou um dossier pedagógico e uma exposição itinerante, como recurso para a comunidade educativa; em 2005 Fortuna publica, novamente com o apoio da Câmara Municipal o livro “Quinta do Anjo. Terra Singular”, onde volta a evocar o povo caramelo; em 2006 é publicada a Tese de Andrade “Pinhal Novo: movimentos migratórios dos “caramelos”, povoamento e construção de uma identidade cultural”; em 2009 foi defendida uma tese de Mestrado sobre a Colecção Têxtil do acervo de Cultura Caramela do Museu Municipal de Palmela, no âmbito do Mestrado em Museologia e Discursos Expositivos, no ISCTE; em 2009 vai ser

publicada a tese de Andrade, como o n.º 10 da Coleção Origens e Destinos, surge, também, este novo documento.

A partir da década de 80 o apelativo caramelo começou a emergir como identidade do lugar, pertença de um povo orgulhoso das suas origens rurais. As expressões visíveis do invisível, levadas a cabo pelos actores sociais, através das performances culturais tornam-se verdadeiros cenários comunicativos acentuando os aspectos de unidade e comunhão de sentidos identitários (Raposo, 2003: 25). Durante duas décadas de verdadeira efervescência criativa e polarizadora, o termo passou do sentido pejorativo para o manifestar, com orgulho, uma identidade.

### ***Reflexões Finais***

Ao longo deste estudo tivemos como propósito analisar a forma como um apelativo se inscreve num território, a partir da função que desempenha e do aparato simbólico que o sustenta. Pinhal Novo, com uma origem cronologicamente recente, resulta da intensidade dos fluxos de mobilidade demográfica. É com base na valorização das tradições que esta sociedade cria e recria um nostálgico sentimento de continuidade histórica com as gerações passadas; representa o passado como uma espécie de mundo-espelho; comemora a memória cultural e celebra a diferença reinventando as heranças; mobiliza sentimentos de pertença e publicita uma identidade pública; e, por fim, envolve-se num diálogo com outros níveis de identidade – nacional, regional, local e com os seus diversos poderes (Raposo, 2003: 24). Na verdade, o apelativo caramelo surge associado à origem da região, ao mundo rural de um passado ainda acessível na memória, através de narrativas assentes na valorização das tradições e na busca pelo exótico e genuíno. Contudo, destacámos nesta análise o papel vinculador que o desenvolvimento urbano tem na emergência do campo simbólico que o território utiliza para se inscrever social e culturalmente. Tendo como mote a urbanidade, falamos de uma cidade emergente que se pensa e projecta no tempo e no espaço, tendo como referência primária o passado rural.

O apelativo caramelo, por meio de mecanismos simbólicos dinâmicos e continuamente repetíveis, sobretudo nos momentos de celebração do colectivo, inscreve-se no espaço social urbano, liderado pela vila. E esta relação que o presente urbano procura manter com o passado rural, é enquadrada em discursos de poder que influenciam, mobilizam, e constroem o presente reinventando patrimónios colectivos. Até porque o fenómeno da ruralidade *pensada*, que neste contexto parece respirar do pulsar cosmopolita, surge como um pilar de desenvolvimento no sentido da revalorização do território. Assumimos que esta evocação do passado rural implica uma forte noção de futuro. De um futuro que se projecta próspero e pelo qual faz sentido mobilizar esforços e articular poderes que se traduzem na constituição de significações, patrimónios e identidade. Pois tal esforço só é considerado se estiver implícito que vale a pena. E este valer a pena traduz, consequentemente, a importância do lugar.

Assim, o apelo às tradições, à história e à memória são as ferramentas simbólicas de que Pinhal Novo dispõe, produz e utiliza para reivindicar uma posição e sublinhar o seu desenvolvimento enquanto centro urbano.

Verificámos que durante anos os caramelos estavam associados a uma imagem pejorativa. Foi na década de 80 que se iniciou uma profunda inversão do significado atribuído ao termo, causa e consequência da deslocação do apelativo do rural para o urbano. Neste percurso, o apelativo caramelo foi-se inscrevendo como figura máxima da memória colectiva do lugar. Trata-se de um processo de patrimonialização cultural que tem como objectivo transmitir unidade social, quer em relação *ao outro*, quer em relação a si própria num jogo de reconhecimento, credibilização e legitimação permanente, difundindo o sentimento de pertença ao local. Resultado de acções concertadas, o apelativo molda-se em discursos, performances e ilustrações etnográficas (Raposo, 2003), que têm como finalidade legitimar fronteiras identitárias, num território que é seu por domínio. O apelativo revela-se estrategicamente determinante porque, se por um lado estimula o fortalecimento do grupo através da afirmação da diferença face a outros por meio de heranças culturais e sociais postas em destaque, por outro, procura a mudança, o dinamismo e a multiplicidade no mundo globalizado, contribuindo para afirmar Pinhal Novo como um centro urbano da Área Metropolitana de Lisboa.

Este processo de reivindicação e apropriação cultural deu origem a dinâmicas culturais que se foram inscrevendo na sociedade, sempre legitimadas pelas redes de poder local. Constatámos que os espaços públicos são os locais privilegiados para a encenação do drama. Sublinhámos a importância da exposição pública, difundida também pelos meios de comunicação, enquanto forma de propagação e projecção cultural.

Hoje, assistimos a uma banalização do termo que serve para identificar a maior parte das manifestações culturais do lugar. Falamos de casas de tipologia caramela, trajas caramelos, gastronomia caramela, dizeres e cantares caramelos, como se todos os actores sociais tivessem incorporado uma metamorfose cultural.

Ora, este campo simbólico é domínio de vários protagonistas que concorrem para a fabricação e revitalização cultural. Salientámos o papel determinante destes actores sociais que se empenham pessoalmente no processo, mas também destacámos o papel fundamental do poder político local. Consciente da importância de uma unidade polarizadora capaz de sustentar a reprodução e coesão social, o poder político tem-se assumido como um dos principais impulsionadores do apelativo, proporcionando espaços em que este se possa manifestar e incitando a que outros o reproduzam. Deste modo, pretende-se enaltecer uma imagem de nós que consideramos valiosa (Torrico, 2006), num processo em que a alteridade e a identidade se articulam. Trata-se de vincular uma

identidade como ficção do sujeito colectivo e o património [como] o instrumento simbólico ao seu serviço (Peralta e Anico, 2006).

Considerámos que é, efectivamente, a partir da experiência do concreto vivido que o apelativo caramelo se tem mostrado mais eficaz que outras formas de abordagem do território. Assente e estimulado por um campus simbólico dinâmico e criativo, tem sido possível construir-se como uma referência social e cultural de Pinhal Novo. Falamos de uma sociedade que investe simbolicamente na procura de critérios objectivos de identificação, na representação de si. Falamos de um espaço social de múltiplas pertenças, que o tornam modulável e flexível. Mas é precisamente pela evocação e apropriação do apelativo que se vê, se pensa e se faz inscrever, por meio de um conjunto de manifestações com forte carácter simbólico, no mundo.



***A apropriação do apelativo Caramelo na Construção  
Identitária de Pinhal Novo***

***FIGURAS***



Figura 1 - Mapa do Distrito de Setúbal e a posição que o concelho de Palmela ocupa na margem sul da Área Metropolitana de Lisboa.



Figura 2 - Mapa do Concelho de Palmela com registo da delimitação das cinco freguesias, entre as quais Pinhal Novo.



Figuras 3 e 4 - Rio Frio, anos 20/30 do século XX.

Autoria: Manuel Giraldes da Silva. Propriedade da Biblioteca Municipal do Montijo.

Trabalhadores rurais e suas famílias. Imagens que sustentam as evocações do apelativo caramelo.



Figuras 5 e 6 - Rio Frio, anos 20/30. A autoria: Manuel Giraldes da Silva.  
Propriedade da Biblioteca Municipal do Montijo.  
O quotidiano na Herdade.



Figuras 7 e 8 – Rio Frio, anos 20/30. A autoria: Manuel Giraldes da Silva.

Propriedade da Biblioteca Municipal do Montijo.

*Malta da Caldeira Aberta:* “Esses vinham ganhar - rapazitos com dez, onze, doze anitos - cinco escudos, cama e mesa. A cama era a malhada e a mesa era um caldeirão grande (...) mistela, que era farinha de milho com hortaliça migada - comida prós porcos - e algum feijão seco. Depois, o caldeirão no meio, faziam três filas. Chegava ali tirava uma colher de sopa, uma colher daquela mistela, metiam na boca e iam pá fila lá pa trás, quando chegassem a meter a segunda colher de sopa na boca já a outra não tava lá, já não existia. E ao jantar tinham então uma marmitazinha. Iam ao caldeirão, tiravam prá sua marmita e cada um comia na sua marmitazinha.” Fernando Crespim, 74 anos, 2003.



Figura 9 - Rio Frio, anos 20/30. Autoria: Manuel Giraldes da Silva.  
Propriedade da Biblioteca Municipal do Montijo.  
Descamisa do milho



Figura 10 - Rio Frio, anos 20/30. Autoria: Manuel Giraldes da Silva.  
Propriedade da Biblioteca Municipal do Montijo.  
Vindima.



Figura 11 - Rio Frio, anos 20/30. Autoria: Manuel Giraldes da Silva.  
Propriedade da Biblioteca Municipal do Montijo.  
Apanha da azeitona.



Figura 12 - Rio Frio, anos 20/30. Autoria: Manuel Giraldes da Silva.  
Propriedade da Biblioteca Municipal do Montijo.  
Extracção de cortiça.

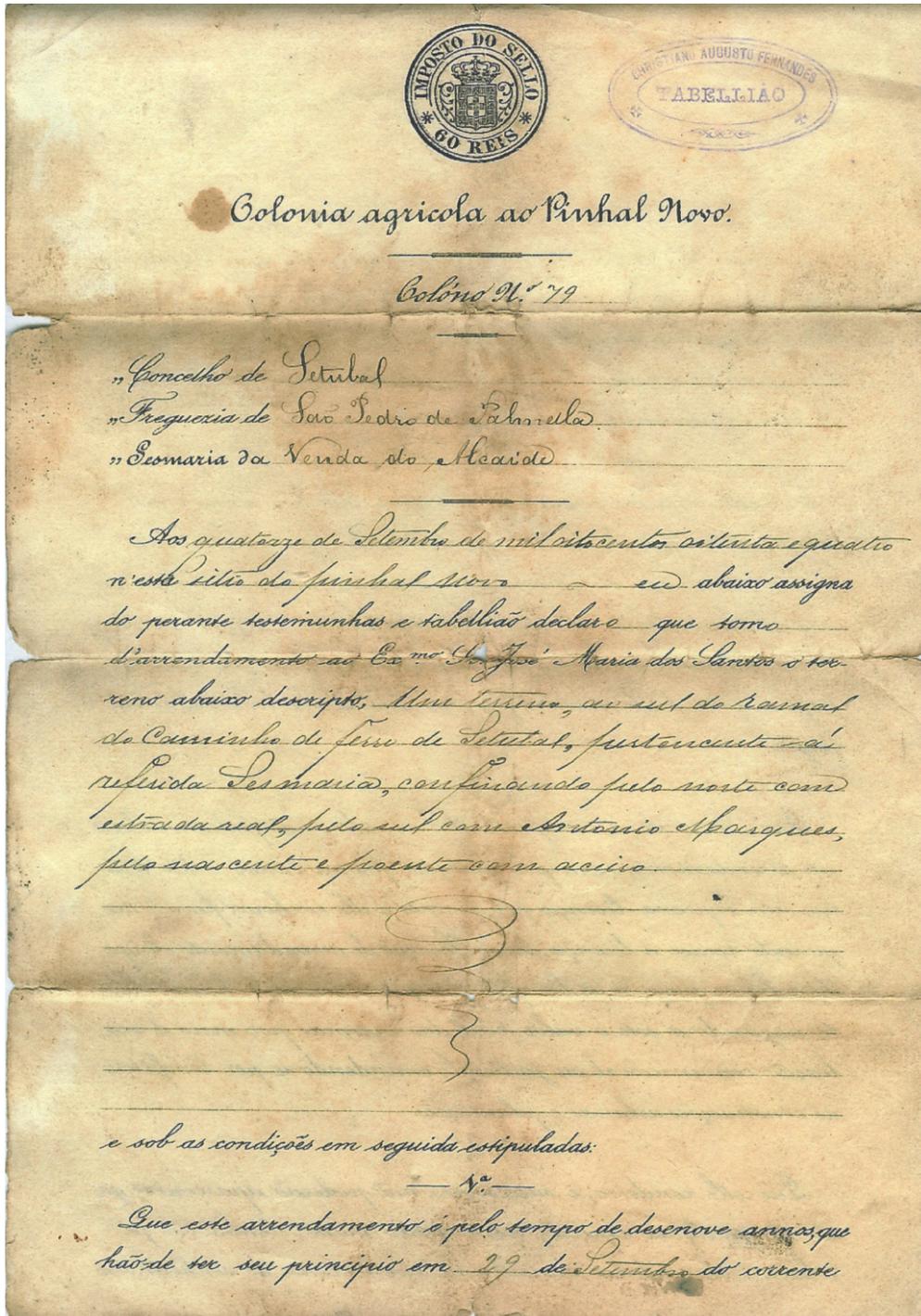


Figura 13 – Registo de Propriedade Colónia Agrícola ao Pinhal Novo. O auto de posse era praticado pelo Notário de Palmela que se deslocava a Pinhal Novo já com os documentos preparados. Assinavam duas testemunhas, o novo proprietário e António dos Santos Jorge e a esposa, M<sup>a</sup> Cândida dos Santos Lupi, herdeiros do falecido José Maria dos Santos.

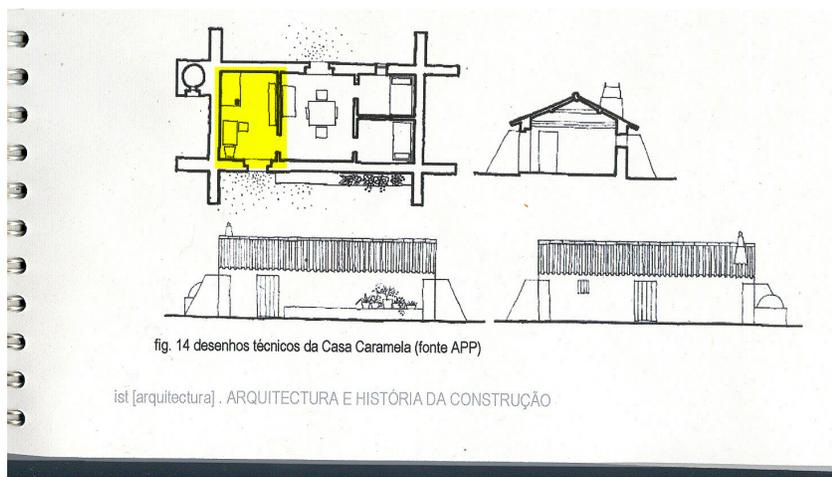


Figura 14 - Planta e alçados de uma casa de tipologia caramela. À esquerda a cozinha, a sala ou *casa do meio*; à direita dois quartos de reduzida dimensão.



Figuras 15, 16 e 17 – Aspectos de casas de tipologia caramela. Diferentes soluções de fornos. 2006

Revista do Pinhal Novo  
8 de Julho de 2008

Sociedade

5

# Memórias do nosso sítio...

## José Estevens Dias (1854 - 1936)

por: JOSÉ MANUEL CABOJA

18 de maio de 2000

Com o fim de organizar uma mostra de algumas figuras do nosso sítio, a levar a efeito diante de todas as populações de Pinhal Novo no ano de 2000, tentei investigar quanto ao pai do pai José Esteves Dias. Muitas informações de ter sido o primeiro padre que se instalou em Pinhal Novo, como mais um dos seus habitantes e que aqui ficou até ao fim da sua vida, acabando por arrastar o descanso eterno no cemitério da Cascalheira.

**A primeira memória**

A primeira pessoa a quem recorri, para me fornecer informações, foi a minha sogra Maria Lúcia dos Santos Carreira. A minha sogra, nascida em 1926, muito perto de casa onde o padre viveu. A casa ainda lá está, tem o número 35. O seu pai, José Carreira, ferroviário, foi amigo chegado do padre. Senta natural que Maria Lúcia Carreira, souber contar algo relacionado com o padre, que o seu pai lhe tivesse transmitido. E sabe mesmo.

Puando pelas suas memórias, foi contando que o padre tinha vindo da Chemical. Que havia sido "um relacionamento amarelado" com a filha de um lavrador, a filha de um lado de Melides, e que desde românico, havia nascido uma criança do seu ventre. O padre tinha dois netos, os quais conheceu. Fernando, e o Jorge. Estes dois irmãos, conheciam-se para Pinhal Novo, passar férias. Também me informou que com o padre viviam D. Vitória, e uma sua afilhada de nome Jesuína, que seria natural de Melides, e era muito produzida em bordados.

O padre, fora da sua ocupação sacerdotal, passava parte dos seus tempos, na casa com a vizinha José Carreira e outras vezes, jogando às cartas com os amigos.

Quando o padre se morreu, em 1936, foi o seu amigo José Carreira, quem participou a ocorrência. De posse desta informação, fui procurar a registos de óbito, e nele consta que o padre havia nascido na freguesia de São Matias, Beja.

**Outra memória**

Nesse ano de 2000, encontrava-se em Pinhal Novo, em casa de familiares, um homem de nome José Naia, natural de São Matias. Procurei chegar à casa com o pai, para que viesse a acolher-me em Março de 2000. Nessa data José Naia tinha a idade de 99 anos, e contou-me que tinha conhecido muito bem o padre Zé. Lembra-se que o padre, aí por trinta e dois anos viveu, a algumas vezes, em São Matias, e 5 dias de cada vez, não mais.

José Naia, sempre meloso sob o

"risco" do padre, numas tentas de que o padre Zé era proprietário lá em São Matias, na herdade da Aparição.

Indicou também, que com o padre, deviam ser ao todo nove irmãos. Desse irmão, em de nome Luísa que também foi padre, e uma irmã chamada Gertrudes, que havia sido frade.

Com o que o senhor Naia me contou, e com o que minha sogra também me havia dito, fiquei com material mais que suficiente para o trabalho que queria realizar.

Todavia, houve um pormenor, que sempre julguei importante, e não conseguí desenvolver.

Quando chegou o padre José Esteves Dias a Pinhal Novo?

Aparentam provas escritas de que já estava em Pinhal Novo no ano de 1914, porque se encontra a sua assinatura, como testemunha em algumas das escrituras feitas aos colâneos de José Maria dos Santos.

Não se encontrou prova documental que possa atestar da sua presença no nosso sítio antes de 1914. Mas também é verdade, que de momento, não se pode afirmar que não estivesse em Pinhal Novo, antes de 1914.

No entanto, nunca foi posta de lado, a hipótese de que algum dia pudesse acontecer, o encontrar da chegada do padre ao Pinhal Novo.

**Ajuda preciosa**

Estamos em 2008. Há algum tempo atrás, apareceu uma grande ajuda. O José António Cabrita também está empenhado na história.

Depois de conhecer a versão de Maria Lúcia Carreira, ficou com a natural curiosidade, que lhe admitiu da sua paróquia colânea do nosso sítio.

Após as hipóteses de sucesso aumentaram. Não há porque somos dois a procura da resposta, mas principalmente porque o José António Cabrita é mestre nesta arte de pesquisa.

**Um pouco da história, com dados reais**

Entretanto, e como resultado deste trabalho a dois, passa a descrever um pouco da história do padre Zé, agora já com dados reais, segundo a documentação encontrada, que corroboram nos fundamentos, aquilo que a memória das pessoas a que fui tendo acesso, me foram contando.

Os dados que a seguir se passam ao papel, foram recolhidos, mencionados disponíveis, encontrada no José António Cabrita, para formar esta parábola, e são uma pequena história, que quanto fundamentada em história verdadeira, portanto fundamentada em documentação recolhida, que infelizmente não cabe em mera lista de páginas deste jornal.

Se houver oportunidade e apoio, a história será contada num pequeno livro.

A família do padre José Esteves Dias

O padre José Esteves Dias, era filho de Francisco Maria Dias e de Gertrudes Magna Salgueiro.

Neto paterno de Inácio da Rosa e de Joana de Cristo, e neto materno de Manuel António Salgueiro e Joaquina dos Prazeres.

Nasceu na freguesia de São Matias, concelho de Beja. O assento do seu baptismo, foi feito no dia 26 de Fevereiro de 1854 na Igreja Paroquial de São Matias. O documento certifica que é o terceiro filho do segundo casamento de Francisco Maria Dias, natural da freguesia de São Matias, e do primeiro da mãe, Gertrudes Magna. Esta, natural da vizinha freguesia de Cuba. O padrinho de baptismo, chamado José Esteves Mendes, cujo nome, certamente, terá inspirado aquele que o seu afilhado haveria de tomar para si próprio ao longo de toda a sua vida.

Tiver pela menos, mais 11 irmãos, todos nascidos em São Matias, Beja, entre os anos de 1851 e 1866.

O percurso do padre José Esteves Dias

Em 1880, com a idade de 26 anos, encontra-se na paróquia de São Francisco da Serpa, concelho de Santiago do Cacém.

Em Janeiro de 1881, passou para Santo André, concelho de Santiago do Cacém.

No ano de 1890, foi paróquia a freguesia de Melides, como padre colâneo, no concelho de Grândola.

Em 1904, pediu transferência para a freguesia de São Brás, concelho de Chamusca do Ribatejo, onde se chegou em 1907, tendo ali permanecido até Agosto de 1910.

Em Outubro de 1910, foi nomeado para Pinhal Novo.

Em Santo André

Entre os anos de 1885 e 1886, quando estava a paróquia de Santo André, recebeu a notícia de um romance com uma paroquiana, de nome Eduarda da Conceição Moreno, que teria cerca de 20 anos e era filha de um casal de lavradores; José Joaquim Moreno e Mariana da Conceição. Desse romance, resultou o nascimento em 1887, de uma menina que veio a chamar-se Mariana Eduarda Dias. Entretanto, a mãe, Eduarda Moreno, faleceu em 1889, resultado de um parto mal sucedido.

Mariana Eduarda Dias, casou com um comerciante estabelecido em Grândola, de nome João Rodrigues Pablo Junior, em Outubro de 1910.

Desde aqui, nasceram dois filhos.

Fernando, em 21 de Setembro de 1911, e Jorge, em 18 de Janeiro de 1913.

O Fernando tornou-se um veterano. O Jorge abraçou a advocacia.

Mariana Eduarda Dias, faleceu em 1917, na cidade de Lisboa. Após o seu falecimento, a sua avó materna, Mariana da Conceição, que se encontrava acamada, fez um testamento, onde foram nomeados herdeiros os irmãos, Fernando e Jorge, seus únicos descendentes vivos.

No testamento, aos dois irmãos, foram incluídos todos os bens que o lavrador possuía nas freguesias de Melides e de Albufeira. Como eram de menor idade, o legado dos bens, ficou entregue ao pai de ambos, João Rodrigues Pablo Junior.

A avó materna de Fernando e do Jorge, faleceu em Grândola no ano de 1911.

João Rodrigues Pablo Junior, tornaria a casar com uma senhora de nome, Augusta Gonçalves Lago.

Em Pinhal Novo

José Esteves Dias, terá sido o primeiro padre a fixar residência em Pinhal Novo, e conforme o Anuário Comercial de Portugal dos anos de 1910-1920-1923, também desempenhou funções de professor do ensino primário no nosso sítio. Pelo menos desde Setembro de 1915, que cuidava igualmente, das preces religiosas da herdade de Rio Frio, recebendo a partir desse ano, a atribuição de um ordenado mensal de 175000 réis. O padre José Esteves Dias passou até a contar das contas oficiais da herdade. Em 1916 veio a ser o presidente da comissão que promoveu a inauguração do busto a José Maria dos Santos.

O padre José Esteves Dias, faleceu em 14 de Janeiro de 1936, e foi sepultado no cemitério de Pinhal Novo, fidalgo nº 3, canal 2803.

Após o falecimento do padre, e depois do casamento da filha, Mariana, em 1936, com Manuel Ferreira Paulino, a dona Vitória, partiu para Grândola onde tinha família.

Existe uma rua em Pinhal Novo, que pertence ao nome do padre José Esteves Dias.

Afinal sempre vale a pena ensinar

Hoje, em Junho de 2008, posso revelar que o trabalho realizado para encontrar a resposta sobre a chegada do padre José Esteves Dias a Pinhal Novo, não foi em vão. O José António Cabrita, encontrou a nomeação do padre Zé, para a capela de Pinhal Novo, realizada ao mês de Outubro do ano de 1910.

Grande corrida de Toiros Nocturna promete casa cheia

# “Apareçam e apoiem aquilo que é nosso, que é da nossa terra”



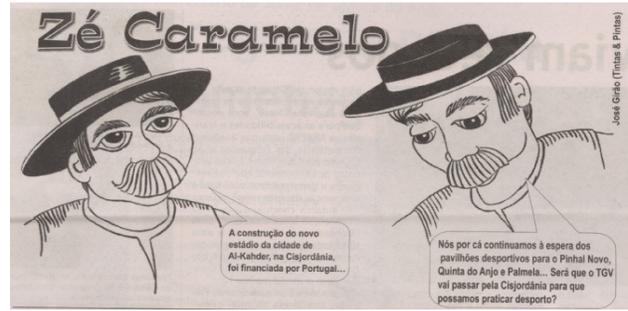
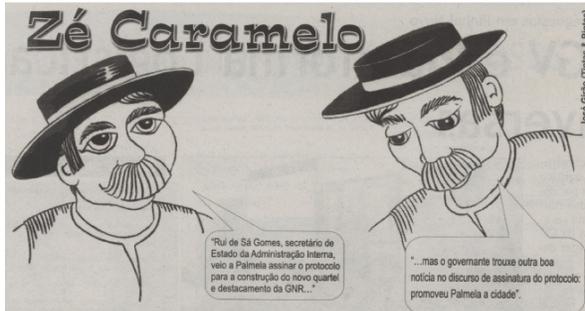
Está tudo pronto para a Corrida Nocturna no dia 9 de Junho

# Pinhal Novo a conchelo volta a ordem do dia



A freguesia de Pinhal Novo comemorou os 80 anos com muita sopa caramelo, alguma música e muitos "recalço" para o Governo e para a Câmara de Palmela. Álvaro Amaro aproveitou o momento para voltar a colocar a discussão em torno da elevação de Pinhal Novo a concelho na agenda política.

Figuras 18, 19 e 20 - A imprensa local é um veículo privilegiado na promoção e divulgação das tradições locais. Cabe-lhe também a importante função de manter, em discussão pública, a posição administrativa e política da freguesia. 2008.



Figuras 21 e 22 - Caricaturas no Jornal de Pinhal Novo. Tiragem semanal. O apelativo surge de forma irónica e descomprometida e fornece a ocasião para a crítica social. 2008

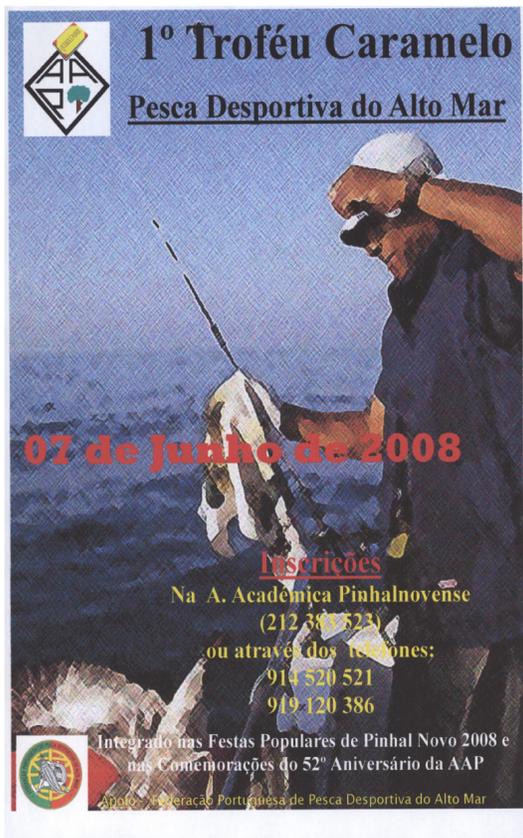


Figura 23 - Exemplo recorrente da utilização do apelativo caramelo, em várias iniciativas locais.

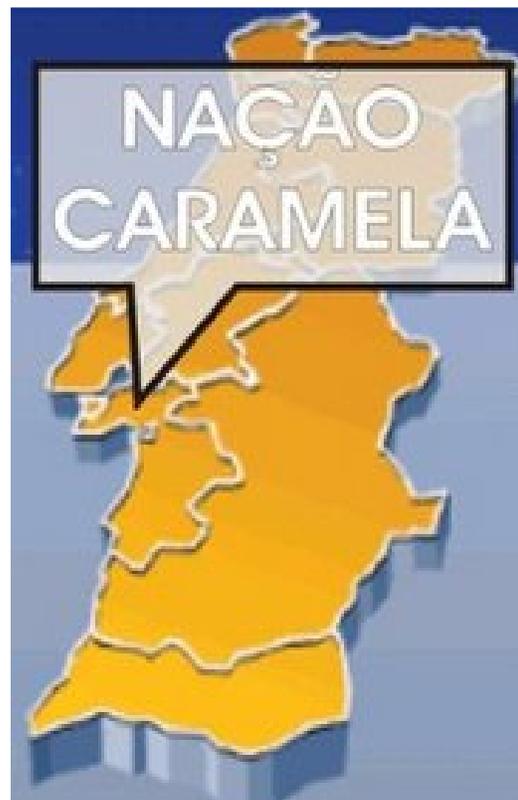
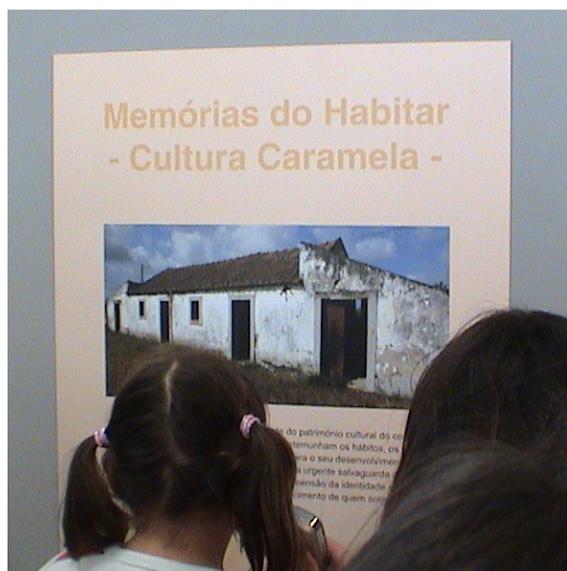


Figura 24 - Ilustração do blogue “Frente de Libertação Caramela”.



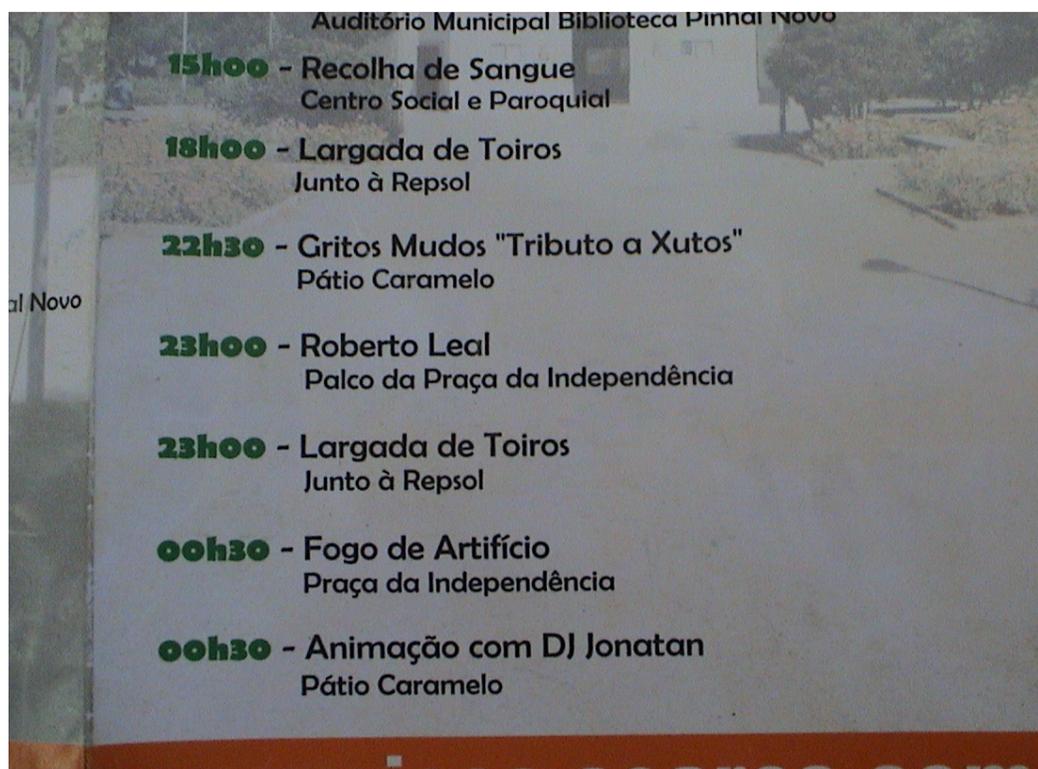
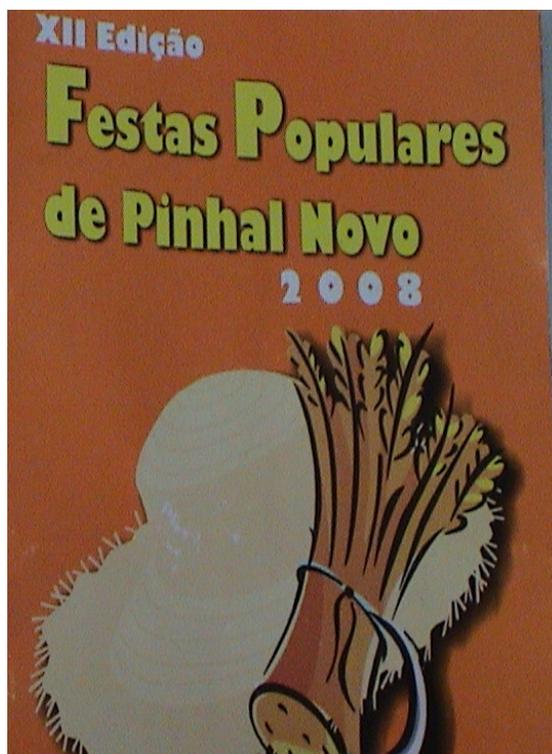
Figuras 25 e 26 - Exposição "Memórias do Habitar – Cultura Caramela", concebida pelo Museu Municipal. Esteve patente na Biblioteca Municipal – pólo de Pinhal Novo, tendo depois itinerado para a sede do município. 2006.



Figura 27 - Deslocação a Mira, por iniciativa do Rancho Folclórico da Barra Cheia, com o objectivo de fomentar o reencontro entre famílias de *caramelos*. A viagem teve como ponto alto a deslocação ao cemitério local, para prestar homenagem a um migrante já falecido. A neta empunha a fotografia que documenta os laços familiares. 2003



Figuras 28, 29 e 30 – Desfile, na Sede de um Rancho Folclórico, no âmbito do Concurso que pretendeu eleger o traje caramelo genuíno. 1995.



Figuras 31 e 32 - Programa das Festas Populares de Pinhal Novo. Destaca-se o Pátio Caramelo, espaço dedicado às iniciativas para os jovens. Junho, 2008.



Figuras 33 e 34 - Pavilhão institucional da Câmara Municipal de Palmela na Festa Popular de Pinhal Novo. A sopa caramela surge como referência em destaque. No interior, uma exposição sobre fotografias de Rio Frio (anos 20/30 do século XX) evoca a origem da freguesia. Junho, 2008.



Figuras 35 à 38 - Espaço de gastronomia da Festa Popular de Pinhal Novo.

A Sopa Caramela assume o protagonismo, existindo uma competição implícita pela confecção da melhor sopa. Junho, 2008.



Figuras 39 e 40 - Utilização do apelativo caramelo, por parte de diferentes protagonistas, na Festa Popular de Pinhal Novo. Junho, 2008.



Figuras 41 à 44 - Recriação do quotidiano através da evocação do apelativo caramelo, realizada pelo Ensino Recorrente. Ano lectivo 1993/94.



## ***Bibliografia***

- Actas da 1ª Eira Folclórica da Região Caramela.** Pinhal Novo: 20 e 21, Março, 1999, Rancho Folclórico da Casa do Povo de Pinhal Novo, 1999.
- Actas da 2ª Eira Folclórica da Região Caramela.** Lagameças: 2 e 13, Fevereiro, 2000, Rancho Folclórico “Os Fazendeiros” das Lagameças, 2000.
- ALARCÃO, Alberto - **Êxodo Rural, Migrações e Desenvolvimento Regional.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Estudos de Economia Agrária, 1963.
- \_\_\_\_\_ - **Mobilidade geográfica da população de Portugal (Continente e Ilhas adjacentes) Migrações internas 1921 – 1960.** Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian – Centro de Estudos de Economia Agrária, 1969.
- ALARCÃO, Jorge - Post-modernismo e Arqueologia. In D'ENCARNAÇÃO, José, coord. - **As Oficinas da História.** Coimbra: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002. p. 39-40.
- AMANTE, Maria de Fátima Calça – Fronteira e Identidade Local. Estratégias para a produção de localismos na zona raiana. In PERALTA, Elsa, ANICO, Marta, coord. - **Patrimónios e Identidades. Ficções contemporâneas.** Oeiras: Celta, 2006. p. 85 – 92.
- AMARAL, João Ferreira do - A Globalização e as suas alternativas. In REIS, António, coord. - **As Grandes Correntes Políticas e Culturais do Século XX.** Lisboa: Colibri, Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003. p. 213-218.
- ALMEIDA, Luís Tadeu – **1º Relatório da caracterização da Região de Lisboa e Vale do Tejo e da Região do Alentejo.** Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2002.
- ARAÚJO, Lídice - Identidades Juvenis. In PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria - **Tribos Urbanas. Produção artística e identidades.** Lisboa: ICS, Universidade Nova de Lisboa, 31, 2004.
- AREIA, Manuel Laranjeira Rodrigues – Património: o nosso, o dos outros e o de todos. A construção social da partilha cultural. In PERALTA, Elsa, ANICO, Marta coord. - **Patrimónios e Identidades. Ficções contemporâneas.** Oeiras: Celta, 2006. p. 35 – 42.
- ANDRADE, Paula Maria Cruz - **Pinhal Novo: movimentos migratórios dos “caramelos”, povoamento e construção de uma identidade cultural.** Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais da Universidade Nova de Lisboa, 2006. Dissertação de Mestrado em Estudos Portugueses – Culturas Regionais Portuguesas.
- BAYCROFT, Timothy - Europeans Identity. In TAYLOR, Gary; SPENCER, Steve - **Social Identities. Multidisciplinary approaches.** London and New York: Routledge, 2004. p. 45 – 161.
- BALANDIER, George – **O poder em Cena.** Coimbra: Minerva, Colecção Comunicação, 1999.
- BAPTISTA, Luís Vicente – Territórios, Imagens, Poderes. In CORDEIRO, Graça Índias, BAPTISTA, Luís Vicente, COSTA, António Firmino, coord. - **Etnografias Urbanas.** Oeiras: Celta, 2003. p. 35-42.
- BAPTISTA, Fernando Oliveira - **Agricultura, Espaço e Sociedade Rural.** Coimbra: Fora do Texto, 1993.

- BRANCO, Jorge Freitas - A Fluidez dos Limites: Discurso Etnográfico e Movimento Folclórico em Portugal. **Etnográfica**. Lisboa: CEAS (ISCTE), Vol. III, n.º 1, 1999. p. 23 – 48.
- BRANCO, Fernando Castelo - A problemática do conceito Saloio. **Etnografia da Região Saloia. A terra e o Homem**. Sintra: Instituto de Sintra, 1993. p. 19 – 30.
- BRITO, Joaquim Pais de - **Tesouros: o passado, o presente e o risco da desordem**. In ENCONTRO: A CONSTRUÇÃO DO SOCIAL DO PASSADO: actas, 27 e 28, Novembro, 1987. Lisboa: Associação dos professores de História, 1992. p. 337-359.
- \_\_\_\_\_ - A cidade exposta. In CORDEIRO, Graça Índias, BAPTISTA, Luís Vicente, COSTA, António Firmino, coord. - **Etnografias Urbanas**. Oeiras: Celta, 2003. p. 43-52.
- \_\_\_\_\_ - Patrimónios e Identidades. A difícil construção do presente. In PERALTA, Elsa, ANICO, Marta coord. - **Patrimónios e Identidades. Ficções contemporâneas**. Oeiras: Celta, 2006. p. 43 – 51.
- BOURDIEU, Pierre – **The Field of Cultural Production**. Cambridge: Polity Press, 1993.
- \_\_\_\_\_ – **O Poder Simbólico**. Lisboa: DIFEL, Memória e Sociedade. 1989.
- Câmara Municipal de Loures - **Somos Saloios. Procura de um conceito**. Loures: Quinta do Conventinho, 1999.
- CABRITA, José António - **Entre a gândara e a terra galega**. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, Colecção Origens e Destinos, n.º2, 1998.
- \_\_\_\_\_ - **José Maria dos Santos. E antes de “grande agricultor?”**. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, Colecção Origens e Destinos n.º3, 1999.
- \_\_\_\_\_, SOUSA, Aníbal - **Rio Frio, retrato de uma grande casa agrícola**. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, Colecção Origens e Destinos, n.º 8, 2006.
- CANELAS, Vítor (coord.) – **Património Natural do Concelho de Palmela**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 1999.
- CATROGA, Fernando - Memória, História e Historiografia. In D'ENCARNAÇÃO, José, coord. - **As Oficinas da História**, Coimbra: Colibri, Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra, 2002. p. 41-43.
- CLIFFORD, James - Diasporas. **Cultural Anthropology**. vol.9, n.º 3, 1994. New York: American Anthropological Association, 1994. p. 302-338.
- CÓNIM, Custódio - **Algumas características sobre a Qualidade dos Dados Censitários. Recenseamentos da população 1864-1970**. Lisboa: Portugal Estudos, Instituto Nacional de Estatística, 1980.
- \_\_\_\_\_ - **Portugal e a sua População I**. Lisboa: Alfa, Testemunhos Contemporâneos, 1990.
- CORDEIRO, Graça Índias – Antropologia Urbana entre a Tradição e a Prática. In CORDEIRO, Graça Índias, BAPTISTA, Luís Vicente, COSTA, António Firmino, coord. - **Etnografias Urbanas**. Oeiras: Celta, 2003. p. 3-32.
- COSTA, António Firmino da – Estilos de Sociabilidade. In CORDEIRO, Graça Índias, BAPTISTA, Luís Vicente, COSTA, António Firmino, coord. - **Etnografias Urbanas**. Oeiras: Celta, 2003. p. 121-129.

- COSTA, José C.P. – **Ser de Carlão: o espaço de pertença e as representações de identidade como fundamentos da tomada de consciência cultural**. Braga: Universidade do Minho, Março, 2002. Dissertação de Mestrado. [consult. 18 de Junho 2008]. Disponível em <http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/669>.
- Câmara Municipal de Loures - **II Jornadas sobre a Cultura Saloia: comunicações**, 6 e 7, Dezembro, 1996. Loures: Câmara Municipal de Loures, Museu Quinta do Conventinho, 1998.
- CREHAN, Kate - **Gramsci cultura e antropologia. A questão do “poder” e as relações entre cultura, sociedade e política**. Lisboa: Campo da Comunicação, 2004.
- CUTILEIRO, José [1971] - **Ricos e Pobres no Alentejo**. Lisboa: Sá da Costa, 1977.
- ESPEITX, Elena – Patrimonio alimentario y turismo: una realción singular. **Passos, Revista de Tyurismo e Património Cultural**, Vol. II, n.º 2. Zaragoza: Universidade de Zaragoza, 2004. p. 193 – 213.
- ESPERANÇA, Eduardo Jorge - **Património, Políticas e Práticas, para uma abordagem comunicacional**. Évora: Universidade de Évora, 1996. Resumo de Tese de Doutoramento.
- DIAS, Mário Balseiro - **Círios de Caramelos**. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, Colecção Origens e Destinos, n.º4, 2000.
- DUARTE, Rosália – **Pesquisa Qualitativa: Reflexões sobre o Trabalho de Campo**. Cadernos de Pesquisa. Rio de Janeiro: Departamento de Educação da Pontifícia Universidade Católica, n.º 115, Março, 2002. [consult. 18, Junho, 2008] Disponível em [www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100005&script=sci](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742002000100005&script=sci). p. 139 – 154.
- DORNELLES, Jonatas - Antropologia e Internet: Quando o “Campo” é a Cidade e o computador é a “Rede”. **Horizontes Antropológicos**, ano 10, n.º21 jan/jun. Porto Alegre: 2004. [consult. Novembro 2006] Disponível em [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0104-71832004000100011](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0104-71832004000100011). p. 241-271.
- DUFOUR, Dany-Robert - **A arte de reduzir as mentes**. 2005. [consult. Maio 2007]. Disponível em <http://diplo.uol.com.br/2003-10.a763>.
- \_\_\_\_\_ - **Da Redução das cabeças à alteração dos corpos – O homem modificado pela economia de mercado**, Le Monde Diplomatique, 2005. [consult. Maio, 2007]. Disponível em <http://www.monde-diplomatique.fr/2005/04/DUFOUR/12105>.
- FARINHA, Tiago, et al – **As Casas Caramelas. Arquitectura e História da Construção**. Junho, 2004.
- FONSECA, Inês - Festejar é pertencer ao povo dos Aivados! Memórias e Identidades numa aldeia Alentejana. Análise dos Momentos Festivos. **Arquivos da Memória. Ritos e Sociedade**, Primavera-Verão, n.º4, 1998. Lisboa: Centro de Estudos de Etnologia Portuguesa da Universidade Nova de Lisboa, 1998. p. 49-65.
- FORTUNA, António Matos (1930-2008) – **Memórias da Agricultura e Ruralidade do Concelho de Palmela**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 1997.
- \_\_\_\_\_ - **Marateca que já foi. Relato de antiguidades, curiosidades e vulgaridades, todas, porém, realidade de uma freguesia que é Mar ou Teca de velhas novidades**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Colecção Estudos Locais, 2002.

- \_\_\_\_\_ - **Quinta do Anjo Terra Singular**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Coleção Estudos Locais, 2005.
- FRIEDMANN, John, WEAVER, Clyde, - **Territorio y Function. La evolution de la Planificacion Regional**. Madrid: Instituto de Estudios de Admistracion Local, Coleccion "Nuevo Urbanismo", 1981.
- GEERTZ, Clifford – **The Interpretations do Cultures**. Londres: Fontana Press, 1993.
- GEOIDEIA – **Estudo sobre Situação e Expectativas dos Agentes Económicos Locais – Documento de síntese do Relatório Final**. Lisboa / Palmela: Câmara Municipal de Palmela, 2004.
- HALBWACHS, Maurice - **On collective memory**. Chicago: The University of Chicago Press, 1992.
- HALL, Stuart - A Identidade em Questão. In **Identidade Cultural na Pós-modernidade**. [consult. Julho, 2008]. Disponível em <http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/hall1.html>. p. 07-22. s/d.
- HOBBSAWM, Eric – Introdução: **A invenção das tradições**. S. Paulo: Paz e Terra. História, 1984. p. 09 – 23.
- INGOLD, Tim - The Eye of the Storm: Visual perception and the Weather. **Visual Studies**. Routledge, 20(2), 2005. p. 97-104.
- Instituto Nacional de Estatística – **Dados Estatístico sobre Concelho de Palmela**. Lisboa: 2001. [consult. Julho, 2008]. Disponível em [www.cm-palmela.pt](http://www.cm-palmela.pt).
- Junta de Freguesia de Pinhal Novo – **Orçamento de Despesa**. Pinhal novo: 2008.
- Junta de Freguesia de Pinhal Novo – **Plano Plurianual de Actividades**. Pinhal novo: 2008.
- Junta de Freguesia do Poceirão - **Os caramelos**. [consult. 16 Março 2008]. Disponível em [http://www.agrup-esc-marateca-poceirao.rcts.pt/freguesia\\_poceirao.htm](http://www.agrup-esc-marateca-poceirao.rcts.pt/freguesia_poceirao.htm).
- KIRSHENBLATT-GIMBLETT, Barbara - El patrimonio inmaterial como producción metacultural. **UNESCO - Museum Internacional. Intangible Heritage**, 221/222, 2003. p. 52-68.
- KURIN, Richard - La salvaguardia del patrimonio cultural inmaterial en la Convención de la UNESCO de 2003: una valoración crítica. **UNESCO - Museum Internacional. Intangible Heritage**, 221/222, 2003. p. 68-82.
- LIRA, Sérgio - Consumos culturais em finais de milénio: museus e exposições. CASA COMUM – 1ªS JORNADAS INTERDISCIPLINARES *O MILÉNIO*, 10 e 11, Maio, 2000. **Simbologia Contemporânea do milénio (o passado, o presente e o futuro) - Novas liturgias do consumo**. Porto: Universidade Fernando Pessoa, 2000. [consult. 15 Maio 2008]. Disponível em <http://www2.ufp.pt/~slira/artigos/milenionaufp.htm>.
- \_\_\_\_\_ - **Programas Culturais e Agenda Política dos Museus: estratégias de influência**. [consult. Junho 2008]. Disponível em <http://www2.ufp.pt/~slira/artigos/apom2001.htm>.
- LODY, Raul - **O limiar entre nostalgia e mudança. Artesanato Tradicional**. Outubro, 1996. [consult. 15 julho 2008]. Disponível em <http://www.fundaj.gov.br/geral/textos%20online/antropologia/lody.raul.pdf>.

- LOPES, Policarpo - **Portugal Holograma da Mobilidade Humana**. Lisboa: Editora Reis dos Livros, 1999.
- LOUREIRO, Joaquim Ferreira - **Mobilidade Interna da População Portuguesa. Os Livros de registo de passaportes do concelho de Penafiel (1770-1833)**. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 1997. Curso de Mestrado em História Contemporânea.
- MAGALHÃES, J. - **Dos Ranchos Migratórios em Portugal**. Lisboa: Universidade Técnica, Instituto Superior de Agronomia, 1956. Relatório Final do Curso de Eng. Agrónomo.
- MAGNANI, J. Guilherme Cantor - De Perto e de Dentro: notas para uma etnografia urbana. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, vol. 17, n.º 49, Junho, 2002. São Paulo: ANPOCS, 2002. p. 11-29.
- MASCARENHAS-KEYES, Stella - The Native Anthropologist: Constraints and Strategies in Research. In Anthony Jackson (org.) - **Anthropology at Home**. Londres: Tavistock, 1987. p. 180-195.
- MARQUES, Francisca Ester Sá - **Interpretação de produtos culturais. Contributos de uma abordagem etnometodológica aos estudos da comunicação**. Maranhão: Universidade Federal do Maranhão, s/d.. [consult. 24 Julho 2008]. Disponível em [www.bocc.ubi.pt/pag/marques-ester-abordagem-etnometodo.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/marques-ester-abordagem-etnometodo.pdf).
- MARTINS, Fernando Ribeiro; SOUTO, Henrique – **Os Agricultores – Pescadores da Carrasqueira (Estuário do Sado): Um modo de vida em extinção?**. 22, Outubro, 2000. [consult. 21 Abril 2008]. Disponível em [e-geo.fcsh.unl.pt/pdf/linhaad\\_henrique\\_souto\\_doc01.pdf](http://e-geo.fcsh.unl.pt/pdf/linhaad_henrique_souto_doc01.pdf).
- MARTINS, José Clerton – **Património Cultural e Identidade. Significado e sentido de lugar artístico**. Fortaleza, universidade de Fortaleza, 2007. [consult. Setembro, 2007] Disponível em [http://www.proximodestino.com.br/index.php?option=com\\_noticias&task=view&id=224&tipo=artigo](http://www.proximodestino.com.br/index.php?option=com_noticias&task=view&id=224&tipo=artigo).
- MATOS, Albano – A Identidade Saloia. **III Jornadas sobre a Cultura Saloia**, 6 e 7 Dezembro, 2000. Sacavém: Câmara Municipal de Loures, Museu de Loíça de Sacavém, 2002. p. 31 – 44.
- MENEZES, Marluci - **Mouraria, Retalhos de Um Imaginário**. Oeiras: Celta editora, 2004.
- MELO, Daniel - Longe da Vista, perto do Coração: o Associativismo regionalista no império português. In VII CONGRESSO LUSO-AFRO-BRASILEIRO DE CIÊNCIAS SOCIAIS, 16, 17 e 18, Setembro, 2004 - **A questão social no Novo Milénio: comunicação**, 2004. [consult. 07 Maio 2008]. Disponível em [www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/paine143/DanielMelo.pdf](http://www.ces.uc.pt/lab2004/inscricao/pdfs/paine143/DanielMelo.pdf).
- MONTEIRO, Nuno Neto - **A correspondência Expedida da Junta de Freguesia de Pinhal Novo em 1928 – Ano da Fundação**. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, Coleção Origens e Destinos, n.º5, 2002.
- MOREIRA, Raimundo Nonato Pereira – **História e Memória: Algumas observações**. [consult. 12 Agosto 2008]. Disponível em [www.fja.edu.br/praxis/praxis\\_02/documentos/ensaio\\_2.pdf](http://www.fja.edu.br/praxis/praxis_02/documentos/ensaio_2.pdf).
- MOREIRA, Carlos Diogo – Prefácio. In PERALTA, Elsa, ANICO, Marta coord. - **Patrimónios e Identidades. Ficções contemporâneas**. Oeiras: Celta, 2006. p. xiii – xiv.
- 
- \_\_\_\_\_ - O enigma de Teseu, ou as identidades questionadas. In PERALTA, Elsa, ANICO, Marta coord. - **Patrimónios e Identidades. Ficções contemporâneas**. Oeiras: Celta, 2006. p. 21 – 34.

- MURPHY, Bernice - Memória, Historia y Museos. **Museum Internacional, Diversidad Cultural y Patrimonio**, Vol LVII, n.º3/227, 2005. p. 66-74.
- NAER – Parte B. Rio Frio. Património Cultural e Construído. **Relatório Executivo do Estudo Preliminar de Impacto Ambiental do Novo Aeroporto de Lisboa** [consult. 23 Junho 2008] Disponível em [www.naer.pt/ngt\\_server/attachfileu.jsp?look\\_parentBoui=14431&att\\_display=y&att\\_download=y](http://www.naer.pt/ngt_server/attachfileu.jsp?look_parentBoui=14431&att_display=y&att_download=y)
- NASCIMENTO, Susana - **Raízes culturais do Pinhal Novo em forma de festa**. 13, Abril, 1998. [consult. 16 Março 2008]. Disponível em <http://www.setubalnarede.pt/content/index.php?action=articlesDetailFo&rec=6475>
- NARAYAN, Kirin - How Native is a “Native” Anthropologist?. In L. Lamphere, H. Ragoné & P. Zavella (orgs.) - **Situated Lives: Gender and Culture in Everyday Life**. Nova Iorque: Routledge, 1997. p. 23-41.
- NEDEL, Letícia Borges - Breviário de um Museu Mutante. **Horizontes antropológicos**, ano 11, 2005. Porto Alegre: 2005. p. 87-112.
- NOGUEIRA, Sandra - **A Cultura Material no processo educativo: museu, objectos e ofícios tradicionais na reconstrução de identidades**. [consult. 16 Julho 2008]. Disponível em [www.geocities.com/sandrix65/antropeduc1.pdf](http://www.geocities.com/sandrix65/antropeduc1.pdf).
- O'NEILL, Brian Juan - **Proprietários, Lavradores e Jornaleiras: Desigualdade Social numa Aldeia Transmontana, 1870-1978**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1984. p. 203-287.
- \_\_\_\_\_ - José Manuel Sobral, Trajectos: O Presente e o Passado na Vida de Uma Freguesia da Beira (1999). **Análise Social**, n.º 174, V. LX., 2005. Lisboa: ICS, Universidade Nova de Lisboa, 2005. p. 220 – 232.
- \_\_\_\_\_ - **Antropologia Social. Sociedades Complexas**. Lisboa: Universidade Aberta, 2006.
- PAIS, José Machado – Introdução. In PAIS, José Machado; BLASS, Leila Maria - **Tribos Urbanas. Produção artística e identidades**. Lisboa: ICS, Universidade Nova de Lisboa, 2004.
- PEIXOTO, Paulo - O património mata a identidade. In PERALTA, Elsa, ANICO, Marta coord. - **Patrimónios e Identidades. Ficções contemporâneas**. Oeiras: Celta, 2006. p. 65 – 74.
- PERALTA, Elsa – Memória do mar. Património marítimo e (re)imaginação identitária na construção do local. In PERALTA, Elsa, ANICO, Marta, coord. - **Patrimónios e Identidades**. Ficções contemporâneas. Oeiras: Celta, 2006. p. 75 – 84.
- \_\_\_\_\_, ANICO, Marta coord. – Introdução **Patrimónios e Identidades. Ficções contemporâneas**. Oeiras: Celta, 2006. p. 1 – 11.
- PEREIRA, Inês – Construção identitária em Rede. In CORDEIRO, Graça Índias, BAPTISTA, Luís Vicente, COSTA, António Firmino, coord. - **Etnografias Urbanas**. Oeiras: Celta, 2003. p. 157- 166.
- PEREIRA, Margarida - **Dinâmica Urbanística do Município de Palmela: Estudos de apoio à revisão do Plano director Municipal**. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Colecção Sociedade, Economia e Território, Junho, 2003.
- PÉREZ, Pereiro Xerardo - Patrimonialização e transformação das identidades culturais em Portela In CALDAS, J. E Castro, coord. - **Portugal Chão**. Oeiras: Celta, 2004. p: 231- 247.

- \_\_\_\_\_. - **Turismo, Cultura e Património Cultural**. 2004. [consult. Novembro, 2006]. Disponível em [home.utad.pt/~xperez/ficheiros/docencias/manual\\_de\\_turismo\\_cultural\\_2006\\_2007/GUIA\\_O\\_DO\\_TEMA6.ppt](http://home.utad.pt/~xperez/ficheiros/docencias/manual_de_turismo_cultural_2006_2007/GUIA_O_DO_TEMA6.ppt)
- PIMENTEL, Alberto, (1887) - **Memória e Administração do município de Setúbal**. Setúbal: Câmara Municipal de Setúbal, Biblioteca Pública Municipal, 1992.
- PIRES, Rui Pena – Processos de Integração na Imigração. In CORDEIRO, Graça Índias, BAPTISTA, Luís Vicente, COSTA, António Firmino, coord. - **Etnografias Urbanas**. Oeiras: Celta, 2003. p. 63-76.
- POLLAK, Michael - Memória, Esquecimento, Silêncio. **Estudos Históricos**, 2, n.º 3, 1989. Rio de Janeiro: 1989. [consult. Agosto, 2008]. Disponível em [www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/43.pdf](http://www.cpdoc.fgv.br/revista/arg/43.pdf). p. 3 – 15.
- PRATS, Llorenç (1997) - **Antropologia y patrimonio**. Barcelona: Ariel Antropologia, 2004.
- RAPOSO, Paulo – **Cultura Popular. Autenticidade e hibridização**. In COLÓQUIO CULTURA POPULAR EM CONTEXTO RURAL, Mafra, 9, Novembro, 2002. [consult. 25 Janeiro 2008]. Disponível em [pjp.raposo.googlepages.com/CulturaPopular.Autenticidadeehibridizao.pdf](http://pjp.raposo.googlepages.com/CulturaPopular.Autenticidadeehibridizao.pdf).
- \_\_\_\_\_. – A cultura está em todo o lado... e em lado nenhum. In 1º COLÓQUIO IBÉRICO DE BELGAIS, 16, Julho, 2004 – **A cultura e a Interioridade: comunicação**. Belgais: 2004 [consult. 12 Dezembro 2007]. Disponível em [pjp.raposo.googlepages.com/Aculturaestemtodoolado-Belgais.pdf](http://pjp.raposo.googlepages.com/Aculturaestemtodoolado-Belgais.pdf).
- \_\_\_\_\_. - **O papel das Expressões Performativas na Contemporaneidade. Identidade e Cultura Popular**. Lisboa: ISCTE, 2003. Tese de Doutoramento em Antropologia.
- \_\_\_\_\_. – **Passadores de cultura**. [consult. 15, Dezembro, 2007]. Disponível em [pjp.raposo.googlepages.com/Professorespassadoresdecultura.pdf](http://pjp.raposo.googlepages.com/Professorespassadoresdecultura.pdf).
- \_\_\_\_\_. – Pelos Trilhos do Bando. Contaminando Tradições. COMEMORAÇÕES DOS 30º ANIVERSÁRIO DO “BANDO” 15, Outubro, 2005 – **Dinâmica de realizações com as populações. Itinerância e realização de eventos**. Palmela: 2005. [consult. em Maio, 2008] Disponível em [pjp.raposo.googlepages.com/trilhosBando.pdf](http://pjp.raposo.googlepages.com/trilhosBando.pdf).
- REBORATTI, Carlos E.- Una cuestion de escala: sociedad, ambiente, tiempo y territorio. **Sociologias**, ano 3, n.º 5, jan/jun, 2000. Porto Alegre: Instituto de Geografia da Faculdade de Filosofia e Letras, 2000. p. 80-93.
- REIS, António – Irracionalismos. In REIS, António, coord. - **As Grandes Correntes Políticas e Culturais do Século XX**. Lisboa: Edições Colibri, Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003. p. 95-111.
- RIBAS, Tomaz – **Danças do povo Português**. Lisboa: Dir. Geral do Ensino Primário, 1961.
- RIBEIRO, Orlando, LISBOA, J. Ribeiro – **As transformações do povoamento e das culturas na área de Pinhal Novo**. Pinhal Novo: Junta de Freguesia de Pinhal Novo, Colecção Origem e Destinos, n.º1, 1998.
- RIBEIRO, Sérgio - A subordinação do poder político ao poder económico. In REIS, António, coord. – **As Grandes Correntes Políticas e Culturais do Século XX**. Lisboa: Edições Colibri, Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003. p. 73-91.

- ROSENDO, Maria Teresa coord. - **Memórias de Ferroviários de Pinhal Novo. Para a história da Vila e da Comunidade Ferroviária.** Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Colecção Estudos e Projectos Municipais, 2003.
- ROTA, Maria da Nazaré - **Estudos de Apoio à revisão do Plano Director Municipal de Palmela: Componente Sociodemográfica.** Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Colecção Sociedade, Economia e Território, 2002.
- SAMPAIO, Teresa - Memórias do habitar – Arquitectura e Vivência Caramela. **Boletim +Museu**, n.º(s) 4 e 5, 2005. Palmela: Câmara Municipal de Palmela, Museu Municipal, 2005.
- SILVA, Maria de Lurdes S. Pereira Reizinho e - **Mortalidade e Mobilidade Sócio-demográfica no Concelho de Setúbal no Século XIX.** Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999. Dissertação de Mestrado em Estudos da População e Demografia Histórica.
- SILVA, Maria de Lurdes S. Pereira Reizinho e - **Mortalidade e Mobilidade Sócio-demográfica no Concelho de Setúbal no Século XIX – Anexos.** Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 1999. Dissertação de Mestrado em Estudos da População e Demografia Histórica.
- SOBRAL, José Manuel - **Trajectos: O Presente e Passado na Vida de uma Freguesia Rural.** Lisboa: Imprensa das Ciências Sociais, Universidade Nova de Lisboa, 1999. p.17-38.
- SOUSA, Aníbal de (1988) - Pinhal Novo - um breve retracto. In **História de Palmela ou Palmela na História.** Palmela: Câmara Municipal, 14 a 15 de Março de 1987. p. 169 - 183.
- TADEU, Almeida Luís (coord.) - **1º Relatório Caracterização da Região de Lisboa e Vale do Tejo e da Região do Alentejo.** Lisboa: Instituto Superior Técnico da Universidade Técnica de Lisboa, 2002.
- TORRES, Cláudio - A história local como Identidade. In REIS, António, coord. - **As Grandes Correntes Políticas e Culturais do Século XX.** Lisboa: Edições Colibri, Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003. p. 63-70.
- TORRICO, Juan Agudo – Patrimónios e discursos identitários. In PERALTA, Elsa, ANICO, Marta coord. - **Patrimónios e Identidades. Ficções contemporâneas.** Oeiras: Celta, 2006. p. 21 – 34.
- TOUREIRO, Maria de Lurdes Batuca - **As Migrações como Condicionante da Dinâmica Populacional e da Estrutura Sócio-Demográfica: Uma freguesia do Concelho do Seixal – A Arrentela (1830-1900).** Lisboa: Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, Universidade Nova de Lisboa, 1998. Dissertação de Mestrado em Demografia Histórica e Social.
- TRIGUEIRO, Osvaldo Meira - **A espetacularização das culturas populares ou produtos culturais folkmediáticos.** [consult. 23 Julho 2008]. Disponível em [www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf](http://www.bocc.ubi.pt/pag/trigueiro-osvaldo-espetacularizacao-culturas-populares.pdf).
- TRINDADE, Luís - Vanguardismos e realismos. O lugar da realidade no tempo da revolução. In REIS, António coord. - **As Grandes Correntes Políticas e Culturais do Século XX.** Lisboa: Edições Colibri, Instituto de História Contemporânea da Faculdade de Ciências Sociais e Humanas da Universidade Nova de Lisboa, 2003. p. 113-128.
- URIARTE, Aingerru Zabala - La Ciudad y la História. La Conservación del Patrimoni. Cursos Internacionais de Verão de Cascais- **A Cidade.** Cascais, 2001. p. 11 - 30.

VEIGA, José Francisco Ferragolo - **Território e Desenvolvimento Local**. Celta: Oeiras, 2005

VILAÇA, Helena, GUERRA, Paula - **O Espaço Urbano enquanto contexto específico de dinamismos associativos: o caso das freguesias de Matosinhos e Leça das Palmeiras**. [consult. 16 Julho 2008]. Disponível em [ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1475.pdf](http://ler.letras.up.pt/uploads/ficheiros/1475.pdf).

**Audiovisual:**

**Arquivo de Fontes Oraís do Museu Municipal de Palmela.**

